

Gil Cleber

Sete lendas
sobre a Loucura

Contos



Sete Lendas Sobre a Loucura

Gil Cleber D. Carvalho



Sete Lendas
Sobre
a
Loucura

Contos



Arte final e capa: Gil Cleber
Ilustração da capa: detalhe de A Alegoria do Amor, de
Agnolo Bronzino.

Nota importante:

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Índice

Marina, o Espelho e a Morte.....	1
Um homem perseguido	6
A mulher que escrevia cartas	25
História de um crime.....	39
Vaidade.....	82
Sonho Demente	104
Destino	108

Marina, o Espelho e a Morte

(Um conto de fadas)

Naquela tarde, quando os mais velhos abriram a porta e entraram em casa, encontraram Marina comendo as pétalas das rosas que haviam colocado no jarro da sala pela manhã com uma gula de quem não comia há dias.

A agonia lenta de Marina começara há alguns anos quando, em certa manhã muito fria de junho, ela saiu para a rua e tirou toda a roupa, plantando uma bananeira nua no asfalto e ficando assim, em perfeito equilíbrio a balançar no alto as pernas muito brancas, enquanto os carros se detinham ocasionando um congestionamento e as pessoas olhavam a novidade com espanto.

Os mais velhos correram então para fora e a arrastaram de volta, trancando-a em casa, enquanto atrás de si a multidão começava a gritar numa onda incontida de risos e assovios.

Por mais que tentassem não conseguiram meter-lhe uma única peça de roupa: teimou em ficar ali, no canto da sala, aquele resto de dia plantando bananeira, e nua. Não comeu, e quando chegou a noite, também não dormiu. No outro dia pela manhã, por livre e espontânea vontade, Marina saiu de sua incômoda posição, mesmo porque havia aberto uma ferida na cabeça devido longo tempo apoiada no assoalho.

Não quis roupas, vestiu apenas uma camisola que lhe ia até o meio das canelas e mais lhe acentuava no rosto o ar de doença.

Foi a partir daí que Marina começou a morrer.

Ficava parada, quieta, sentada na poltrona ao fundo da sala, de onde quase não arredava o pé: levantava-se apenas para ir ao banheiro — e não apenas para usar o vaso, pois em algum momento escutavam o chuveiro aberto, e quando ela saía trazia os cabelos molhados: banho ela tomava regularmente, mas quanto ao resto, até a comida tinham de levar-lhe, porque não ia para a mesa com os outros.

Obstinava-se em comer com as mãos, e apenas uns bocados de arroz tingidos por um caldo de feijão. Adquiriu o hábito, após terminar, de emborcar o prato, espalhando os restos da comida no chão e sujando o tapete.

Passaram a cercá-la de jornal até que, para surpresa de todos, ela pareceu compreender e deixou de fazer aquilo.

A família agora não recebia visitas.

O estado de Marina afastara os amigos menos freqüentes, e até os mais assíduos foram se distanciando. Marina não saía da sala; ninguém queria vê-la pálida daquele jeito, magra, de olhos parados em sua própria morte. Podiam, por meio da força, arrastá-la dali, mas *“a amávamos, não podíamos atentar contra sua natureza. Se tínhamos de escolher entre os amigos da casa e ela, escolhíamos a ela”*, isto foi o que disseram os mais velhos quando ainda tinham paciência.

Nos raros momentos em que ressuscitava, Marina chorava e tentava balbuciar qualquer coisa:

— Ele foi o culpado...

Mas esses momentos eram tão repentinos e passageiros, que não se conseguia arrancar de sua boca maiores explicações. Marina via em seus pesadelos, que a silenciosa loucura não sugeria, a imagem *dele* rindo-se dela, rindo-se sempre, rindo-se...

Mas nada parecia estar acontecendo, porque no mais das vezes não se percebia em seu rosto a menor contração de dor, o menor acento de medo, nenhuma sombra de angústia...

Parecia que via sem ver.

Quem era ele, nunca pudera explicar; ninguém nunca descobriu.

Marina continuava ali, “morta”, sem dizer nada.

Em suas noites longas e iguais, ela dormia ali mesmo, sentada na poltrona. Os mais velhos haviam aprendido que era inútil tentar obrigá-la a dormir em seu quarto como seria natural: na única vez em que o tentaram, ela, sem soltar um único grito, nenhum gemido, nenhum resmungo, agarrou-se com unhas e dentes em móveis, cortinas, portais para não sair: parecia que o rosto fora talhado em pedra mas suas mãos tinham a mobilidade, a rapidez e a força de um desesperado, e mal a puseram na cama, levantou-se e retornou para a poltrona da sala.

Nos primeiros dias, constrangidos com a doença de Marina haviam perdido o prazer de assistir televisão. Nenhum deles tinha ânimo para sentar-se em frente do aparelho e ficar vendo o que quer que fosse, com a presença imóvel da outra no assento ao lado. Certa noite, porém, um deles arriscou-se a girar o botão, e logo a sala se iluminou, encheu-se de imagens coloridas que dançavam no vídeo, e um som alegre invadiu o recinto.

Aquilo pareceu chamar a atenção de Marina, despertá-la de sua ausência: atraída pelo som, ela se aproximou — para espanto de todos eles

— e ficou olhando muito séria para a tela, *“como se uma réstia de luz e vida entrasse em sua alma morta e escura”*, comentou um deles depois. Mas, qual nada! Para espanto maior ainda de todos ela apenas murmurou:

— Isso é coisa do diabo! — e benzeu-se. Em seguida, virou a poltrona de costas para a TV e sentou-se de cara para a parede. Nas noites seguintes, por mais que aumentassem o volume do aparelho, por mais que a música e as cores enchessem a pequena sala, Marina não deu nenhum sinal de vida.

— Só sabíamos que estava viva porque não fedia — disse um outro, tempos depois, entre os vizinhos.

Naquela tarde, quando eles a viram comendo as pétalas do ramalhe-te de rosas que haviam posto pela manhã no jarro da sala para enfeitar, a paciência esgotou-se. Curioso que muito pior que isso Marina havia aprontado sem que se resolvessem a tomar a atitude que tomaram então: antes que a doente percebesse, foi arrastada e trancada em um quarto com banheiro privativo, de onde não voltaria a sair, e cuja porta, depois desse dia, foi aberta raríssimas vezes.

Por uma abertura feita na parte de baixo da porta passavam um bocado de comida todos os dias, um jarro de água, alguns biscoitos, e só. Quando se punham a observá-la através de um buraquinho aberto com o arco de pua ao lado da fechadura, justamente para poderem vigiá-la melhor, não vislumbravam nela nenhum sinal de reconhecer o lugar onde estava (não era de duvidar que pensasse estar ainda na mesma sala de onde a haviam arrancado), e percebendo que nenhum mal podia advir disso, começaram a levar uma vida normal outra vez. Não se pode dizer que se esqueceram dela pois lhe passavam a comida sob a porta todas as manhãs, numa bandeja, retirando-a vazia à tarde: mas Marina havia saído para sempre de suas vidas, e aquele quarto era quase como se já não fizesse parte da casa.

Havia no quarto de Marina um enorme espelho quadrado, diante do qual, sentada no chão, ela se deixava ficar sempre com seu ar parado. Dentro do espelho, porém, Marina não via apenas a si mesma.

Alguém mais estava lá com ela: *ele* — como sempre o havia imaginado: alto e bonito feito um herói, que já não escarnecia dela: de dentro do espelho, sorria-lhe e a convidava para segui-lo.

Pela primeira vez, depois de muito tempo, quando olharam pelo buraco aberto na porta, descobriram um longínquo sorriso nos lábios de Ma-

rina e tiveram a impressão de que ela estava muito leve, quase flutuando, diante do espelho.

Durante o dia passava um pouco de luz do sol entre as persianas e, em frente do enorme espelho, Marina o via chegar, algumas vezes vestido de Cavaleiro da Távola Redonda, outras feito um nobre de alta estirpe, mas sempre figurando um herói, forte e belo.

Chegava e sorria para ela.

Agora que se conheciam melhor tratava-a com carinho, e nunca deixava de reiterar o convite para ir com ele.

Ela acolhia esses convites com alegria, seu coração vibrava de amor, mas hesitava ainda, ainda tinha dúvidas...

Durante a noite, mesmo no escuro, Marina demorava-se a sair da frente do espelho, pois ele poderia aparecer a qualquer momento, e de noite era muito mais bonito vê-lo chegar: vinha montado num cavalo feito de sombras, e passando num galope veloz acenava para ela.

Ela respondia ao aceno sorrindo aquele sorriso longínquo e feliz; só então fechava os olhos para dormir e esperar o próximo dia, a noite seguinte...

E agora quando a espiaavam, sem se preocuparem muito pois suas vidas haviam tomado rumos diferentes, os mais velhos notavam-na mais pálida, quase transparente, quase pluma.

Viam do buraco que fizeram na porta.

Uma tarde encontraram intacta a bandeja posta pela manhã sob a porta. O caso se repetiu no dia seguinte e por todo aquele resto de semana, e compreenderam que Marina já não precisava de alimentar-se — compreenderam com aquela capacidade que têm as pessoas de se livrarem de um peso, e apenas por desincargo de consciência continuaram colocando a bandeja de comida pela manhã para retirá-la intocada pela tarde.

Depois de vinte ou trinta dias, Marina era apenas uma sombra luminosa, tão etérea e transparente, e ao fim de dois meses, diante do espelho, parecia sentada num tapete voador: levitava.

Naquela tarde última, quando os mais velhos foram recolher a bandeja de sob a porta, olharam pelo orifício e de Marina viram que restava apenas um montículo no chão.

O que eles não sabiam, e nem depois do enterro souberam, foi que naquela tarde Marina vira inusitadamente dentro do espelho uma campina muito vasta e fresca, com árvores cheias de frutos e um regato; mil pássaros de plumagens coloridas cantavam entre os galhos, e no meio de tudo o

viu surgir: trazia pelas rédeas um fogoso cavalo de luz e a convidou outra vez para ir com ele.

Desta vez não teve dúvida: despojou-se de tudo que a pudesse impedir, atravessou a superfície do espelho e, montando o cavalo branco, depois do primeiro e tão esperado beijo e entre os mil pássaros que cantavam voando sobre suas cabeças, cavalgaram através da campina num galope veloz em direção da noite.

Um homem perseguido

Caminhou outra vez pelo meio da rua até a esquina espiando para o alto, para uma janela do terceiro andar, como se a qualquer momento esperasse ver alguém aparecer. Estava ali havia cerca de duas horas: chegara pouco depois das dez embrulhado num velho capote de veludo, e embora tremesse de frio e batesse os dentes, parecia obstinado em sua vigília, afirmando para si mesmo que se fosse preciso passaria toda a noite naquele mesmo lugar.

O prédio em frente não tinha boa cara, o bairro era miserável e de mau aspecto — pois a miséria não tem mesmo boa cara: muitos dias transcorriam antes que o caminhão da prefeitura passasse por ali; durante esses dias os sacos de lixo iam-se avolumando em frente das casas e dos edifícios, e logo um cheiro azedo espalhava-se pelo ar, atraindo gatos e cães famintos. Um enxame de moscas elevava-se de repente diante dos transeuntes que, não fosse o costume, certamente se assustariam pensando tratar-se de abelhas. As construções eram antigas e sombrias, e como já fizesse muito tempo que não levavam uma demão de tinta sua cor já desbotara, uniformizara-se, adquirindo todas as paredes esse tom indefinível de um ocre acinzentado, ora mais claro, ora mais escuro, de qualquer forma cheio de manchas de musgo e sinais de rachaduras no reboco. Com as janelas e portas não era diferente: a madeira também perdera a cor, em alguns lugares apodrecia, e para mantê-las fechadas o morador via-se obrigado a escorá-las por dentro com uma tranca ou um pau. Morava ali uma gente paupérrima que não podia arcar com despesas de reforma, e, como sói acontecer em bairros assim, eram também uma gente sem qualquer noção de higiene, de forma que viviam na sujeira, procriavam em meio dela como em seu *habitat*, já não estranhavam se o caminhão do lixo demorava-se uma semana ou duas a mais, e quem sabe até estranhassem e se sentissem incomodados se, de uma hora para outra, as ruas fossem devidamente limpas e urbanizadas, as casas reformadas e a aparência, em geral, se tornasse menos doentia.

Numa noite como aquela não haveria ninguém na rua, não estivesse ali nosso personagem a caminhar impacientemente de um lado para outro,

a espiar a janela daquele prédio cinzento e triste, adivinhando alguma luz detrás das persianas e imaginando sabe lá Deus o quê. O fato é que chegou ao fim da rua e retornou, evitando cuidadosamente as zonas iluminadas (diga-se de passagem mal iluminadas, pois as lâmpadas, além de fracas e amarelas, estavam em sua maioria queimadas). Encolhia-se sob as marquises para evitar que o vissem — precaução desnecessária, já que não havia mais ninguém por perto —, apertava os braços cruzados sobre o peito numa inútil tentativa de amenizar o frio, mas uma rajada cortante forçava-o a levantar a gola do capote e dessa maneira proteger-se um pouco melhor. Outra vez levantou os olhos para a janela, deteve-se embaixo de uma verga na calçada oposta e, apoiando-se na porta, demorou-se muito tempo em sua contemplação.

Como era de se esperar, ninguém abriu a janela. Duas horas mais tarde a luz mal entrevista detrás do postigo apagou-se, uma ventania mais forte sacudiu as árvores e, de súbito, caiu um aguaceiro que deixou nosso homem encharcado. A verga pouco abrigo lhe dava, o vento vinha de todas as direções derramando sobre si um verdadeiro dilúvio, e por mais que se encolhesse não conseguia esquivar-se nem proteger-se adequadamente.

Por fim desistiu: não era possível continuar ali, tinha de ir embora pois acabaria por pegar uma pneumonia; olhando uma última vez para a janela do terceiro andar prometeu a si mesmo uma terrível vingança (enquanto corria à procura de um ponto de ônibus, refletia sobre essa vingança, mas não conseguia encontrar motivo algum para tal. *“Por que terei pensando em vingança?”* perguntou a si mesmo, estacando de repente embaixo do temporal, atônito ao perceber que aquilo não fazia sentido algum. Mas em seguida o pensamento foi varrido de sua cabeça e ele voltou a correr).

Chegou em casa madrugada alta, tomou um banho quente, um café pelando, queimou a língua e meteu-se na cama. Espirrou duas ou três vezes, dormiu e pela manhã acordou gripado.

Dizer que acordou não é muito exato: abriu os olhos mal e mal, espiou com agonia o relógio na mesinha de cabeceira e viu que marcava nove horas. Fazia muito frio: embrulhou-se mais nos cobertores e virou-se para o canto, tossindo um pouco.

Ao abrir outra vez os olhos o relógio da mesinha indicava duas horas. *“Como é tarde”* pensou, sem contudo preocupar-se com o trabalho. Se viesse a ser despedido não tinha importância: a seu ver, um empreguinho medíocre como o seu — que, apesar de medíocre, era o que lhe proporcionava o

pão — não valia a pena ser mantido à custa de seus ideais, e o repetiu em voz alta:

— Não posso sacrificar meus ideais por um emprego desses! É humilhante! Não há cristão que agüente!

Contudo, mal pronunciou essas palavras sentou-se na cama e pôs-se a pensar no que dissera: “*Ideais... a que ideais me refiro? Ora, sim, eu tenho meus ideais, mas... a propósito de quê eu os meto agora na história?*”, e como não achasse resposta pôs lenta e penosamente as pernas fora da cama, procurou com os pés os chinelos que ficavam à beira e levantou-se. Uma repentina vertigem fê-lo desabar outra vez sobre os cobertores, e assim ficou, prostrado, cerca de cinco minutos, até sentir-se melhor. Por fim levantou-se: apalpando-se, notou que estava febril e a garganta inflamada produzira-lhe duas ínguas dolorosas sob o maxilar. Armando-se de ânimo, caminhou para a cozinha e começou a preparar o café.

Vivia só num apartamentozinho de periferia com apenas um quarto, uma saleta, a cozinha e um anexo que servia de banheiro, com um vaso sanitário e o chuveiro. Como não havia nesse anexo um lavatório, acostumara-se a escovar os dentes na pia da cozinha.

Agora mexia os ovos na frigideira, concentrava-se nessa atividade não permitindo espaço a outros pensamentos. Os pensamentos costumavam incomodá-lo às vezes, por isso na repartição preferia não ter de pensar. Gostava de que as ordens lhe chegassem mastigadinhas para cumpri-las mecanicamente, e assim não se saía mal.

Mexia os ovos, salpicava-os com o sal, observava as formas curiosas que se formavam no fundo da frigideira. Tinha fome, por isso precisava esquecer-se da garganta inflamada e esforçar-se para engolir. A comida não tinha sabor, o café parecia-lhe ralo e o leite enjoou-lhe o estômago mesmo sem levá-lo à boca. Escovou os dentes na pia, em cima dos pratos e copos que desde a véspera se acumulavam ali, e banzeiro voltou para a cama. Procurou na gaveta da mesinha de cabeceira um comprimido, teve de voltar à cozinha para dissolvê-lo na água, e metendo-se outra vez embaixo dos cobertores sentiu o quanto estava efetivamente resfriado. “*Vou ter uma pneumonia*” pensou, “*posso até morrer aqui sozinho, e tudo isso por quê?*”, e com a coberta puxada sobre o nariz ficou espiondo o teto encardido, como se viesse dali uma resposta.

Aos poucos voltava-lhe à lembrança a aventura da véspera: as vezes sem conta que andara para baixo e para cima na rua em frente ao prédio, a janela que lhe mostrava um pouco de luz mas que não se abriu, o frio que

passou embaixo daquela verga, e a chuva que lhe encharcou os ossos. “*Que fui fazer ali?*” pensou, desnordeado.

— Preciso voltar lá! — sentou-se na cama, a febre alta incendiando-lhe o rosto. Imediatamente sentiu muito frio, embrulhou-se nos cobertores e continuou sentado, pensando obstinadamente que tinha de voltar àquela rua na noite seguinte, mesmo à custa de sua vida, “*mesmo que for para ter uma pneumonia e morrer*”. No entanto não atinava com o que iria fazer lá, e isso o perturbava a tal ponto que, levantando-se da cama rapidamente, foi tomado por nova sensação de vertigem, perdeu o pé e caiu de comprido no assoalho, bateu com a cabeça numa quina e perdeu os sentidos.

Voltou a si já noite. Sentia uma forte dor de cabeça e levantou-se a muito custo, equilibrando-se mal e mal nas pernas bambas. “Maldição” murmurou entre os dentes, passando a mão na ferida, “machuquei-me de verdade” e examinou o ferimento com a ponta dos dedos por muito tempo, para avaliar a extensão e a profundidade do corte. Sentou-se na cama embrulhando-se outra vez com os cobertores. Não se lembrou de acender a luz: permaneceu sentado no escuro, imóvel e tremendo de frio, a cabeça vazia de pensamentos, até que começou a fazer um movimento pendular com o corpo para frente a para trás. “*Preciso voltar lá*” foi o primeiro pensamento que teve, pelo menos de que teve consciência depois de vários minutos. Levantou-se e passou para a saleta. Só então acendeu a luz: o velho capote estava encharcado, pendurado a um canto na guarda de uma cadeira. “*Não poderei usá-lo se resolver-me a sair*” pensou, e voltou ao quarto onde, aproveitando a luz escassa que vinha da saleta, procurou no armário um outro capote. O que encontrou foi um desses casacos antigos e ordinários de algodão, puído nos ombros e cujos bolsos já se soltavam. Faltavam ainda vários botões, que ele fora substituindo por alfinetes para mantê-lo fechado. Era, em tudo, pior que o anterior, mas estava seco e não possuía outro, por isso separou-o, deixando-o sobre a cama.

— Mas será mesmo preciso...?

E estacou no meio do quarto lembrando que a essa hora (o relógio indicava sete da noite) o porteiro estaria em seu posto e o veria passar. Sentiu um ódio repentino pelo porteiro, “*esse miserável que está sempre ali com suas botas de couro envernizadas e lustrosas como se fosse um... um...*”, não atinou com a que pudesse comparar o porteiro e calou-se. “*Mas que tem ele comigo? Que importa se me vir passar por ali? Acaso não sou um homem livre? Não posso ir aonde quero? Acaso tenho a polícia no meu encalço para que me veja obrigado a estar neste quarto o tempo todo, trancafiado?*”, e sem mais, ainda embrulhado em seu

cobertor atirou-se para a saleta, abriu a porta e saiu para o corredor. Desceu as escadas rapidamente, precisava certificar-se de que o porteiro encontrava-se em seu posto *“e com suas intoleráveis botas de couro envernizadas e lustrosas”*, e enquanto descia ia pensando maquinalmente *“botas de couro... botas de couro...”*. Mas à altura do segundo andar escutou passos de alguém que também vinha pela escada: a princípio indignou-se como se ele somente tivesse direito a transitar pelas escadas, *“afinal, não há elevadores? Por que há de alguém subir pelas escadas e incomodar-me?”*, mas refletindo melhor reconheceu que o elevador estava quase sempre em pane, motivo pelo qual deparava-se agora com um intruso a quem não desejava, em hipótese alguma, encontrar. Como evitá-lo, porém? Não podia esconder-se no fim do corredor, pois apesar de precária havia iluminação ali e ele seria visto. *“Deve ser alguém indo ao meu apartamento”* lembrou-se, pois naquele dia faltara ao trabalho, *“alguém por ordem do chefe vem saber o que está se passando”*. Mal o pensou, a lembrança converteu-se em certeza sem refletir ao menos que tal procedimento por parte da chefia seria incomum, e entrou em pânico: *“não podem ver-me aqui... dirão que estou fingindo... que faltei ao trabalho por desleixo, por preguiça... bem sei como é aquele homem perverso que a todos trata mal... para quem os empregados não passam de um mero instrumento sem outra serventia que não seja a de atender aos seus desejos sádicos... Não... não podem ver-me aqui, preciso voltar para casa e meter-me embaixo das cobertas... deixarei a porta aberta de propósito para quando baterem... então mando que entrem... que entrem e vejam em que estado me encontro, tudo por culpa deles, por culpa única e exclusivamente deles... e até simulo estar pior do que realmente estou... lá vou eu... lá vou eu...”* e enquanto formava seu plano retrocedia escada acima aos tropeções, entrava no quarto e caía na cama esbaforido, esgotado, sem forças, e ficava ali muito quieto.

Assim permaneceu por dez, quinze, vinte minutos, esperando. *“A qualquer momento... a qualquer momento...”*.

Esperou em vão: ninguém foi bater à sua porta.

— Devo ter-me enganado — resmoneou —, tanto melhor... isso mostra com quem lido e o que valem. Posso estar aqui morrendo que não se importam. Afinal não sou mais que um instrumento perfeitamente substituível. Quebrou-se a mola? Ora, troca-se por outra... ponha-se uma de melhor qualidade... que há de mais nisso? Molas de melhor qualidade existem às dúzias e são mais confiáveis, portanto troca-se e pronto!... Assim são todos eles... assim é que são, não devo importar-me, este é o mundo em que vivo! — e sentando-se novamente na cama fechou o punho e o brandiu a um inimigo imaginário à sua frente. Em seguida aquietou-se um

pouco, mergulhou os dedos entre os cabelos e sentiu a protuberância em sua cabeça. Parecia doer mais agora depois daquela corrida contra suas próprias forças em declínio escada acima; aliás, todo o corpo parecia doer-lhe terrivelmente, sentia-se extenuado. Esfregou o rosto com as mãos a ver se melhorava, piscou os olhos várias vezes, viu tudo rodar à sua volta. *“E no entanto... no entanto preciso saber se está lá o porteiro... se enfim poderei sair hoje... preciso ir até a portaria...”*, e agora todo o quarto rodava, e tão rapidamente que seus olhos turvaram e ele só teve tempo de acomodar-se da melhor maneira na cama.

Acordou confuso muitas horas depois com o minúsculo apartamento cheio de gente, e todos se revezavam à porta do seu quarto para espiá-lo. Bem à sua frente estava o chefe da repartição com uma gravata vermelha de muito mau gosto e uns óculos enormes de grau, que o olhava com severidade. Mais dois ou três colegas de trabalho também estavam ali, mas ele não conseguia lembrar-se do nome de cada um, conquanto os rostos fossem todos familiares. Esfregou os olhos para certificar-se de que estava acordado, e ao confirmá-lo sentiu imenso aborrecimento: por que fora deixar a porta do quarto aberta? foi a primeira pergunta que se fez. Não estariam todos aqueles curiosos ali se a tivesse trancado no momento em que entrara em casa.

— Que fazem todos aqui? — perguntou irritado.

— Viemos vê-lo, meu filho — disse o chefe no tom paternalista de costume, o que o deixou ainda mais irritado.

“Com que direito este animal vem chamar-me de filho? A acaso sou seu filho? A acaso trata-me como tal quando exige que eu digite seus intermináveis relatórios ou quando aponta erros imaginários de gramática apenas para diminuir-me perante os outros? Como se ele fosse um letrado, um erudito!”

— Como vêem, não estou bem — respondeu com rispidez —, poderiam ter-se poupado o trabalho de vir até aqui. E ter-me-iam poupado também esse aborrecimento — complementou, tentando pôr-se de pé, o que conseguiu após algum esforço.

— Você faltou à repartição hoje — disse uma cara conhecida, e nesse personagem ficou interdito: tal observação revelava cuidado ou censura? Que havia naquela voz que lhe pudesse dar a entender uma preocupação real com sua pessoa, seu bem estar ou, pelo contrário, uma repreensão velada? Examinou com desconfiança a cara do homem que acabava de falar-lhe, fazendo um esforço para lembrar-se do nome e do cargo que ocupava na repartição, mas não conseguiu.

Tal lapso de memória deixou-o inerte por uns momentos, sem atitude.

Um tanto desorientado deu dois ou três passos e chegou à porta: na sala havia mais gente, acotovelavam-se pelos cantos, tentavam passar por ele para entrar no quarto como se aí se desse algum espetáculo de domínio público muito interessante e que despertava a atenção e a curiosidade de todos; outros, porém, iam espiar a cozinha e o anexo que fazia a vez de banheiro, sempre — percebeu-o claramente — com ares reprovativos, e julgou mesmo ter ouvido alguém dizer qualquer coisa sobre como se podia viver em tal chiqueiro.

Eram quase todos estranhos: ali estava também um morador do prédio, um senhor do quinto andar com quem já conversara duas ou três vezes; os dois rapazes que acabavam de entrar em seu quarto passando por si, muito curiosos, eram seus vizinhos mas não tinha a menor intimidade com ambos, e a garota junto ao fogão não tinha ainda catorze anos, era muito mirradinha e morava no andar de baixo com uma avó rabugenta que o olhava de través quando se encontravam nas escadas ou no elevador. Não compreendia como a velha havia permitido à menina sair de casa àquela hora para ir até seu apartamento, mas não se sentia em condições de investigar mais esse mistério. Os outros eram desconhecidos, certamente amigos e parentes de seus vizinhos ou do chefe e dos colegas de repartição, mas não compreendia o que estavam fazendo todos ali.

— Quero saber o que querem vocês aqui? — perguntou de repente, ajeitando melhor o cobertor sobre os ombros. — Afinal um homem não tem mais o direito de estar só? Esquecem-se do que diz o artigo quinto da nossa constituição? Este é o meu asilo inviolável... tenho todo o direito a ele... portanto, todo mundo para fora imediatamente!

A voz saía-lhe arrastada e fraca, e ninguém parecia dar-lhe atenção, de forma que foi preciso tornar-se mais enérgico:

— Todos para fora, eu já disse! Estou doente e quero ficar só!

— Meu filho...

Ouvindo a voz do chefe às suas costas, a mão pousando-lhe no ombro, girou sobre os calcanhares tomado de fúria:

— Não me chame de filho! — exclamou, os olhos arregalados e febris, as faces escarlates. — Não tem esse direito... eu... eu...

— Não se exalte, companheiro — disse um dos colegas de repartição, cujo nome não se recordava —, ninguém aqui quer seu mal...

— Pois se são todos tão bondosos e querem o meu bem, por que não se retiram? Não vêem que estou doente e que preciso restabelecer-me?

— Mas você faltou à repartição hoje — repetiu o outro a mesma frase de há pouco.

“Outra vez” ele pensou, *“outra vez me censuram... outra vez me recriminam ter ficado doente e faltado ao trabalho... então não tem um cristão o direito de ficar doente vez em quando? Devo dar satisfações a todos do meu estado de saúde? É certo que não... e isto não pode ficar assim... é preciso ir à forra, mostrar a ele... sim, tenho de mostrar a ele...”*

— Um momento — nosso homem começou a dizer —, um momento... todos... silêncio, por favor...

Então todos se voltaram em sua direção, e os que estavam no quarto retornaram à saleta para ouvi-lo. Mas ele não prosseguiu: deu-se conta da situação ridícula em que se achava, ali, de pé no meio do aposento estreito embrulhado num cobertor, com a pior aparência possível e preparando-se para discursar, enquanto seus incômodos visitantes se espremiavam à sua volta e se preparavam por sua vez para rir dele.

“Sim” convenceu-se desta nova verdade, *“estão todos aqui para rir de mim... irão rir de mim até o final dos tempos!... Que figura faço neste estado a não ser esta, triste e risível e que, por isto mesmo, não é capaz de despertar nem mesmo piedade, mas somente o riso?”*, e olhou em volta, julgando ver em todas as caras a sombra da gargalhada que logo explodiria, o escárnio velado que desejariam lançar sobre seus andrajos. *“Não poderei permitir que riam de mim, não aqui, dentro da minha própria casa... eu lhes direi isto, assim mesmo... e com todo o ódio que sou capaz de sentir...”*

— Saibam — começou elevando a voz que, contudo, saía ainda fraca devido à febre e à fraqueza geral —, saibam os senhores que não têm o direito de vir aqui... — e calou-se porque não era bem isso que desejara ter dito. Como de costume embrulhava-se com as palavras, dizia o que não pensava e o que deveria ter dito atolava-se em sua garganta, perdia-se de seu pensamento, emudecia.

— Meu filho — tornou o chefe da repartição aproximando-se um passo, de forma que ficaram quase cara à cara —, ninguém aqui está para contestar seu direito de estar só... é que nos causou, a todos, preocupação...

E o que era isso agora? ele se perguntava, olhando perturbado o chefe da repartição; por que aquele homem perverso insistia em tratá-lo afetuosamente de filho, como se o estimasse? Não deveria jogar-lhe em rosto suas maldades e grosserias no trabalho, ali, diante de todos, para expô-lo ao ridículo e fazer cair-lhe a máscara de homem direito? (Poderia até

mesmo dizer algumas coisas que ouvira a seu respeito — conquanto não tivesse prova absoluta da veracidade de tais informações —, um segredinhos sujos que ele escondia debaixo da capa de gente bem. Soubera por exemplo que o homem, apesar de casado e de freqüentar a igreja aos domingos, mantinha um relacionamento duvidoso com certa senhora das vizinhanças... O que o impedia de fazê-lo e assim reduzir aquele verme à sua verdadeira condição?) Mas diante de si estava a face tranqüila e bondosa do chefe — ali estavam seus cabelos grisalhos, seus olhos claros e sua expressão contristada, e ele o olhava penalizado. Então titubeou.

— Não me obrigue, senhor... não me force a...

— Acalme-se, rapaz — interpelou-o um dos colegas de repartição que, ao contrário do chefe, não parecia ter muito boa vontade com ele.

Assombrado com tal intervenção, encarou desafiadoramente o funcionário e chegou mesmo a sorrir. Fizera-se de momento uma situação de suspense em que todos prestavam atenção em nosso personagem, aguardando sua reação, enquanto este desafiava o outro com um olhar arrogante e um sorriso zombeteiro. Dando-se conta de que se convertera subitamente no centro das atenções, e que todos dentro do apartamento aguardavam sua resposta, exclamou:

— Ah, mas eu os compreendo bem! — e olhou à sua volta, encarando um a um os presentes para certificar-se de que todos escutariam seu discurso, o protesto que tinha agora na ponta da língua. — Sim, eu os compreendo muito bem!... Qual preocupação!... Bem sei que tipo de preocupação deve tê-los movido a virem todos até aqui, espionar minha desgraça! Mas saibam que não estou disposto a sacrificar meus ideais... pois eu tenho ideais, e talvez mais elevados que os senhores...

— Meu filho — tornou o chefe da repartição —, por favor! Que história é essa agora de ideais? Quem está falando em ideais?

— Eu estou! — ele retrucou com ainda mais altivez. — Sim... os meus ideais... enfim, um empreguinho como o que me deram... e acham que devo ser-lhes grato ao pão mofado que me permitem comer!...

— Garoto, garoto! — disse o chefe da repartição com um sorriso de piedade, percebendo o estado de desequilíbrio em que seu funcionário (“um bom moço” comentaria mais tarde, “bom funcionário, muito eficiente até, e que nunca nos deu motivos de queixa...”) se encontrava. — Não se exalte... só queremos que você se trate, vemos o quanto está doente. Tem até febre, vê-se pela vermelhidão de suas faces... Chamaremos um médico, se for preciso.

— Sim — adiantou-se uma senhora gorda com um mantô vermelho sobre os ombros, inteiramente desconhecida que acabava de atravessar a porta —, chamaremos um médico, um bom médico. Aliás, já tomei tal providência ao ser informada de haver aqui uma pessoa doente.

E essa agora! Como aquela mulher gorda que jamais vira na vida — que certamente não morava no prédio e aparecia ali pela primeira vez — podia saber de sua doença? Adiantou-se um passo na direção da mulher:

— Senhora, como...?

— Não, o senhor não precisa se preocupar — retorquiu a mulher pegando-lhe na mão —, eu mesma pagarei as despesas! Você deve pensar somente em cuidar de sua saúde. Restabelecer-se — e enquanto falava arrastava-o delicada mas persistentemente para o quarto —, pois todos o estimam muito e seus serviços no escritório são indispensáveis.

Agora estavam de novo no quarto e a mulher do mantô vermelho o empurrava para a cama, quase forçando-o a deitar-se. Vários dos presentes — e entre eles a menina mirradinha que o encarava agora com uma atitude desconfiada, nas mãos um copo de leite fumegante que ia bebendo aos pouquinhos como para evitar queimar a língua — haviam-no acompanhado e se apertavam no cômodo estreito para ver como terminaria a coisa, e neles nosso personagem, cada vez mais perturbado, julgou vislumbrar uma ponta de escárnio, *“de novo o riso... de novo o riso, meu Deus, de novo...!”*, e não teve dúvida de que todos estavam mancomunados para expô-lo ao ridículo, aquela mulher gorda apenas cumprindo o seu papel na comédia. *“Foi ele!”* pensou, olhando em volta e deparando com o chefe da repartição, *“sim foi ele... é tudo culpa dele, que deseja desmoralizar-me e com isso arranjar-me uma justa causa...”*, e, de novo encarando a mulher gorda julgou reconhecê-la, *“é ela! Está confirmado! É a mulher com quem ele mantém uma relação suspeita... são amantes e articularam essa situação miserável em que me encontro para destruir-me... vai ver que foi justamente ela que mandou-me àquele lugar... onde apanhei chuva por várias horas e acabei doente... Céus, como todos se voltam contra mim! Mas que lhes fiz eu para merecer tal traição?... Odeiam-me por quê?... Que lhes fiz eu!”*, e convencido disso reagiu com ímpeto:

— Senhora! Liberte meu braço! Afaste-se!

— Mas...

— Afaste-se, afaste-se!!

— Oh!...

— Saibam que o que está em jogo não é o pão negro que me dão por esmola, mas os meus ideais... saibam disso! Afastem-se todos — e,

dando de braços, avançou um ou dois passos resolutamente para o meio do quarto. — Sou um homem livre! — exclamou novamente, mas nesse momento o cobertor deslizou dos seus ombros, caiu no chão, deixando-o exposto a todos os olhares: vestia uma camisa de meia muito encardida e gasta, puída na gola e com furinhos à altura da barriga, e um calção branco rasgado na frente, quase deixando à vista suas indecências. Percebeu o quanto estava magro e que patética era sua aparência, mas ao mesmo tempo o quanto era lamentavelmente engraçada a situação.

A mulher gorda, contudo, não achou graça nenhuma: numa reação inesperada, tomada de grande irritação, assentou-lhe um tabefe na cara:

— Mal agradecido! — e saiu empinando o nariz, deixando o quarto e a casa.

Diante de sua confusão todos começaram a rir e o pobre homem se viu perdido: sem forças para combater seus inimigos recuou, atoleimado, olhando em volta como se esperasse bordoadas de todos os lados. “Não se espanca um cão, um pobre cão doente... os senhores sabem...” chegou a murmurar, e de fato não estavam ali para isso. No entanto, começaram a rir de seu embaraço e redobram as risadas quando ele, caminhando de costas, deu com a cama e caiu sentado. “Calem-se” murmurou — pensou ter murmurado, pois sua voz não saíra —, mas não se calavam. Agora todas as pessoas que estavam na casa entravam no quarto, empurrando-se às vezes até com violência, mas sem parar de rir, e logo o estreito cômodo encheu-se de gente. A garota mirradinha estava entre os primeiros e foi involuntariamente empurrada por alguém. O copo escapou-lhe das mãos e derramou-se no colo do nosso pobre enfermo, que olhou confuso o líquido morno escorrer-lhe pernas abaixo. Este novo incidente aumentou a hilaridade geral exasperando-o a tal ponto que, num repente, levantou-se furioso e gritou com o resto de suas minguadas forças:

— Parem! Calem-se todos! Todos para fora! — e atirou-se contra o primeiro que encontrou pela frente. Foi então que o quarto escureceu de súbito e ele se viu sozinho: abriu os olhos.

Respirou fundo.

“Um sonho... ó Senhor, foi apenas um sonho... graças a Deus... foi só um sonho, um mau sonho, mas não mais que isso.”

Apalpando-se, viu que havia urinado na cama.

“Não faz mal... não faz mal... foi só um sonho... ninguém esteve aqui... não zombaram de mim, não se riram da minha desgraça nem da minha miséria...”

Acendeu a luz e olhou para o relógio: dez e meia.

“Preciso voltar lá, hoje... é absolutamente necessário... mas antes... o porteiro... ainda tem o porteiro...”

E ficou de pé, desta vez com cuidado, pois ainda sentia a cabeça doer. *“A febre anda produzindo-me delírios...”*. Despiu a roupa urinada e atirou-a para um canto, mas não se lavou: vestiu uma muda de roupa limpa. Calçou umas meias grossas, próprias para inverno e meteu os pés num par de sapatos em melhor estado para andar pelas ruas úmidas. Apanhou o capote que fora parar sabe Deus como embaixo da cama, tarefa bastante dificultada tanto pela dor em todo o corpo que lhe causava o esforço de abaixar-se, quanto pela sensação de vertigem que sobrevinha. Endireitou-se a custo e saiu para a saleta, ganhou o corredor e pôs-se a descer as escadas. Já não se preocupava com o porteiro, conquanto ainda refletisse que se estivesse em seu posto haveria de vê-lo sair e viria em sua direção com suas botas de couro lustrosas, o solado de pneu rangendo no piso encerado. Como de costume faria uma pergunta fútil qualquer e ficaria espiando-o pelas costas enquanto se afastasse. Essa mania do porteiro de imiscuir-se no assunto dos outros irritava-o, porque era bem esse o seu hábito: punhasse a vigiar os moradores para abordá-los sem qualquer motivo e, com indiretas, tentar arrancar-lhes alguma coisa, alguma informação que mais tarde serviria de divertimento — tolo divertimento por sinal, de que não se dava conta seu espírito obtuso — comentando-a no botequim em frente. Mas não chegou a meio do caminho até embaixo e sentiu-se mal. Apoiou-se na parede para não rolar escada abaixo, e assim esteve por uns bons minutos, hesitando entre prosseguir e retornar para casa. *“É absolutamente necessário...”* começou murmurando, mas a febre parecia aumentar, tornando-lhe os membros mais lassos, as pernas frouxas, o corpo pesado já não obedecendo à sua vontade.

— Mas o que eu vou fazer lá, afinal? — disse em voz alta, tentando firmar os olhos para adiante, esforçando-se em recuperar o domínio de si. — Por que tanta urgência...?

Continuou apoiado na parede, banzeiro, o rosto em brasa. *“Não é preciso...”* Então escutou alguém abrir uma porta e batê-la em seguida num dos andares de cima. *“Alguém vai descer”* foi seu primeiro pensamento. *“Vão encontrar-me aqui, vêm-me doente e a título de me prestarem um favor arrastam-me de volta para casa, invadem os meus domínios... é assim sempre, é desse jeito que fazem, oh! é horrível, é horrível!”* E decidiu descer até o primeiro andar e daí esconder-se no playground onde, àquela hora e com aquele frio, não haveria certamente ninguém. *“Ali estarei seguro, mesmo porque não deixam as luzes acesas*

depois das dez". Desceu os degraus dois a dois apoiando-se atabalhoadamente nas paredes, entreviu a entrada do *playground* e mergulhou por ela, indo esconder-se num canto retirado, detrás de uma larga coluna. Estava convencido agora de que havia uma conspiração para encurralá-lo nos corredores do prédio e impedi-lo de sair, "*decididamente há uma conspiração... talvez não queiram que eu volte lá...*", o prédio subitamente convertia-se num labirinto entre cujas paredes acabaria por perder-se se não tivesse cuidado.

Recostou-se na coluna e deixou-se escorregar lentamente até o chão, permanecendo agachado algum tempo e depois sentando-se no cimento frio. "*Isso vai fazer-me piorar...*" pensou, levantando a gola do capote, embrulhando-se mais nele pois acabava de receber em pleno rosto uma rajada úmida e fria. Espiou a noite: o céu parecia turvo, não chovia mas ventava muito e o frio intensificara durante o dia, de modo que agora seria insuportável a quem não estivesse bem agasalhado. "*Mas a quem pode interessar que não volte lá?... Vejamos...*" Mas novas rajadas de vento o fustigaram, forçando-o a interromper o curso de suas investigações e levantar-se à procura de melhor abrigo. "*Não posso ficar aqui... há de me fazer mal...*" e lembrou-se de que o porteiro, aquele homenzinho vulgar e intolerável cuja recordação fazia ferver-lhe por dentro um ódio incontrollável, "*se o tivesse à mão, esganava-o em dois tempos*", aquele homenzinho, portanto, estaria agora em sua cabine, agasalhado, instalado com todo conforto, assistindo TV e tomando um café forte e quente, "*e certamente exibindo com orgulho suas botinas... e bisbilhotando para ver quem sai e ir fuxicar... como se um tipo daqueles tivesse o direito... mas não... não posso ficar aqui, decididamente não posso continuar neste frio... embora o corredor e as escadas representem um grande perigo, preciso evadir-me... como enfrentar esse perigo e voltar para casa agora?*"

Recebendo pelas costas rajadas frias encaminhou-se para a saída, espreitou o corredor e num salto ganhou as escadas. Não se arriscou a iniciar a subida imediatamente, pois seus perseguidores poderiam rondar por ali e surpreendê-lo, "*não adianta canalha! Não me deixarei agarrar facilmente!*", e ficou escutando com atenção. Escutou assim cerca de três ou quatro minutos, mas nenhum ruído denunciou-lhe a presença de quem quer que seja. A ausência de ruídos ao invés de acalmar-lhe os nervos, tranqüilizando-o, excitou-o ainda mais e decidiu que por enquanto não se arriscaria pela escada. "*Estão à espreita... fazem silêncio para que eu caia na armadilha. São ardilosos... mas eu os conheço muito bem, sei de suas manhas, não será ainda desta vez...*" e decidiu retornar ao esconderijo. Abrigou-se o melhor que pôde detrás de uma das colunas centrais e ali, agachado no escuro, encolhido e tiritando,

começou a traçar um plano para se ver livre e poder voltar para casa. *“Como fui tolo em sair para o covil dos lobos... sim, porque são todos uns lobos famintos mostrando as dentuças... não, não sorriem para você, mostram-lhe as dentuças, como se pretendessem devorá-lo...”*. Concluiu que seria necessário despistar seus perseguidores, fazendo-os acreditar que se havia evadido por uma passagem desguarnecida; todos acorreriam então e ele estaria livre. *“Uma vez dentro de casa, tranco-me, e não me agarram mais...”* Como executar, porém, o plano elaborado? Lembrou-se de que o porteiro àquela hora estaria em sua cabine, *“é ele quem se comunica com os outros, porque está envolvido nisso com certeza; não é um dos cabeças por ser obtuso demais, mas está envolvido”*; seria portanto conveniente chamar sua atenção, e descobriu como ao observar sobre o parapeito um vaso com flores: sim, era isso, bastava derrubar o vaso em meio às árvores do jardim, ouvindo o barulho correriam para investigar, deixariam o caminho livre e ele poderia chegar em casa em segurança. Passou imediatamente à ação: correu até o parapeito, já não se importava com as rajadas de vento, empurrou o vaso de flores que despencou com estrondo em meio às árvores, e pôde ver quando algumas pessoas — entre as quais o porteiro, tendo tempo até de avistar suas botinas reluzentes — saíram correndo para ver o que havia causado aquele ruído. *“Estão todos lá! Urubus! Peguei-os desta vez”* e num galope alcançou o corredor, subiu as escadas num só fôlego, entrou em casa trancando a porta atrás de si. *“Não me pegam mais... não me pegam mais...”*

Mas suas vistas turvaram de repente e ele desabou no chão da sala.

“Onde estou? Que estarei fazendo deitado aqui?” ele pensou quando de novo abriu os olhos e, no escuro, não reconheceu sua própria casa. Tentou pôr-se de pé, mas estava fraco demais para isso, *“como vou fazer para voltar para casa?”*, e pôs-se a gatinhar no aposento estreito. Aos poucos, porém, foi se recordando dos últimos acontecimentos *“estive encurralado...”* e deu-se conta enfim de onde estava. Arrastou-se até o quarto e agarrando-se nas pernas e nas guardas da cama, conseguiu deitar-se outra vez. Puxou os cobertores, embrulhou-se bem e começou a tremer, *“frio... faz um frio terrível... oh, Deus, que frio está fazendo!”*. Além do frio doíam-lhe os membros, as articulações, a cabeça, os gânglios sob o maxilar, os olhos latejavam e a faces pareciam pairar acima de um braseiro, *“não sobreviverei... amanhã me encontrarão morto aqui... e aí poderão rir de mim... terão tirado sua desforra e poderão rir de mim à valer... mas uma coisa eu lhes atiro em rosto com minha morte... apesar de tudo, eu*

soube preservar a chama dos meus ideais... e depois que terminarem de rir como hienas... depois olhar-se-ão entre si, mudos, reconhecendo minha vitória... ”.

Após alguns minutos sentou-se na cama e acendeu a luz. “Duas horas... ainda custa amanhecer”. Apagou a luz e voltou a deitar-se na mesma posição. Lembrou-se de sua deliberação em voltar “lá” naquela mesma noite, apesar de seu estado de saúde, mas sentia-se fraco demais para levantar-se, além do que as dores o obrigavam a permanecer deitado quase imóvel. “Foi tudo um plano, um ardil em que caí direitinho” pensou, lembrando-se da mulher do mantô vermelho já não distinguindo entre o sonho e a realidade. “Sim, um ardil... um homem não pode ter ideais... tem de ser obtuso para aceitar o mundo sem questioná-lo, pois do contrário armam-lhe ciladas... e eu caí feito um patinho”. Agora estava certo de que a mulher do mantô vermelho era o caso secreto que o chefe da repartição mantinha, “apesar de passar por chefe de família respeitável e comungar aos domingos. Grande safado!” e que ambos se puseram de conluio contra si, “pois temem que eu lhes vá delatar as sem-vergonhices”, sendo talvez os dois principais responsáveis pela conspiração que armavam à sua volta. Isto de certa forma, apesar de afligi-lo pois, doente como estava, via-se completamente indefeso, fazia acordar em si o orgulho, essa espécie de orgulho que os grandes mártires sentem no cadafalso quando executados por suas idéias revolucionárias, o orgulho de saber que apesar da morte injusta “a semente fora lançada em terra fértil e logo germinaria. Eu também lancei minha semente... contra tudo e contra todos... lancei minha semente...”

Ao acordar passava do meio-dia, e não se lembrava de nenhum dos episódios da noite anterior. Mal conseguiu sentar-se na cama: o quarto parecia um carrossel, a garganta doía-lhe, as faces estavam em fogo e a dor de cabeça estendia-se para os olhos, as faces e os dentes. Apoiando-se nas paredes arrastou-se até o anexo que servia de banheiro e, por duas vezes, quase foi ao chão. Havia ali, acima do vaso, um pequeno armário em cujo espelho contemplou suas faces escaveiradas, os olhos enormes e remelentos, os cabelos eriçados e úmidos de suor. Dentro do armário encontrou alguns analgésicos, que engoliu dissolvidos numa colher d’água pois a garganta inchada não permitia a passagem de nada sólido. Voltou para o quarto e estirou-se na cama.

“Meu Deus! Não poderei trabalhar hoje... é preciso avisar alguém do escritório...”

Não voltou a dormir e, pouco a pouco, umas imagens confusas começaram a formar-se em sua cabeça. Lembrou-se de que haviam estado ali algumas pessoas na noite anterior, “que terão vindo fazer aqui?” perguntou-se,

mas logo em seguida refletiu que tudo poderia muito bem ter sido um sonho pois raramente recebia visitas, ainda mais à noite. *“Havia uma mulher gorda vestindo uma espécie de capa vermelha ou coisa assim...”* embora ele não conhecesse mulher nenhuma com tais características, *“a menos que seja alguma nova moradora...”*, mas não, corrigiu-se, pois há pelo menos três ou quatro meses não surgiam moradores novos no prédio. *“Devo ter sonhado...”*, mas agora recordava-se da perseguição nas escadas e de uma conspiração contra si para mantê-lo ali aprisionado, pois em seu sonho era alguém que tinha idéias perigosas e não podia ficar à solta. Todas essas lembranças, porém, vinham-lhe espaçadamente, embaralhavam-se e ele custava muito reuni-las com alguma coerência. Lembrou-se então de que há alguns dias vira uma mulher gorda no ônibus, e como fizesse frio cobria-se justamente com um capote vermelho. A mulher sentara-se uma fila de bancos adiante e vez por outra voltava-se para ele e o encarava, como se o conhecesse e quisesse lembrar-se de onde. Mas não se demorou e, levantando-se, desceu no ponto seguinte; desde então não voltou a vê-la. Quem seria?

“Seria a mesma?”, mas agora estava em dúvida se a mulher do ônibus seria a mesma com quem sonhara, pois a que estivera em sua casa no sonho parecia muito mais gorda e talvez mais velha, ainda que o capote vermelho fosse semelhante. Suas pálpebras agora começavam a pesar, sentiu uma sonolência e logo um profundo sono fechou-lhe os olhos. Dormiu muitas horas, acordou noite fechada e com uma fome que lhe doía no estômago. *“Não poderei, contudo, engolir... tenho a garganta muito inchada e dolorida...”*, mas mesmo assim levantou-se, aprumando-se nas pernas, e dirigiu-se até a cozinha. Sentia-se melhor, a febre baixara, as dores no corpo haviam diminuído, mas uma fraqueza geral o abatia e ele não conseguiu ter-se em pé por muito tempo. Sentou-se num tamborete enquanto dissolvia em uma colher de água outro comprimido, e concluiu que estar só era difícil em certas situações. Não seria melhor casar-se?, pensou. Havia uma moça, porque, enfim, era homem e sempre há moças na vida de um homem, mas levar uma boa moça para uma casa como aquela não era coisa que se cogitasse, *“ela certamente haveria de cansar-se logo de estar aqui”*, e resolveu deixar de lado, pelo menos por enquanto, a idéia do casamento, engolindo o remédio com uma careta. *“Uma canja... sim, uma canja descerá bem...”*, mas ao ficar de pé sentiu outra vez uma ligeira tontura e teve medo de cair como no dia anterior, *“pois não há dúvida, o tombo foi real, bem real”* (apalpou o inchaço na parte posterior do crânio). Ainda que lhe doesse o estômago, decidiu voltar para o quarto.

Outra vez deitado no escuro e, súbito, lembra-lhe outro sonho: era noite, fazia um frio insuportável e ele, feito um doido, andava para cima e para baixo numa rua, em um bairro miserável, diante de um prédio cinzento, sombrio, espreitando da rua uma janela no terceiro andar. Sabia que fora até ali por alguma razão, mas não conseguia atinar com qual; vigiava a janela como se em algum momento alguém fosse aparecer, embora não soubesse o motivo, mas as horas se passavam, nada acontecia e ele continuava lá, para baixo e para cima, até que a luz por trás da janela apagou-se e ele viu que era inútil continuar sua vigília. De repente caiu um aguaceiro e ele tentou abrigar-se sob uma verga, mas fora inútil: logo estava encharcado até os ossos e teve certeza de que iria adoecer. *“Só me ocorrem pesadelos...”*, embora esse sonho o deixasse intrigado, pois havia algumas peças de roupa molhadas postas a secar na saleta, sinal de que havia apanhado chuva; não estava bem certo, porém, de como isto se dera. *“Só se foi quando vim da repartição...”*, sim, e já concluía que fora isto mesmo o que ocorrera, devia ter sido na volta para casa no dia anterior, pois tivera de fazer serão — lembra-se vagamente — para concluir um relatório qualquer que o chefe havia deixado sobre sua mesa. Ao deixar a repartição começava a armar temporal, e ele não conseguira apanhar o ônibus que fazia ponto ali próximo. *“Sim... devo ter perdido o ônibus... então choveu e eu... foi isso... deve ter sido isso...”*, mas a certeza esvaía-se outra vez, pois não se recordava absolutamente da chuva, e isto o deixou confuso. Contudo, conjecturava, devia ter apanhado chuva, e como fizesse muito frio resfriara-se, tivera delírios e pesadelos, entre os quais aquele no qual se via caminhando feito um doido rua abaixo, rua acima, espreitando uma janela sem saber ao certo para quê. O sonho intrigava-o principalmente pela aparência de realidade, *“como se eu tivesse de fato estado lá”*, e não saber por que estivera vigiando aquele prédio — mesmo que tudo não passasse de um sonho — oprimia-o a tal ponto que, revendo-se naquele nebuloso e angustiante ir e vir diante do edifício, sentiu como se lhe fosse faltar o ar. Sentou-se na cama tomado de ânsias, acendeu a luz e começou a respirar sofregamente pela boca até acalmar-se. *“Estarei tendo delírios novamente?... Já não tenho tanta febre... Por que me preocupar com sonhos?... Preciso dormir... amanhã não posso faltar ao trabalho... por mais tolerante que seja o chefe, e disso não posso me queixar... não... amanhã não posso faltar à repartição... ó Deus, dá-me forças!...”*

Apagou a luz e deitou-se, mas não dormiu. O estômago doía, não pusera nada na boca desde a noite anterior e sentiu que se não se alimentasse não conseguiria dormir. Sentou-se outra vez na cama, acendeu a luz

e, firmando-se nas pernas, pôs-se de pé. *“Minha fraqueza em parte é de fome...”*, e banzeiro foi até a cozinha. Encontrou um resto de leite na geladeira que pôs a ferver, no forno havia uns pedaços de pão. Sentou-se. *“É só o que tenho... preciso me casar... se tivesse uma mulher certamente ela estaria servindo-me uma canja quente na cama... sim, preciso me casar...”*

Alheou-se enquanto tomava o leite quente e doce com pedaços de pão, e conquanto engolisse ainda com dificuldade e não sem lhe doer a garganta, sentiu-se reconfortado depois de comer. Escovou os dentes na pia e voltou para a cama. Estava mais bem disposto agora, já não sentia tonturas e até a febre passara quase por completo. Apagou a luz, deitou-se e não demorou a adormecer.

Acordou pela manhã no horário habitual: o relógio marcava sete horas. Às nove estaria batendo o ponto e sorrindo para o chefe, que viria como de hábito apertar-lhe a mão e perguntar de sua saúde. Assim era o chefe: jamais questionava diretamente uma falta, e tendo confiança no funcionário não o repreendia nem fazia constar em folha. *“Um bom sujeito, afinal...”*

Após o banho preparou um café forte que tomou com o resto de leite que havia na geladeira, e comeu uns biscoitos. Engoliu outro comprimido, olhou-se no espelho e conquanto não gostasse muito de sua aparência, ela seria a prova de não estar mentido ao explicar no serviço o motivo de sua falta. Esfregou o rosto para ganhar uma cor, apanhou a pasta um tanto velha e cujo fecho estava com defeito e abriu a porta para o corredor. Embaixo encontrou o porteiro de pé no saguão, trocou com ele duas ou três palavras acerca do frio que fizera na véspera e deu de relance uma espiada para baixo, verificando que o homem calçava como sempre seus velhos chinelos de dedo. Saiu para a rua. *“Casar-me... como? Como trazer uma boa moça para um lugar desses? É preciso primeiro arranjar algo melhor.”*

O sol alegrava e aquecia a manhã após a noite fria, e ele sentiu-se bem ao sol. Cumprimentou o jornaleiro, que acabava de abrir a banca, perguntou-lhe como estava e quis saber da família. Comprou o jornal, coisa pouco comum pois não apreciava ler jornais, enfiou-o debaixo do braço sem ao menos olhar as principais manchetes.

O ponto do ônibus ficava em frente, mas ele não parou: seguiu adiante como se apesar da distância estivesse resolvido a ir para o trabalho a pé, e de repente começou a meter-se por diversas ruas, daqui pr’ali, dali pr’acolá, em várias direções, indo e vindo sem um propósito definido, e por duas ou três vezes voltou sobre os próprios passos, refazendo o cami-

nho por um bom trecho como se tivesse absoluta necessidade de tornar atrás e penetrando em seguida ora num beco que ia dar noutro quarteirão, ora numa galeria onde ficava a dar voltas e voltas sem contudo olhar vitrine alguma até retornar ao ponto inicial, caminhando porém sem a menor hesitação como se soubesse exatamente aonde queria ir.

Andou desta forma por cerca de meia hora e estacou. Parou na calçada e ficou espiando para o outro lado da rua como se visse aí qualquer coisa que lhe prendesse o espírito, pondo-se a examiná-la com toda atenção. Esteve como que ausente de si mesmo por vários minutos, até que um sorriso foi-se desenhando lentamente em seus lábios, e uma idéia pouco a pouco tomava forma: *“Sim... é preciso voltar lá esta noite... agora eu sei da conspiração, mas não me deixarei apanhar... afinal, conheço as manhas deles...”*

Ria-se baixinho, voltando a caminhar de cabeça baixa, como quem deseja esconder um segredo.

“Agora eu sei de tudo, e não me deixarei apanhar... voltarei lá... voltarei lá esta noite e descobrirei tudo! Sim!, porei tudo às claras! Eles verão com quem estão lidando, sim, eles hão de ver... hi-hi-hi-hi-hi... hão de ver... hão de ver...”

A mulher que escrevia cartas

Quem passasse pela Rua do Meio por volta das quatro da tarde, e, com alguma indiscrição, desse uma espiada através da janela para o interior da sala do número 64, veria invariavelmente Mariana Salvado sentada em sua escrivaninha do tempo do Império escrevendo uma carta. Fosse estranho ou conhecido, bastava ela pressentir a presença de alguém que a espiasse para, ao contrário de aborrecer-se, levantar os olhos doces e sorrir. É verdade que um estranho não se deteria aí, seguiria em frente, a menos que fosse muito mal educado para bisbilhotar dessa maneira a casa dos outros, mas nós, os conhecidos, às vezes parávamos um pouco para uma prosa. Então Mariana punha de lado a caneta com pena de ouro, fechava cuidadosamente o tinteiro e afastava discretamente para trás de algum volume a folha em que escrevia, pondo-se a prostrar com uma facúndia pouco comum nas pessoas solitárias.

— Escrevendo, Mariana? — perguntávamos.

— Uma carta. Sabe como é, como sou sozinha tenho de distrair-me com alguma coisa.

— Muita correspondência, não?

— Assim, assim — dizia fazendo um movimento com as mãos. — Sempre é bom ter amigos, mesmo que distantes.

— Mas todos aqui somos seus amigos, Mariana.

— Claro — ela respondia com uma lógica inquestionável —, mas não seria muito coerente escrever cartas para os meus amigos daqui, não é mesmo? Afinal, vemo-nos todos os dias, é mais natural falarmos pessoalmente.

E continuava a falar, mudava de assunto, perguntava de nossa casa e nossa família, ouvia com atenção e, por fim, desfiava os temas do dia — e como era bem informada Mariana Salvado!: sabia de tudo, desde o nascimento de alguma criança num daqueles recantos de sertão até o sumiço de alguma moça em companhia do namorado na noite anterior; anunciava com uma semana de antecedência a visita do bispo à paróquia, quando nem o padre sabia ao certo se o bispo viria, e já farejava quando o dono do armazém pretendia aumentar o preço da carne. Se Mariana Salvado dizia,

podia-se escrever: era infalível. Havia mesmo quem aventasse a hipótese de algum tipo de comunicação com “o invisível”, pois somente dessa maneira ela poderia acertar sempre em suas notícias e previsões.

Contudo Mariana Salvado não era maliciosa, evitava qualquer assunto que pudesse ferir as pessoas, e se a notícia era questão de honra calava-se até que alguém mais comentasse ou lhe fosse perguntar. Então, com negligência e a voz mais inocente do mundo, replicava:

— Pensei que isso não fosse mais novidade.

— Como, Mariana? O caso se deu nesta madrugada!

— Ora, que bobagem, desde o último domingo eu já sabia que isso estava para acontecer.

Enfim, Mariana Salvado não era, como se diz, dessas pessoas venenosas que em tudo vêem motivo de exercitar seu talento para a crítica e a maledicência: apenas sabia das coisas, e conhecia o momento certo de ser discreta. Quanto aos “amigos invisíveis” que lhe contavam os sucedidos próximos (futuros ou passados), não havia tal: é que para uma pessoa solitária e sem ocupações, conversadeira e espontânea, e principalmente arguta e observadora, não era tão difícil ficar sabendo das coisas num povoado com pouco mais de meia dúzia de ruas e algumas dezenas de casas.

Quanto às cartas, ninguém nunca soube quem eram os correspondentes misteriosos de Mariana Salvado, sobre o que seu Franquelim dos Correios (de nome Franklin, mas que deturpávamos por hábito, por facilidade, por gosto) guardava o mais reservado silêncio.

— Mas ela recebe alguma carta? — eu certa vez perguntei.

Isso seria coisa fácil de saber num vilarejo como aquele — como ainda é hoje, pois nossa terrinha, nosso povinho, parecem encolher com o passar do tempo, em vez de desenvolver-se. Fiz essa pergunta porque com alguma frequência víamos seu Franquelim curvado na janela de Mariana, numa prosa larga e animada. Nessas ocasiões Mariana debruçava-se no parapeito, punha a cabeça de fora e olhava a rua, de um lado e do outro, e se fazia sol tinha por costume fechar os olhos por alguns momentos para ganhar um leve colorido nas faces. Seu Franquelim demorava-se dez minutos, às vezes menos, muito cioso de seus compromissos e sempre pressuroso na entrega da correspondência (cumpre dizer que ele era o único funcionário da agência local dos correios — com exceção de um moleque, um prentinho, que o ajudava vez por outra —, e que não precisaria de carteiros para tão pequeno número de ruas e casas), mas dez minutos era tempo mais que suficiente para que ele entregasse a correspondência de Mariana,

ou recolhesse a que acaso deveria postar naquele dia. Eu, contudo, jamais percebi esse gesto rápido que seria o de entregar a Mariana alguma carta, ou receber a que ela acabava de envelopar, e ao mencionar isso aos outros, disseram não haver prestado atenção ao fato, prometeram observá-lo da próxima vez. No fim das contas, é certo que nenhum de nós conseguiu tirar tal história a limpo, como se verá no decorrer da história.

Foi por isso que eu perguntei, certa vez, de chofre a seu Franquelim:

— Mas ela recebe alguma carta?

Como disse acima, seria fácil sabê-lo — não fosse a teimosia do velho Franquelim, maior quanto mais caquético ficava. Recordo-me de como ele falava de sua profissão, com um carinho de padre antigo por seu sacerdócio:

— Os Correios, meus amigos, ah, o que seria das pessoas sem os Correios — e pronunciava Correios com maiúscula, sim, porque em sua boca, com sua voz áspera de ancião, a inicial se tornava maiúscula, de uma sonoridade quase beatífica. E prosseguia: — Já pensaram? Quanta palavra de carinho, quanta decepção, quanto sonho... As moças esperando a carta de amor do noivo que viajou, as viúvas vigiando a chegada de alguma nota sobre a pensão requerida, todos na expectativa de uma notícia de parentes distantes... — sonhava ao desfiar os méritos dos Correios. — Ah, os Correios... e com que alegria uma pessoa recebe uma carta... menos, às vezes pelo que ela contenha, mais pelo mistério do que está escondido dentro do envelope... E o melhor da carta, senhores, sabem o que é o melhor da carta? Não é o que vamos ler, mas o momento que antecede a abertura do envelope, o suspense...

— Pare, seu Franquelim, pare que desse jeito o senhor me arranca uma boa lágrima!

Seu Franquelim sorria como aquele meio-sorriso que já lhe conhecíamos, mantinha ainda por segundos os olhos evasivos e distantes, mas nada dizia acerca do que mais nos interessava. Descortesia era insistir, e a maioria de nós se mantinha quieta, respeitando o silêncio do velho após tal panegírico aos bem-amados Correios. Pensávamos: “Te cuida, velhote! Doutra feita arranco-te esse segredo...”, mas doutra feita insistiríamos com a mesma tibieza, sem coragem para nos mostrarmos demasiado enxeridos: essa a maneira do interior, a discrição era a tônica, até mesmo a indiscrição sabia ser discreta.

Vez por outra havia em nosso grupo algum mais afoito, e após a apologia dos Correios, não permitindo que o velho Franquelim se desviasse do assunto, insistia:

— Mas, seu Franquelim, voltando ao assunto... — e novamente falava em Mariana e nas cartas que ela nunca deixava de escrever.

Então vinha sabatina:

— Meu amigo — ele começava, alteando o peito e a testa, e reforçava o gesto e o ar doutoral que assumia elevando ligeiramente os calcanhares —, uma das grandes virtudes dos Correios é o sigilo. Não houvesse sigilo, nem mesmo haveria os Correios, saiba o senhor! Se as pessoas não pudessem se comunicar com segurança, sempre receando que os outros lá fossem intrometer-se, que desastre não seria! Hein? Já pensou? Pense bem se todo mundo, por exemplo, pudesse enfiar o nariz na carta que o senhor envia para sua noiva, e fosse fuxicar a cândida intimidade de seu namoro epistolar?... Não senhor! O que mantém a nobre instituição é justamente o sigilo, e não serei eu a dar o primeiro passo para derruir tudo que foi construído em mais de cem anos de história!

Bem que esse enxerido poderia argumentar que não desejávamos saber o que continha as cartas de Mariana, nem mesmo a quem ela escrevia com tanta assiduidade. Não, isso não! Mas que nos dissesse pelo menos para que partes do mundo ela dirigia suas freqüentes missivas — veja bem!, que resguardasse até o nome dos destinatários, somente queríamos saber para que partes do mundo ela mandava suas cartas. Mas seu Franquelim, inflexível, retorquia:

— Bem, se os senhores desejam saber apenas isso — ele começava, sentencioso, baixando a cabeça e estirando o lábio inferior, com as mãos enterradas nos bolsos e seu típico erguer de calcanhares num meio-pulinho. Estávamos quase certos de que ele iria dizer alguma coisa, satisfazer nossa curiosidade, mas que balde de água fria nos atirava: — Se é apenas isso, devem ir perguntar à própria dona Mariana. Se ela achar por bem lhes falar, nada tenho com isso, mas eu mesmo estou impedido de manifestar-me.

Eu falei sobre o moleque que ajudava seu Franquelim, isso quando havia correspondência para as casas mais distantes ou para alguma das fazendas dos arredores, onde as pernas do velho já se recusavam a levá-lo, principalmente quando lhe atacava a gota. É preciso dizer que tentáramos descobrir através desse moleque sobre as cartas de Mariana Salvado? Está claro que nada descobrimos, pois seu Franquelim conseguira um ajudante tão teimoso quanto ele, tanto quanto ele cioso da obrigatoriedade do sigilo.

— Seu Franquelim dis'que é pra num dizê nada — ele replicava, e o branco dos seus olhos parecia crescer em nossa direção. O mirrado do negrinho não aceitava nem suborno, e se lhe oferecíamos um doce, um paco-

tinho de balas, um nota de mil-réis, ele estendia a mão e, com malícia: — Aceito o agrado, moço, mas num posso falá, que seu Franquelim dis'que é pra num dizê nada.

— Quem é esse moleque que ajuda seu Franquelim? — quis saber um de nós, com azedume.

Olhamos uns para os outros sem resposta, e o silêncio provocado por tão inopinada interrogação parecia o de um alto escalão do governo face à ameaça de um desastre nacional. Bem... talvez nem tanto... mas que foi um silêncio muito parecido com o que se fizera desde sempre, desde que nos indagávamos acerca da correspondência de Mariana Salvado — até porque tinha a ver com ele —, lá isso foi. Recaímos numa resignação inconformada.

Até que eu disse:

— Vou apurar — e todos se acenderam, impacientes em sua curiosidade abrasadora, já espichando os olhos iluminados para mim. Por certo esperavam como resultado algum dado positivo que nos levasse a desvendar aquele mistério.

E apurei.

O moleque era de família numerosa e muito pobre que para ajudar seu Franquelim recebia uma bolsa de compras semanal e alguns trocados mais, que o velho não regateava: precisava da colaboração do garoto, apreciava sua discrição, “bem mandado está ali mesmo” dizia. Como nem sempre tinha o que fazer nos correios, engraxava sapatos nos dias de feira, carregava pacotes para as senhoras idosas, vendia hortaliças nas casas do centro, enfim, cumpria com uma infinidade de pequenas tarefas para melhorar o orçamento doméstico. Família pobre, sim, numerosa como sói ser quase toda família pobre, mas o diabo do moleque tinha o senso do dever que, certamente, aprendera do pai, um hortelão de olhos claros muito quieto que raramente era visto na vila, jamais num bar e muito menos embriagando-se. Dizia-se que era crente, de moral rígida e que também fazia serão duas vezes por semana depois do jantar, durante os quais abria a Bíblia e iniciava uma prédica que podia ser breve ou demorada, dependendo da assistência ou da dificuldade do assunto em estudo. Foi o menino quem primeiro me falou acerca de tais sermões, depois eu e mesmo uns e outros do nosso grupo fomos verificar *in loco* como era aquilo: o homem lia um versículo ou dois da Bíblia, determinava que todos meditassem no que tinham ouvido e após alguns instantes durante os quais parecia concentrar-se, fazia perguntas a um e outro acerca do que haviam entendido. Cada um respondia de um jeito, e se lograsse estar de acordo com seu ponto de

vista, era premiado com um sorriso de anuência. Caso contrário, pendia um pouco a cabeça, cismava e, com muito tato, retrucava, fazia preleção. Era homem educado e jamais tentava impingir sua crença, e por deferência creio que nunca discordavam abertamente dele. Responsável, tinha para esse filho mais velho, com onze anos, sempre uma palavra de orientação acerca da conduta do homem, palavra essa que o menino ouvia atentamente e que servia também para os menores, já crescendo donos de conceitos muito severos de comportamento. Após esses serões, se havia visitas, mandava a mulher — uma retinta rotunda que se nos mostrava cheirando a água de colônia, com a negra pele do rosto sempre luzidia e a expressão invariavelmente bonachona e sorridente —, mandava, pois, a mulher servir café com bolinhos ou fatias de broa, antes do que todos deviam fechar os olhos numa rápida prece de agradecimento.

Houve certa vez, entre os do nosso grupo que freqüentaram esses serões, quem comentasse com o pai que gostava de ver o quanto era expedito o maiorzinho, “já até ajuda seu Franquelim nos Correios, não? Ora, parabéns!”. Não sabemos se o pai tinha conhecimento de nossa curiosidade, motivo que nos levara até sua casa; o caso é que fez que sim com a cabeça, seriamente mas sem desfazer o breve sorriso de satisfação que assomava ao ouvir um elogio ao garoto, e olhou para ele com um olhar cheio de significados. O menino iluminou-se, achegou-se ao pai e encarando os circunstantes repetiu, sentenciosamente, aquela cantilena que já nos era familiar:

— Aprendi com seu Franquelim que carta tem um negócio por nome sigilo, por isso é que num posso falar nada.

O pai sorriu satisfeito, exibiu o canino de ouro, que rebrilhou à luz da lâmpada de 25 *watts*. Os outros se calaram com algum embaraço, mastigando palavras de aprovação sublinhadas com um movimento de cabeça sério e professoral.

— Isso mesmo — alguém até disse com tapinhas na cabeça do menino. “Maldito seja” pensava, com ganas de, em vez dos tapinhas, surrar o garoto bem surrado.

Assim o mistério acerca da correspondência de Mariana Salvado parecia sem solução, e como quase ninguém se dispusesse a tentar desvendá-lo com a única pessoa que poderia lançar alguma luz sobre o caso, ou seja, a própria Mariana Salvado, abrindo o jogo bem aberto com ela — “Mariana, essa conversa de carta que você escreve todo dia não nos convence mais, queremos saber quem são seus correspondentes, quem são esses amigos aos quais você dedica tantas de suas melhores horas, diga pelo menos uns dois ou três nomes, fale-nos de que tantos assuntos você trata

que todos os dias está para aí, a escrever folhas e folhas e folhas...” —, continuávamos todos no escuro.

Não seríamos tão grosseiros, essa é a verdade, ainda que vez por outra alguém — aquele, dentre nós, menos circunspecto, mais afoito — ou sasse bisbilhotar:

— Mas você deve ter uma caixa postal, não, Mariana? Me dê o número, pois se eu precisar enviar-lhe alguma carta...

— Mas que precisão tem vosmecê do número de minha caixa postal, homem? — ela exclamava com um sorriso ingênuo. — Se precisar enviar-me alguma coisa é só passar aqui por casa, chamar aqui mesmo da janela...

Mariana Salvado não era dessas solteironas recolhidas que se enfurram dentro de casa a cozinhar uma solidão doentia, envelhecer feito monja carmelita, não! Passeava, fazia pequenas viagens, e lá uma vez ou outra (seis a seis meses, ano a ano) chegava a passar alguns dias fora de casa. Nesses dias sentíamos todos sua falta: a janela do nº 64 ficava trancada, passávamos por ali certos de que não a encontraríamos; apesar disso, que decepção não poder falar com ela, trocar algumas palavras, prosear. Todos a estimávamos tanto que, mesmo sabendo que ela não estava, a esperança era que, para nossa surpresa e contrariamente às nossas expectativas, a encontrássemos em sua escrivaninha, e então pudéssemos perguntar pelas novidades. Nos dias em que Mariana Salvado ficava fora a cidadezinha como que diminuía, o povo perdia a cor, as manhãs se tornavam longas e as tardes desinteressantes, pelo menos para nós, seus amigos mais chegados. Era então comum um de nós — eu, quase sempre — segunda-feira pela manhã passar por sua casa para ver se já estava de volta. Ao entrarmos na Rua do Meio não olhávamos diretamente para o nº 64, pois uma janela fechada seria sinal de que Mariana ainda não chegara (às vezes acontecia, sua viagem estendia-se até a tarde de segunda ou a manhã de terça, uma ocasião nossa amiga ficou fora até a quarta-feira), e queríamos retardar ao máximo a decepção de não encontrá-la, ou a alegria de vermos a janela aberta.

Ora, percebo que estou indo em círculos e de um assunto passando para outro sem dar continuidade ao anterior. Perdoe-me, leitor, pois isso é coisa de quem não domina o ofício de escrever e já se deu conta de que é tarde para adquirir prática. Continuemos — que seja aos trancos e barrancos, mas continuemos!

Eu dizia que se alguém comentava com Mariana Salvado acerca de seus correspondentes, ela falava deles como de amigos distantes com quem

se comprazia em conversar, mesmo que a voz com que se fizessem ouvir fosse uma voz de papel como aquela. Mas se perguntávamos “Mariana, você tem uma caixa postal?”, ela falava de forma tão vaga que já não a podíamos compreender. Tinha? Não tinha? Ora, caixa postal para quê, e enlanguescia, espreguiçava-se, dizia que conhecera uma parenta que tinha o hábito de colecionar caixinhas de sabonete. De onde? Ah, já não se lembrava, fazia muito tempo e perdera todo o contato com seus parentes de longe. Então você não se corresponde com seus parentes, Mariana? Perderá contato com todos, já não sabia seus endereços... mas estava planejando uma viagem, vosmecês sabem, viajar faz bem, embora eu já esteja um tanto velha e não tenha mais a mesma resistência, afinal bons são os jovens... etc., e tantas voltas dava que por fim decidíamos não insistir e aceitávamos complacentes e resignados sua vontade: se não desejava falar sobre sua caixa postal, não tínhamos o direito de voltar ao assunto, afinal carta é coisa séria, tem um negócio por nome sigilo, como repetia o negrinho, e só interessa a quem é destinada. Mas que ficávamos curiosos, ah, se ficávamos!...

Não, Mariana Salvado não nascera em nosso lugarejo: fora para ali ainda mocinha, na companhia de uma velha matrona que tinha uma ver-ruga cabeluda no queixo e outra na testa, além de um amplo nariz de pagagaio. A matrona era a mãe, Joanita Salvado, que mais tinha de escaravELHO que de joaninha, feia de doer que era, enquanto a filha ostentava seu arzinho de graça, possuía sua juventude e sua inteligência, e uma simpatia que a todos conquistava. Joanita Salvado alugou a casa nº 64 na Rua do Meio, e como dispusesse de bom pé-de-meia, comprou-a tempos depois em leilão público promovido pela Prefeitura, já que a propriedade era patrimônio municipal. Dali só saíra morta feito um urubu retorcido, anos mais tarde, mais feia que em vida, as verrugas maiores e mais pilosas que antes.

Joanita Salvado fora uma mulher de fibra, pois apesar do pé-de-meia que lhe permitiu comprar em leilão público o nº 64 da Rua do Meio, logo que se organizara na nova residência não rejeitou trabalho. Via-se que pretendia para a filha um bom partido — que nunca chegou —, e procurava dar-lhe uma boa educação: Mariana freqüentou a escola normal, tinha professores particulares (ainda que os professores particulares do lugar cobrassem preços bastante módicos), e não lavava roupa nem fazia entregas, nada que pudesse parecer subalterno. A própria Joanita encarregava-se de tudo, e o máximo que exigia de Mariana era que se incumbisse das tarefas domésticas menos penosas, como fazer as camas ou tirar o

pó dos móveis. Sabemos disso pois quando se resolvia a pronunciar alguma palavra — isto por ser pouco dada a conversas e jamais a mexericos — , dizia apenas que trabalhava duro para que a filha tivesse de um tudo e não precisasse sacrificar-se.

— Deixo-a bem, quando fechar os olhos — gabava-se, e, benzendo-se: — Graças a Deus!

Dito isso detinha-se um momento de cabeça baixa, como se ainda faltasse acrescentar algo. Fazia-o em seguida sem levantar a cabeça — o que significava que aquele ponto era-lhe o mais penoso:

— Só penso se fecharei os olhos antes d'ela estar casada.

E emudecia, pois duas ou três frases consecutivas era o máximo que se podia esperar de Joanita, e que sacrifício pronunciá-las! Não sabemos se era temperamento o seu jeito de ser taciturno, ou se decorrência de sua inofensiva cara de poucos amigos. Mariana contudo era o oposto: sorridente e agradável, cativava-nos com a delicadeza de suas maneiras. Sim, sorria — seu sorriso iluminava! —, mas nunca ria às gargalhadas — creio que jamais alguém a viu rir-se assim. Para enfatizar algum ponto de vista, fazia gestos, mas se é possível comparar, seus gestos eram como seu sorriso: sublinhavam cada palavra na extensão exata de seu significado, não excediam, não pesavam, nunca se tornavam deselegantes.

O grande, o maior medo de Joanita, porém, se confirmou: não viu a filha aceitar pretendentes (houve alguns que se aventuraram a enfrentar a feiúra da mãe, embora fosse corrente entre as más línguas que a bruxa velha era isso mesmo, bruxa, e ai de quem tivesse má intenção com a menina! Assim, houve pretendentes — e diga-se pretendentes bem apessoados, de boa situação financeira, alguns mesmo de anel no dedo — que lhe foram tomar o café nas tardes de sábado ou comer a perna de um frango nos jantares de domingo. Todos eram recebidos com uma alegria comedida pela mãe e cortesia pela filha, mas no serão em que a velha se punha a falar de sua labuta diária e a moça sob o lustre da sala ensaiava um tricô para as crianças pobres do orfanato, o esperado tema não vinha à baila. A certa altura Joanita deu-se conta de que sua presença atrapalhava e experimentou deixar a sala em algumas ocasiões, e no quartinho defronte, para onde se encaminhava disfarçadamente, punha-se a escutar: o moço pigarreava, principiava assunto e Mariana punha-lhe atenção, mas de tal maneira conduzia a conversa que não lhe dava chance alguma de tocar no ponto capital, de modo que a empreitada se tornava penosa. Algum havia, certamente, mais corajoso, que atacava direto onde interessava: Mariana continuava pondo-lhe atenção, depois baixava a cabeça como se pensasse numa

resposta que, contudo, já tinha pronta, e quando voltava a olhar o pretendente, e mesmo antes de dizer qualquer coisa, este compreendia que suas esperanças eram baldadas).

Joanita morreu pouco depois de Mariana completar vinte e cinco anos, e segundo o vigário que lhe ministrou a extrema-unção suas últimas palavras para a filha foram para pedir-lhe atilamento ao escolher um marido. “Ame-o, filha” ela teria dito, “mas não deixe o coração tomar decisões sozinho”. Bem, não sabemos se foi por seguir tal conselho ou não, o certo é que Mariana jamais casou. Passado o luto novos pretendentes acercaram-se do nº 64: passavam em frente da janela com um olho investigador e atento, detinham-se às vezes à porta com o chapéu na mão e conversavam com a moça por dez minutos, sorriam-lhe à saída da igreja nos domingos, mas não passava disso. Nos anos seguintes os interessados foram rareando, desistindo; um ou outro ano a ano dirigia-lhe uma proposta tímida, mas a recusa invariável passou a desencorajar qualquer côrte, e com isso era natural que acabasse não casando. Mas tão sutil era seu jeito de despedir o infortunado que este, em vez de magoar-se com ela, tornava-se um amigo: houve mesmo aqueles que, passado o tempo e já com família constituída, recorriam a ela para batizar uma criança ou resolver uma querela conjugal — e não se vá pensar que as esposas tivessem ciúmes, pois às vezes eram estas que iam procurar Mariana Salvado: “Por favor, Mariana, o Alfredo anda bebendo, veja o que pode fazer para lhe enfiar algum juízo na cabeça”, ou então “Mariana, salve meu casamento, meu marido anda irritadiço e briguento. Tenho medo de que ele esteja me traindo”, e assim, à medida que os anos corriam Mariana tornou-se definitivamente uma espécie de conselheira no lugar, tranqüila e sábia, a quem todos ouviam e esforçavam-se por seguir as recomendações; madrinha de boa parte dos pirralhos que corriam pelas festas e quermesses, e se não chegou a fazer partos é certo que pouco faltou para isso: sabemos que certa vez estava de visita em casa de uma senhora já pesadona que de súbito começou a ter as dores; mandou de imediato um moleque chamar a parteira, mas como esta tardasse não se afligiu: prestou adjutório à parturiente enquanto esperava, e por pouco não assiste sozinha ao parto. Em sua homenagem, a mãe deu ao menino o nome de Mariano.

— Mas não me arrisco outra vez — confidenciou-nos depois —, se tem uma coisa de que me pelo, é sangue.

Não sabemos exatamente quando Mariana começou a escrever cartas aos seus correspondentes desconhecidos. É certo que não foi na adoles-

cência, mas também não teria sido após a morte da mãe, pois recorda-me ter passado algumas vezes em frente à sua janela e pegá-la de caneta na mão, isso quando Joanita Salvado ainda percorria a vila carregando cestos de roupa lavada para entregar nas casas. Por essa época não escrevia tanto, o número da correspondência foi aumentando no decorrer dos anos, de modo que lá pelos cinqüenta devia escrever pelo menos duas ou três cartas por dia. Mas desde muito que nossa curiosidade acerca de sua correspondência vinha sendo atiçada pelo mistério que ela involuntariamente fazia — e para o qual muito contribuía seu Franquilim, com seu hermetismo, e o negrinho que o ajudava e nunca se esquecia de citar o tal “sigilo” que as cartas têm...

A maneira que encontramos para desvendar o mistério da correspondência de Mariana Salvado foi o mais prosaico, mas também o mais triste: remexendo suas coisas um dia após seu enterro.

Nenhum de nós se lembra de quando Mariana Salvado adoecera pela última vez. Tinha uma saúde a toda prova, e nunca a víamos ingerir uma aspirina por causa de uma dor de cabeça, ou com um lenço que denunciase um resfriado casual. Para não dizer que nunca estivera doente, entrou certa manhã na farmácia do Galego com o dedo enfaixado: saíra-lhe um panarício, que o Galego tratou com banhos de permanganato e uma dose de Benzetacil. Daí a uma semana, o dedo de Mariana Salvado estava novo em folha.

— Igual a essa — costumava dizer o Galego —, olhem que igual a essa...

Assentíamos satisfeitos com o comentário e nos postávamos de pé à porta da farmácia, sorridentes, admirando o transcurso do dia como se nossa atitude fosse uma corroboração ao bom estado de saúde de Mariana.

Tamanha resistência a doenças era sinal de um corpo forte, uma alimentação adequada e, antes de tudo, uma graça de Deus. Mas um dia alguém, inadvertidamente, comentou:

— Também, quando cair doente, não tem escapatória.

A previsão, se não de mau agouro, seria pelo menos de mau gosto — uma coisa assim não se dizia! —, e a pessoa dando-se conta do mal-estar que provocara, emendou-se:

— O que eu quero dizer é que se cair doente, é perrengue pra mais de mês.

Mas o pior estava dito, não havia que retificar, e todos alimentamos um silêncio consternado, cada um refletindo no caso à sua maneira. A premissa de que partia tal conclusão era verdadeira: Mariana Salvado não adoecia. Mas por que a conclusão tinha também de o ser? Que provas científicas havia de que alguém com boa saúde, quando adocece, é para morrer? Não se daria por acaso justamente o contrário: uma pessoa com a sua saúde de ferro, se adocece, não terá o corpo preparado para resistir melhor ao mal e recuperar-se mais prontamente que outra sempre achacada de enfermidades?

O que aconteceu, contudo, não seguiu as normas do bom senso, se é possível falar de bom senso com relação às doenças do corpo: um dia Mariana Salvado amanheceu de cama, e a muito custo chegou-se à janela para pedir a alguém que lhe ajudasse. A sorte foi que eu mesmo, talvez seu amigo mais chegado, passava por ali àquela hora, e se me assustei ao ver-lhe a cara fantasmagórica — os cabelos em pé, o rosto amarrotado e muito branco, os olhos inchados e vermelhos com olheiras enormes —, apavorei-me ao apor-lhe a mão na testa e constatar que queimava em febre.

— Volte imediatamente para cama — exclamei —, que vou à farmácia chamar o Galego.

Veio o Galego. Tomou-lhe o pulso, escutou-lhe o peito, as costas, olhou a garganta, apalpou aqui e ali, perguntou o que Mariana tinha comido na véspera. Não atinou com o mal: fê-la engolir um antitérmico para baixar a febre e determinou que chamássemos o médico.

— A responsabilidade é grande — ele disse —, afinal sou apenas prático de farmácia...

Veio o médico. Tomou-lhe o pulso, escutou-lhe o peito, as costas, olhou a garganta, apalpou aqui e ali, perguntou o que Mariana comera na véspera. Depois ficou coçando o queixo sem saber o que dizer. Olhou para cada um de nós que, de nosso lado, lhe devolvíamos o olhar apreensivo, esperando por seu *verdictum*.

Pediu-nos licença para ir até em casa: faria uma rápida consulta aos seus livros, tiraria umas dúvidas, voltava com mais segurança em seguida.

Mas não houve tempo.

Estávamos em casa de Mariana na hora do trespassse, mas nenhum de nós sabe dizer em que momento este se deu: quando, meia hora depois de sair, o médico retornou e tomou novamente seu pulso, ela ainda estava quente, mas já não tinha pulso. Olhou-nos com ar de “o que é que eu posso fazer?”, e moveu a cabeça vagarosamente, apertando os lábios. Cada um de nós prorrompeu num choro brando e silencioso, enquanto o médico as-

sinava o óbito, atestando, apenas pela necessidade de não deixar em branco o espaço destinado à *causa mortis*, febre cerebral. A verdade é que ninguém poderia dizer ao certo de que morrera Mariana Salvado, um mês depois de completar sessenta e oito anos.

Ao sepultamento ocorreu quase todo o povoado, o pequeno cemitério não coube de tanta gente, e bem poucos puderam chegar à beira da cova na hora de baixarem o caixão. Quando o coveiro depositou a última pá de terra, ajeitou a última laje e se levantou de sua posição curvada feito um anjo das trevas que se alça sobre todos nós com terrível poder, compreendemos que estava acabado. Baixamos a cabeça e nos retiramos quietamente do cemitério.

Foi no dia seguinte que nós, os mais próximos, decidimos fazer uma arrumação na casa e inventariar seus bens. Não havia muito a inventariar: Mariana Salvado possuía apenas a casa do nº 64, uma certa quantia numa caderneta de poupança e a pensão que a mãe lhe deixara. Tudo ali era simples e sem valor: suas roupas, ainda que bem conservadas, não eram novas e só serviam mesmo para alguma casa de caridade; os móveis eram de boa qualidade, do tempo do Império, e teriam serventia para os futuros moradores; os objetos de uso pessoal eram comuns e sem maior valia, e jóias não tinha, exceto um pequeno par de brincos de ouro e um brochezinho com uma pedra verde que parecia esmeralda. (Sem que ninguém percebesse, surrupiei esse brochezinho para guardá-lo como lembrança da boa Mariana, e vez por outra, quando abro a gaveta da cômoda, encontro entre os meus guardados.)

Nossa grande surpresa foi quando abrimos a gaveta grande do armário que ficava no quarto e ali encontramos, aos milhares, cartas, cartas e mais cartas. A princípio não compreendemos o que podia ser aquilo, e a primeira idéia que nos ocorreu foi que Mariana devia guardar todas as cartas de seus misteriosos correspondentes ao longo da vida, mas logo a seguir uma coisa nos chamou a atenção: todos os envelopes eram iguais, e os sobrescritos estampavam a mesma letra inconfundível de Mariana Salvado. Não resistimos e, após hesitar um momento e nos questionarmos sobre ética, abrimos um envelope ao acaso, depois outro, e outro, e outro... e compreendemos qual era o mistério da estranha mulher que escrevia cartas e que toda a vida fora nossa amiga e um enigma para nós: Mariana jamais escrevera uma só carta a quem quer que fosse, nem mesmo — como em último caso seria de supor — para correspondentes imaginários, cartas, nesse caso, que jamais seriam postadas, não! As que, todavia, encontramos em sua gaveta naquela tarde — e que tratavam dos mais variados assun-

tos, desde informações sobre receitas de bolos até questões filosóficas, desde recriminações e ameaças dirigidas a ela até apaixonadas cartas de amor —, todas iguais no envelope e no sobrescrito, todas as que a víamos escrever quando passávamos defronte sua janela, eram as que Mariana Salvado em sua inofensiva loucura, simulando milhares de correspondentes imaginários, escrevera para si mesma a vida inteira.

História de um crime

Éramos cinco ao redor da mesa naquela noite. Enquanto uma tempestade como há muito não se via igual punha a cidade em ruínas e a inundação arrastava homens, mulheres e crianças para a morte, os cinco bebíamos à larga e conversávamos despreocupadamente. Tínhamos mais ou menos a mesma idade, entre trinta e quarenta anos (exceto o português, que já passava dos cinqüenta e cinco); além disso, nenhum de nós vivia com a família, por isso podíamos nos dar o luxo de estar ali àquela hora, bebendo sem que nada nos amofinasse. Como o tempo, que vinha piorando muito desde que chegáramos, não nos permitia sair à rua (“é até perigoso” advertiu o estivador indo até a porta), restava-nos conversar e beber, e para isso tínhamos a noite toda.

Éramos cinco — como poderíamos ser seis?

Chovera um pouco no fim da tarde, seguiu-se uma estiada e a lua apareceu por uma ou duas horas. Às oito começaram a formar-se nuvens escuras, e alguém espiando pela janela comentou: “Vai chover outra vez”. Às oito e meia ventou, de início um vento morno e brando, depois mais forte, e às dez um verdadeiro furacão arrancava tábuas da cerca, depois cercas inteiras, os telhados das casas, e por fim derrubou postes: faltou luz e a cidade mergulhou no escuro.

Quase imediatamente sobreveio o dilúvio que alagou as ruas, arrastou carros e inundou residências. Os cães se escondiam embaixo das mesas, apavorados com o trovejar; os mais medrosos uivavam, e era preciso corrê-los dali a pontapés para que fossem abrigar-se noutro lugar onde não incomodassem ninguém. Houve mortes, o rádio noticiou que barracos deslizaram nas encostas soterrando os moradores, uma favela inteira descerá definitivamente o morro, barreiras enormes obstruíram as estradas enquanto na cidade pessoas eram arrastadas pela força dos ventos e da enxurrada, árvores tombavam sobre automóveis e prédios ruíam. Que noite aquela, valha-me Deus!

Foi no meio do vendaval que eu e o estivador entramos encharcados no botequim, vazio àquela hora, que apenas duas velas, uma em cada pon-

ta do balcão, alumiavam indecisamente. Na mesa mais próxima havia um único freguês, o coveiro, velho colega de pândega. Sentamos com ele e pedimos cerveja e tira-gostos. Como era improvável que o movimento fosse aumentar, o proprietário transportou o corpanzil até nossa mesa, veio sentar-se conosco, mas o estivador logo soltou a sua:

— Escuta aqui, português filho da puta, tu pode beber com a gente, mas pelo menos uma rodada fica por conta da casa.

E o proprietário, soltando um palavrão embaixo do grosso bigode, gungunou com seu sotaque arrevesado que não sabia ser zura, “ó diabos, que eu cá sou até mão-aberta”, e prometeu pelo menos duas rodadas de graça. O estivador desferiu-lhe um tapa nas costas, imitando-lhe o sotaque:

— É por isso que eu aprecio cá o lusitano! — e berrou: — Desçam as bebidas!

Uns quinze minutos mais tarde, resguardando-se embaixo de um enorme guarda-chuva, entrou o cara de fuinha, um tipo magricela e de ar espantadiço, incorrigível avarento: jamais enfiava a mão no bolso para pagar uma talagada a ninguém (ainda que não ganhasse mal como escrivão), mas não podia ver uma mesa ocupada que, estando ali algum conhecido, lá ia abancar-se e partilhar dos comes e bebes. Todos conhecíamos seu jeito, mas o cara de fuinha era divertido e bem-falante, além de prestativo — se o favor requerido não incluísse dinheiro —; cativava as pessoas com suas manhas, por isso o aceitávamos. Pois bem, o cara de fuinha entrou, avistou-nos e no instante seguinte já estava arranchado.

Bebíamos e conversávamos. O estivador tinha o mau hábito de arrotar alto e demoradamente, ao que o coveiro fazia uma careta de protesto (não sei se de nojo, pois em sua profissão não devia ter muitos escrúpulos), mas o outro não ligava e logo soltava nova e formidável “erupção”. O português e eu já nos acostumáramos com aquilo, e para o cara de fuinha tudo estava bem desde que pudesse comer e beber sem gastar.

Conversávamos e bebíamos: da cerveja havíamos passado ao conhaque barato, do conhaque à cachaça e por fim novamente à cerveja (diga-se de passagem, a pior que se podia tomar por aquelas redondezas). O temporal não dava mostras de diminuir, a luz não voltaria aquela noite e teríamos de nos contentar com as velas em cima do balcão.

O tempo se dissolvera, por isso não sei em que momento surgiu a **idéia** (tanto pode ter sido pouco antes da meia-noite, como por volta de uma da manhã, ou mesmo mais tarde). No meio do falatório geral, os cinco já bastante “tocados” e cada qual berrando mais alto para impor-se, de

repente o estivador, num esforço para gritar mais que os outros, ficou de pé e exclamou:

— Tenho uma idéia para ajudar a passar o tempo! — e sublinhou sua atitude com um potente soco na mesa.

— Pois diga lá, ó raios! — berrou o português, esculachado, a cara vermelha e os bigodes eriçados.

— Cada um de nós vai contar uma história!

— Ora — eu disse —, que idéia mais estúpida...

— Esperem aí — e o estivador, que bamboleara de um lado para outro, tonto, apoiou as mãos no rebordo da mesa para firmar-se —, mas não será uma história qualquer. Cada um vai contar um crime...

— Um crime! — disse o cara de fuinha. — Que novidade há nisso? Os jornais estão cheios de crimes!

— Mas também não será um crime qualquer — e nesse ponto, para enfatizar o que ia dizer, curvou-se muito, adiantando o tronco e a cara congestionada, olhando cada um de nós com firmeza: — Cada um... prestem atenção!... Cada um vai contar... o **seu** crime!

Fez-se então um grande silêncio à volta da mesa. Entreolhamo-nos com ar sombrio, como se de uma hora para outra a embriaguez tivesse passado. O estivador, que se mantinha de pé com dificuldade, recaiu na cadeira, explodiu novo arroto, cuspiu para o lado e perguntou:

— Que tal?

O coveiro fungou, piscou inúmeras vezes e, esforçando-se por fazer-se grave, disse:

— Não somos criminosos. Nenhum de nós, que eu saiba, cometeu qualquer crime.

— E é verdade — gungunou o português —, que eu cá não saio detrás deste balcão o dia todo. Que crime haveria de ter cometido, exceto... bem, exceto uma ou outra mercadoriazinha sem nota fiscal... coisica de pouca monta, que senão um cristão não consegue manter-se nessa crise do caralho... mas quanto ao resto...

Eu nem respondi a tal proposta, e o cara de fuinha sorrindo amarelo disse que o pior feito de sua vida foi, quando menino, roubar uns ovos para fazer uma omelete, “uns ovos” explicou, “que vovó tinha separado para tirar a raça de umas legornes de sua comadre”.

— Mas não — o estivador retrucou —, eu... escutem bem!... Eu não estou falando de um crime que tenham praticado... bem sei que... ora, bem sei... Cada um vai inventar um crime, compreendem? Inventar o

seu crime, contá-lo como se tivesse participado dele... contá-lo com detalhes, referindo pormenores, como se o tivesse cometido de fato!...

— Um crime que cada um de nós gostaria de ter cometido então? — disse o coveiro com um sorriso de interesse, como se a idéia começasse a lhe agradar.

Novamente nos entreolhamos em silêncio, expressões sérias nos rostos avermelhados, e cada um a seu modo sorriu brevemente.

— Ora, demônios! — exclamou o estivador. — Eu lá quero saber se é o crime que cada um gostaria de ter cometido! Proponho apenas que protagonizemos um crime... é só uma brincadeira pra ver quem sabe contar melhor uma história... de mais a mais nenhum de nós...

— O que você quer — o coveiro insistiu com um risinho zombeteiro — é que cada um fale do crime que desejou ou deseja cometer...

— Ora, imbecil, cale-se! — berrou o estivador. — Se não quiser participar da brincadeira não é obrigado.

— ...ou quem sabe até já cometeu mesmo! — o coveiro continuou com o rosto congestionado.

— Mas se já admitimos que nenhum de nós é criminoso — eu observei.

O coveiro deu de ombros.

— Eu não sei do passado de nenhum de vocês — disse levando o copo à boca.

— Nem nós conhecemos o seu — disse o cara de fuinha. — Sabe-se lá o que um rato feito você andou fazendo na vida!

— Eu? Ah, então eu...?

— Mas quem afinal vai começar? — o português interrompeu de maneira decidida. — Quem será o primeiro a contar o seu crime?

— Quem teve a idéia — eu disse —, ninguém melhor para começar. Eu, por mim, fico por último.

— Pois eu começo! — concordou o estivador num salto em que cambaleou, entortou as pernas e, para não cair, agarrou-se à mesa. — Eu começo — soltou outro arrote, cuspiu para o lado, arregalou os olhos. — Lá vai — sentou-se novamente, limpou a garganta, e tornou a cuspir para o lado. — Bem, lá vai — repetiu. Pensou um pouco e disse: — Foi há coisa de uns oito ou nove anos atrás.

— Mas tanto tempo assim? — interveio o coveiro. — Depois de tanto tempo não é possível lembrar-se de muita coisa.

— Imbecil! — exclamou o estivador lançando perdigotos. — Foi um crime, é claro que me lembro de tudo, pois foi um crime, não uma briga de

bêbados... é um acontecimento de que não se esquece facilmente... Maldição! Vê se não fica me interrompendo a todo momento!

— Está bem... está bem... já não está mais aqui... ora, está muito bem...

O estivador inflou o peito com ar de importância e recomeçou, estendendo os braços para adiante, sobre a mesa:

— Foi há uns oito anos, nove talvez... creio mesmo que até um pouco mais de nove, quem sabe dez anos...

— Talvez vinte — chasqueou o coveiro.

— ...mas não importa... era noite e eu havia tomado o trem no subúrbio com destino à cidade para... para ir trabalhar. Sim, para ir trabalhar porque, digamos, à época eu trabalhava como vigia noturno num supermercado. Naquela noite eu ia chegar mais tarde no serviço, e lá pelas dez os trens transitavam com poucos passageiros. Como quisesse tirar um cochilo naqueles quarenta ou cinquenta minutos de viagem, corri para o último vagão, onde encontrei somente meia dúzia de passageiros, cada qual num canto, em silêncio. Sentei-me no fundo do vagão, encolhi-me e fechei os olhos. Mas não cochilei, ou porque não tivesse sono, ou porque o trem sacudia, e vez por outra abria os olhos para ver a que altura estávamos. Numa das vezes em que abri os olhos prestei atenção num dos passageiros, sentado quase defronte a mim: tratava-se de um senhor aparentando sessenta anos ou mais, de expressão humilde e cansada mas olhos bastante vivos, vestindo um terno azul-marinho barato de tergal que lhe ficava totalmente frouxo, como se fosse um ou dois números maior, de forma que a barra das calças fora dobrada várias vezes e ainda caía numa outra dobra sobre os sapatos velhos, sujos de lama e comidos nas pontas. Tinha os cabelos brancos, cortados à escovinha, e na cara gorda cheia de rugas as bochechas já flácidas pendiam um pouco. Sentara-se com o tronco retilíneo e parecia meditar. As mãos repousavam no colo sobre um objeto retangular de cor preta que me pareceu um livro. Examinei o homem rapidamente e voltei a fechar os olhos, mas quando tornei a abri-los dei com ele que me olhava com alguma curiosidade. Aquilo, não sei por que, irritou-me, *“que tem esse velho cretino de ficar me espionando enquanto tento dormir?”* pensei, e olhei noutra direção. Mas, passados alguns minutos, notei que o velho continuava a espionar-me e, irritado com tal atitude, demonstrei minha raiva com um olhar cheio de fúria, fechando a cara. Percebi, então, que ele movia as mãos e abria o livro que tinha no colo, começando a ler concentradamente. De repente elevou a voz: *“Por que estás ao longe, Senhor? Por que te escondes nos tempos de angústia?”* diz o salmista em meio às

suas tribulações.” Fez uma pausa e recomeçou com ênfase: “Também nós, meus caríssimos irmãos” e então falava como para um grande público, embora no vagão não passássemos de meia dúzia, “também nós, nestes dias de angústia que atravessamos, devemos elevar a voz e perguntar ao Senhor por que ele está longe!” Aborrecido com aquela pregação que prometia durar o resto da viagem, disse comigo mesmo, mas em voz alta para ser ouvido pelo velho: “Merda! Lá vem palavra! Quem é que tem sossego quando quer?” O velho deteve-se um momento mas não olhou para mim. Estou certo de que ouviu minhas palavras, pois ao continuar sua pregação continuou recitando a Bíblia: “‘Porque o ímpio gloria-se do desejo da sua alma’ diz a Palavra, e sabiamente o salmista acrescenta que ‘pela altivez do seu rosto o ímpio não busca a Deus’ e ‘diz em seu coração: não serei abalado, porque nunca me verei na adversidade’. Mas o salmista sabe que ‘a sua boca está cheia de imprecações, de enganos e de astúcia; debaixo da sua língua há malícia e maldade’ e o diz assim, com muita clareza, para que todos nós estejamos atentos aos perigos que o ímpio pode trazer ao homem reto. E que perigos são estes, amigos, sabeis vós dizer que perigos são estes?”; neste ponto o velho pôs-se de pé para enfatizar sua prédica, e olhava ora para um lado, ora para outro, como se aquela minúscula assistência lhe bastasse. Os demais ocupantes do vagão permaneciam indiferentes, mas eu a cada nova palavra do velho, a cada movimento de seu braço com que buscava atrair a atenção sobre si — como se já não bastassem as palavras —, sentia refluir dentro de mim ondas de ódio, um ódio irracional que me ardia no estômago e me impulsionava a saltar do banco e cair-lhe em cima de bordoadas. Sem, contudo, nada poder fazer, mexia-me e remexia-me no banco, inquieto, o que não lhe passava despercebido, pois mais de uma vez olhou para mim como quem diz: “Ouve-me, ímpio, ouve-me até o fim, pois nada podes contra a Palavra”. “Pois eu vos direi, caríssimos ouvintes” ele prosseguiu, “eu vos direi. Tudo pode o ímpio intentar contra o homem reto. Ora atravessa-lhe no caminho com boas palavras e gestos de agrado; com ofertas de vantagens e larguezas, mas suas dádivas são a perdição e a morte! Ora diz ‘sou vosso amigo desde a meninice, podeis confiar em mim’, e de fato nós o conhecemos desde a nossa meninice, só que o conhecemos apenas por sua obra, não por seu pensamento, mas seu pensamento de novo nos conduz à perdição. E quando o ímpio não nos consegue lograr com suas dádivas e com suas ofertas de amizade, intenta contra nós pela falsidade e pela traição intrigando-nos com os nossos amigos, dizendo: ‘Conheceis fulano? Pois ele é astuto e mente, e rouba, e talvez até seja capaz de matar’, e se isto não surtir efeito, irá aos nossos inimigos e

dirá: 'Bem sei que vós e fulano não vos entendeis bem. Mas a culpa não é vossa, senão dele, que é capaz disto e daquilo, portanto tomai cuidado!' Mas se a intriga não consegue perder o homem reto porque está diante da face do Senhor, então o ímpio resolve agir por conta própria. E de que maneira ele o faz? Sabeis vós, meus caros, de que maneira ele o faz? Pois ainda é o salmista quem nos ensina, dizendo: 'Põe-se de emboscada nas aldeias; nos lugares ocultos mata o inocente. Arma ciladas no esconderijo, como o leão no seu covil; arma ciladas para roubar o pobre; rouba-o, prendendo-o na sua rede'" e de novo o velho fez uma pausa para avaliar o impacto de sua pregação sobre nós, olhando disfarçadamente na minha direção. Eu me encolhera, afundara-me dentro do meu capote, escondendo metade do rosto para não ser observado por ele, e fingia não prestar atenção. De rabo de olho, contudo, notei que me vigiava, ainda que furtivo, com ar de vitória, como se eu fosse o ímpio a quem se referia e tivesse descoberto em mim a semente do Mal, incumbindo-se de fazê-la aflorar para decepá-la. E destacando as palavras repetiu, pausadamente: "'Põe-se de emboscada nas aldeias; nos lugares ocultos mata o inocente.' Que terríveis palavras do salmista sobre o ímpio, não é, meus caros?" e sorriu com afabilidade, "terríveis palavras, sim, mas o consolo do justo é que o Senhor está ao seu lado, segue-o em seus passos, protege-o sob suas asas e o ímpio nada pode contra ele. Meditai, pois, meus amados, no que diz esta mensagem, e apegai-vos com o Altíssimo para que possais viver vossas vidas no caminho da retidão e tenhais vossa paz e vosso descanso assegurado." Calou-se, sentou-se e na estação seguinte desceu. De um salto, antes que o trem arrancasse, vi-me na plataforma, e avistei o vulto do velho que, ao longe, subia as escadas para ganhar a rua. Minha cabeça rodava. Não compreendia meu ódio, o impulso que me fizera saltar antes do meu destino e me levava agora a seguir o velho através da plataforma e procurá-lo na rua. Vi-o dobrar tranqüilamente uma esquina e segui naquela direção. Ali chegando avistei-o uns cem passos adiante, que seguia sem suspeitar de nada ao longo da calçada deserta. Quase não havia transeuntes, e este fato chamou-me a atenção. "*Não haverá testemunhas*" pensei, mas parei abismado comigo mesmo: "*Testemunha de quê, afinal de contas?*", e comecei a procurar desatinadamente qualquer coisa nos meus bolsos, qualquer coisa que nem eu mesmo sabia o que era. Revirava os bolsos com nervosismo, mas nada encontrando voltei a caminhar sem pensar no que fazia. "*Para onde estou indo?*" pensei, "*o que vou fazer?*", e de repente me lembrei de que havia pouco pusera-me a seguir o velho, ainda que não soubesse com que intenção. Onde estava o velho? Sumira! Corri calçada afora e no primeiro cruza-

mento olhei para um lado e para outro, mas o velho não seguira por aquela transversal. Continuei na mesma calçada chegando a novo cruzamento, mas de novo não o avistei. Dei mas uns dez passos, voltei, adiantei-me um pouco mais completamente perdido, e parei. Minha cabeça rodava, suava muito, sentia um calor horrível e percebi que devia ser o capote que me fazia suar assim, sentir aquele calor, após a carreira rua afora. *“Eu devia estar indo para o trabalho”* pensei enquanto dobrava o capote e punha-o no ombro. Tomei a decisão de voltar, e ensaiei um passo quando uma voz às minhas costas me fez parar: “Estás à minha procura, meu filho?”. Então me virei na direção da voz: ali estava o velho, aparecera, saíra do nada, surgira dum beco escuro que eu não havia percebido. Fiquei paralisado por alguns segundos, não compreendia aquele novo acontecimento e o velho parecia-me agora uma outra pessoa. Mas vendo-lhe o sorriso, o terno surrado e frouxo, o livro escuro nas mãos fui, pouco a pouco, recuperando meu equilíbrio. “Não” respondi, “não o estava procurando”. “Ah... talvez eu tenha me enganado... que pena...” ele disse, “porém... estás certo mesmo de que não me procuravas?”, e eu perguntei com rudeza: “Por que o interesse? Por que eu estaria procurando alguém que não conheço a uma hora destas numa rua onde nunca estive?”, “oh, sim... bem sei, foi apenas uma impressão... bobagem minha, nada mais... entrentes... a Palavra... não teria a Palavra tocado teu coração?”, “a palavra? Ora essa, que palavra? Não ouvi palavra alguma!”, “ah... pensei... contudo, referia-me à Palavra, compreende? À Palavra...”, “E eu acaso dou atenção às palavras de um velho?” repliquei com rudeza e em atitude de desafio; “não” ele disse com calma, fazendo um movimento com a mão para indicar o livro, “às palavras de um velho não, mas à Palavra dEle, sim, pois esta tem grande poder”. Calei-me, senti-me momentaneamente derrotado, e dei dois ou três passos, tomando a iniciativa de ir embora. Mas parei e virei-me para o velho. Lá estava ele à saída do beco, o cabelo à escovinha, o terno surrado e enorme, os sapatos comidos nos bicos... e a mão empunhando o livro. Encaramo-nos por um longo tempo, imóveis, e de repente senti-me transformar. Meu rosto deve ter adquirido uma expressão muito singular, pois o velho, que tinha o ar afável e quase sorridente, tornou-se grave, mas sem sobressalto, e disse: “Que o Senhor se apiede de ti, meu filho”. Então, sem que eu me desse conta do que estava fazendo, em dois passos alcancei o velho e o arrastei para o beco. Não sei o que fiz... não me recordo... lembro-me somente de que um pouco mais tarde eu estava de joelhos ao lado de seu corpo ainda morno estirado na calçada, a cabeça apoiada no ressalto de um degrau, os olhos abertos e fixos no céu como se contemplas-

sem a beatitude. O livro tombara de lado, aberto numa página qualquer. Quando me afastei, já na calçada olhei novamente o corpo e tudo que vi foi, destacados por um foco de luz que atravessava obliquamente o beco, os bicos comidos de seus sapatos. Não pensei mais naquilo: corri para a estação e consegui a apanhar o último trem da noite. *“Vou chegar muito atrasado”* eu ia pensando, *“por certo vão me descontar do pagamento no fim do mês”*. Bem, quanto a isto eu não me enganava. Meu chefe, um filho da puta de maus bofes, não era de dar colher de chá a ninguém.

O estivador recolheu os braços. Terminara sua narrativa.

— Bem — disse o coveiro —, muito bem. — Franziu a cara, ainda bastante embriagado. — Muito bem — repetiu —, este foi o seu crime... estou certo de que foi o seu crime...

E com essas palavras atraiu sobre si o olhar carregado do estivador.

— Bem, senhores — tornou o estivador —, a regra é esta. Quem continua?

— Eu, se quiserem — disse o coveiro —, eu poderei contar-lhes alguma coisa interessante...

— Não me oponho — respondi. — Adiante, conte o seu crime.

O coveiro sorriu, fechou e abriu os olhos franzindo a cara numa careta feito um macaco, como se com isso pudesse recuperar um pouco a sobriedade.

— Sim — disse numa voz lerda que, no entanto, no decorrer de sua narrativa, foi se tornando gradualmente firme e segura. — Como sabem, sou coveiro, e o que faço? Enterro meus semelhantes. Isto de enterrar os semelhantes, saibam, nada tem de estranho ou curioso, mas pode pregar-nos umas peças vez por outra. Ocorre vermos um defunto ir para a cova com um bem qualquer, capricho da família que alega “ah, o falecido era tão apegado às suas coisas que não partiria tranquilo se não levasse essa prenda...” Oh, já vi muito disso! Na maioria dos casos são quinquilharias que nada valem: um lenço bordado, uma corrente vagabunda, uma lapiseira no bolso do paletó, mas também há casos, lá uma vez ou outra, em que o morto vem ornamentado com algo valioso que acaba muito bem disfarçado embaixo das flores. Certa feita avistei da beira da cova, enquanto os familiares choravam o falecido, uma correntinha dourada saindo discretamente de um bolso, e aquilo me chamou a atenção. Naquela noite abri a sepultura e fui verificar: lá estava, lúcido, um besta cebolão de ouro! Vivi à larga quase um ano com o que apurei vendendo o cebolão e quase descurei-me do meu ofício, mas como é dele que vivo, tive de voltar. Também já encontrei bons anéis, cordões de algum valor, e certa vez umas lindas notas

de cem, e vá se saber por que cargas d'água a família achou que a passagem para o além custava tanto! O serviço de enterrar um semelhante pode ser lucrativo conforme o caso, ou engraçado, mas nunca é triste. Por mais que a família chore ao pé da sepultura, tudo aquilo sempre me pareceu engraçado, nunca me causou pena, nem mesmo quando eu enterrei meu pai — o velho já estava com um pé na cova havia muito tempo, coitado, foi um bom homem, mas na situação em que se arrastava morrer foi pra ele um descanso —; portanto, nunca me senti penalizado, e se eu podia usufruir alguma vantagem, não havia o que recear: os mortos não dão falta de seus pertences nem vão à delegacia queixar-se. Do que lhes conto poderão os senhores dizer: “Mas então você rouba um morto! Sim senhor, é capaz de tirar sem nenhum pejo qualquer coisa — anéis, cordões, até dentes de ouro — simplesmente pelo fato de que o defunto não tem voz para reclamar!”. Bem... em princípio... não nego... o que cair na rede é peixe... o que querem? A vida é dura, e piora dia a dia... Mas certa feita... enfim, senhores, nem tudo pode ser roubado de um morto... houve uma ocasião, como vou lhes relatar... — e o coveiro fez um pausa, pôs-se pensativo e suas feições por um momento tornaram-se docemente sonhadoras enquanto levava o copo de cerveja aos lábios; saboreou a bebida quase com agonia e, ausente, pousou outra vez o copo na mesa com lentidão. Depois recomeçou: — Um coveiro enterra gente de todo tipo, tanto faz homem como mulher, velho ou criança, e tão acostumado está que, como acabei de dizer, pouco importa o que vai dentro do caixão, a menos que se trate de coisa reluzente. Vi baixarem à cova ao mesmo tempo anjinhos de poucos dias e velhos de largos anos, e moças bonitas perdi até a conta de quantas enterrei sem jamais me impressionar com o fato de que aquela carne viçosa, aparentemente adormecida, logo se converteria em lama... Mas nem sempre um pobre de Deus tem o controle de si mesmo, e houve uma vez, uma única vez em que não consegui ficar indiferente. Foi há coisa de dois anos, numa certa manhã em fins de abril. Eu acabava de chegar ao cemitério e recebi ordem de abrir uma cova pois havia um sepultamento marcado para o começo da tarde, “acho que vai ser lá pelas duas” disse o ajudante, “é uma menina. Segundo ouvi, morreu de repente esta madrugada, amanhecendo o dia”. Tratava-se de uma família humilde, não tinha jazigo perpétuo e a cova fora aberta na ala dos pobres; não havia campa nem lápide, e quando jogasse terra por cima só uma cruz de ferro com um número serviria de identificação. Para mim seria apenas mais um quefazer, o que não é mau em dias de tedioso marasmo nos quais não se enterra ninguém. Isso acontece por vezes, passam-se duas, três semanas sem plantar um só viven-

te que escapuliu desta para outra, e nesses dias, meus amigos, ah, que fastio!... Bem, por volta de uma e meia chegou um punhadinho de gente acompanhando um caixãozinho branco. O punhadinho de gente abeirou-se da cova e o caixãozinho foi posto de través para que a família se despedisse da defuntazinha ainda uma vez antes do sepultamento. Eu me mantive à parte enquanto um homem de aspecto simples e cabelos grisalhos acercava-se do caixãozinho e levantava a tampa, o que despertou a dor dos presentes fazendo com que alguns baixassem a cabeça numa prece e outros principiassem a chorar. O tal homem, que eu soube depois ser o pai da defunta, apenas contemplava tristemente o corpo da filha estirado entre as flores; nada dizia, nem chorava, mas suas feições demonstravam um tão grande desolamento que, curioso, aproximei-me também para dar uma espiada. Dentro do caixão estava uma adolescente de seus treze ou catorze anos vestida de branco e enfeitada com minúsculas florzinhas igualmente brancas. A menina tinha a pele muito clara e, não fosse estar morta, seria até rosada; os cabelos negros e longos espalhavam-se em volta e algumas mechas desciam até o peito; na frente haviam entrelaçado com a franja muitas daquelas florzinhas formando uma grinalda, feito uma pequenina noiva que se deita à espera do noivo. “*Virgem*” eu pensei, “*é uma virgem...*”, e como que sem ação continuei, presa não sei de que sortilégio, admirando a garota morta: seria sua graça — não direi beleza, que era pouca —, ou o encantamento que a visão do corpo vestido para a morte me fazia sentir? Não sei, mas naquela contemplação me demorei tanto que meu ajudante teve de tocar-me o ombro cochichando-me qualquer coisa ao ouvido para que eu tornasse a mim: chegava o momento de descer o caixãozinho, cuja tampa o pai acabara de fechar. Depois de todos se dispersarem, consultei o relógio e vi com irritação que não passava das duas e meia; “*quase três horas ainda para ficar aqui*” pensei, e sentei-me sobre uma campa, pensativo. A visão da menina morta não me saía da cabeça, coisa que me acontecia pela primeira vez na vida, e o cemitério agora começava a parecer-me abafado e opressivo e a fazer-me mal, “*preciso ir embora, preciso beber algo...*”. Meu ajudante, vendo-me prostrado, aproximou-se, mas antes que ele dissesse qualquer coisa levantei-me decidido, e disse: “Não estou bem. Por hoje chega. Cuide das coisas por mim, e leve a chave do portão”, e sem mais saí para a rua. Acompanhou-me a oprimente sensação de angústia, e não sei por que persistia em minha cabeça aquela idéia de que a defuntazinha era virgem, “*sim, é virgem... morreu pura... do contrário não iria vestida daquele jeito...*” eu ia pensando, “*levou consigo a jóia mais preciosa...*”, até entrar num botequim e

começar a embriagar-me, “...e o que eu não daria por essa jóia!... Ah!...”. Já havia emborcado umas doses e o álcool subindo-me a cabeça fez-me desatar a língua. “Já me cansei desse negócio de passar a vida enterrando gente...” eu disse para os outros fregueses que, debruçados no balcão, bebiam também. Alguns riram, outros me olharam sem entender, quase todos me conheciam e sabiam da minha ocupação. “Nunca vi um coveiro cansado de enterrar gente” gracejou um deles, “o cabo da pá está pesando mais agora, sujeito?” zombou um outro, “fastio de defunto?” disse um terceiro, “Na certa alguém veio reclamar os dentes de ouro que você lhe arrancou” e caiu na gargalhada, o que fez todos os outros rirem às minhas custas, mas eu me aborreci com aquilo e num rasgo de descontrole e irritação espatifei o copo contra o balcão; os cacos e os restos de bebida espalharam-se em volta, “já cansei” gritei, “já cansei de abrir cova, de enterrar, e de abrir outra vez à noite...”, “réu confesso!” berrou um deles, vermelhaço, “mas cá pra nós, é verdade mesmo que isso dá dinheiro?” perguntou outro, debochado, “cuidado que um dia eles voltam de verdade pra lhe cobrar” lembrou-se de dizer um baixinho com quem eu costumava tomar um porre de vez em quando, o que aumentou a hilaridade geral; “vocês” eu disse, mais bêbado, “vocês querem saber? Até casa já comprei...”, “casa! Só se for pra você morar com as almas” e com esta última tirada, dita não sei por quem, formou-se tão grande confusão de gritos e zombarias que me calei. Ninguém me levava a sério, todos riam a mais não poder, por isso resolvi sair dali imediatamente. “Cuidado, homem, que quando o enterrarem vão lhe roubar os sapatos!” gritou um ao perceber que eu ia embora, “se for assim” disse outro, “é melhor que vá sem sapatos!” Na porta, contudo, parei e voltei-me para o grupo que me lançava às costas suas risadas e brincadeiras. Falei então com voz firme, e não sei que cara eu tinha naquela hora que ao me ouvirem todos se calaram, olhando-me gravemente, com curiosidade. “Hoje... saibam que hoje... hoje eu vi uma coisa que não pode ser roubada.” Ainda era dia quando cheguei em casa, e como estava caí na cama dormindo um bom sono. Despertei já noite, bem tarde, recuperado da bebedeira, e minha primeira lembrança foi a menina que sepultara na tarde anterior. “Era virgem...” veio-me à lembrança, e no escuro, de olhos fechados, revi o rostinho miúdo, os cabelos negros e a singela grinalda de florzinhas miúdas entrelaçadas na fronte... A lembrança era tão clara e com tamanha força se impunha ao meu pensamento, que eu não conseguia livrar-me de sua quase física presença, mas por mais que me perguntasse o que havia de especial naquela criança, não sabia o que responder. “A pureza, talvez...” ocorreu-me de súbito, “uma coisa que ninguém pode roubar!”. Tão

de pronto me ocorreu essa idéia, veio-me outra: e se eu retornasse ao cemitério, abrisse a cova e contemplasse uma vez mais a defuntazinha? *“Há apenas umas poucas horas foi sepultada, está perfeita ainda, talvez nem tenha cheiro nenhum...”* pensei. *“Tão graciosa! Como seria doce, então, se... se eu...!”* complementei num sussurro a fantasia — ou delírio — que começava a arrebatar-me, *“...bem que eu podia voltar lá...”*, mas tamanho pavor se apossou subitamente de mim que, assombrado com meus próprios pensamentos, saí para a rua e comecei a vagar sem direção. Dei comigo embriagando-me num barzinho sórdido da periferia pouco antes do amanhecer, e naquele dia não fui trabalhar, pouco me lembro do que fiz até anoitecer outra vez: parece-me ter andado sem direção e meio bêbado de um lado para outro como se eu tivesse de tomar uma decisão à qual me via compelido, mas que ao mesmo tempo me repugnava. Recordo-me vagamente de estar numa rodoviária a olhar, embotado, a chegada e a partida dos ônibus, e depois de ficar parado muito tempo diante de um grande prédio no centro da cidade olhando para as janelas no alto, sem saber por quê. Por fim, no começo da noite, meio trôpego saí de outro barzinho sórdido onde estivera por várias horas e voltei para casa. *“Agora é tarde”* pensei, estirado na cama, onde permaneci durante longo tempo no escuro, os olhos abertos, fixos no teto. Devo ter adormecido, pois quando abri os olhos outra vez, era dia claro. Estava sóbrio, mas procurando lembrar-me do dia anterior percebi que me restavam apenas uns fiapos de memória — o barzinho onde me embriagara, a rodoviária, o prédio alto no centro da cidade... mais nada. E, sem refletir, involuntariamente, eis que me voltava à lembrança, de forma imprecisa, a defuntazinha que tanto me impressionara. *“Agora é tarde”* sussurrei perturbado, mas sentindo um certo alívio, *“ainda bem... ainda bem...”* Uma semana depois a menina morta era apenas uma recordação incômoda, cuja força sobre mim se desfizera em grande parte. De volta ao cemitério, acontecia-me parar em frente à sepulturazinha pobre e ficar algum tempo com os olhos pregados na terra recém-revolvida, na cruz de ferro que somente continha um número, nas florzinhas simples com que os familiares tentaram enfeitá-la. *“O que aconteceu comigo?”* eu me punha a pensar vez por outra, tentando compreender que estranha influência fora aquela que tanto me afetara. *“Desta vez eu não teria violado apenas a sepultura...”* Momentos havia ainda em que sobrevinha uma angústia e um desespero imenso à idéia do que estivera prestes a fazer; nessas ocasiões eu fechava os olhos, esfregava o rosto tomado de nervosismo, respirava com a ânsia de quem sente faltar-lhe o ar, *“ah, meu Deus!... ainda bem... ainda bem que nada*

aconteceu...” e procurava afastar tais pensamentos; minhas reflexões ficavam inconclusas, ia espaiar-se a cabeça com um copo de bebida no botequim mais próximo, embriagava-me e no dia seguinte sentia-me um pouco melhor. Por fim deixei, pela ação do tempo, de me preocupar e a vida voltou ao normal. Um dia de tarde, ao sair do cemitério, resolvi mudar meu itinerário e fazer uma longa caminhada de volta para casa. Tomei por uma estrada que deixando o perímetro urbano era, a certa altura, marginada por um matagal não muito espesso onde apenas de longe em longe via-se uma ou outra casinha. Seguiu estrada afora assoviando quase com alegria, o pensamento solto, sem se fixar em nada, e não dei pela chegada da noite. De repente percebo vir em minha direção uma garota que devia ter doze ou treze anos; ao passarmos um pelo outro nos encaramos por um momento e seguimos adiante. Eu, contudo, não dera cinco passos e parei, voltando-me: “Ei, menina” eu chamei, e ela ouvindo-me parou. Então eu me aproximei bem da menina e foi com grande assombro que constatei a enorme semelhança entre ela e a defuntazinha. Tudo era igual — os cabelos negros, a pele clara, os lábios finos, e do rosto poder-se-ia dizer o mesmo, não propriamente belo mas encantador —, tão igual que uma febre ferveu-me por dentro e, então, não sei por que voltas do pensamento cheguei a concluir que aquela seria a mesma garota. Já não pensava que a outra estava morta, e por isso não podia estar ali: em meus sentidos perturbados não havia espaço para o pensamento lógico, o óbvio tornava-se incoerente, e o absurdo assumia a aparência de realidade. Quando tomei nos braços a menina e a arrastei para o mato, não era aquela que eu tinha comigo, mas a morta, e fazendo-a calar sob ameaça de estrangulá-la, exultava enquanto mordida-lhe os biquinhos dos seios em formação: “Então não é tarde... não é tarde ainda... não, não é tarde ainda...” eu dizia quase num estado de delírio, e quando rasguei-lhe com violência a calcinha e enfim a penetrei, machucando-a com minha brutalidade, constatei que não havia errado em minha suspeita: “eu estava certo!... Céus, eu estava certo!... Era virgem... era virgem!!...”

O coveiro fez uma pausa, estendeu novamente a mão para o copo.

— Antes de deixá-la, olhei-a bem, busquei mais uma vez o semblante da defuntazinha, mas já não encontrei semelhança alguma! Descontrolado, segurava-lhe o rosto entre as mãos olhando aturdido para ela, agora uma completa estranha com as feições deformadas pelo medo e pelas lágrimas. “Cale-se!” eu berrei fora de mim, e pus-me a sacudi-la violentamente, “cale-se!”, mas a garota ficou ainda mais apavorada e desatou num choro nervoso e prolongado que eu tive de calar a poder de murros, arre-

bentando-lhe os lábios e deixando-a desfalecida no meio do mato. Depois levantei-me e corri. Saí para a estrada, voltei para casa e não a vi mais.

— Boa história! — exclamou o estivador. — Puta merda! Excelente!

— Excelente! — apoiei, com um riso meio de deboche. Achava engraçada a satisfação que desenhava esgares de gozo na cara daquele animal.

— Quem vai ser o próximo a falar?

— Eu falo — manifestou-se o cara de fuinha.

— Pois então, adiante! — berrou o estivador.

— Adiante! — reforcei, mal contendo o riso mas parando para prestar atenção.

E o escriturário começou a contar sua história.

— O crime, o meu crime... bem, vejamos... À época eu trabalhava como escrivão no cartório de uma cidade interiorana, cuja identificação não vem ao caso. Deixei minha casa aqui com uma prima recém-casada que ainda não se estabelecera, aluguei naquela cidade a preço bastante módico um quartinho minúsculo numa cabeça de porco, no qual dispunha de uma cozinha ainda menor em anexo, onde eu preparava minhas refeições num pequeno fogareiro a gás, sendo que dividia o banheiro ao fim de um corredor com outros inquilinos. Um lugarzinho sórdido o suficiente para espantar qualquer morador mais exigente; a mim, interessou-me por motivo de economia. Ali me demorei pouco mais de um ano e meio, e só me decidi a voltar quando, em decorrência dos fatos que vou narrar, tornou-se totalmente impossível continuar vivendo naquela cidade. O serviço não era mau, não tinha muito que fazer e podia cochilar pelo menos uma hora após o almoço. Os colegas eram bastante alegres, tinham o hábito de contar casos engraçados da cidade, e eu, de minha parte, procurava contribuir com algumas histórias que conhecia. Já havia uns três ou quatro meses que lá trabalhava, quando certo dia à tarde entrou no cartório uma velhinha, uma preta de aparência humilde e ar prazenteiro, com uma cestinha de vime, oferecendo salgadinhos a preços razoáveis. A primeira coisa que saltou à vista foi a limpeza da cestinha e da toalha com que cobria os salgadinhos; a velha chamava atenção para seus quibes, suas empadas, seus pastéis de camarão, que ela afirmava não conter nenhuma gordura, “fritos no óleo de milho, moço, muito recomendável à saúde, não fazem mal ao fígado, não engordam”. A partir de então, duas ou três vezes por semana, schlep schlep, lá vinha ela arrastando as chinelas: chegava até o balcão, depunha a cestinha, e nem era preciso anunciar: nós do cartório, fregueses constantes, nos acercávamos para o lanche do meio da tarde.

(Eu, confesso, esperava sempre que alguém se oferecesse para pagar minha despesa, e só em último caso metia a mão no bolso. Medida de economia, vocês sabem, eu não sou rico...) Os funcionários logo nos afeiçoamos à velhinha, e se acaso ela passava uma semana sem aparecer, sentíamos falta e comentávamos sua ausência: “Será que adoeceu?” dizia um, “quem sabe, idosa como é...”, “será que não tem ninguém por si?”, “é um perigo uma pessoa idosa assim viver só...”, mas quando ela reaparecia respirávamos aliviados e lhe fazíamos festas, protestando por sua ausência, fingindo uma zanga, “a senhora nos deixou todos esses dias sem o nosso lanchezinho” reclamava uma gorda que trabalhava na mesa ao lado da minha, e uma vez eu aproveitei para perguntar se ela vivia só ou com parentes. “Ah, moço” ela respondeu, “vive uma menina comigo, uma sobrinha, tem dez anos e me ajuda bastante... mas é só uma criança...” Saber que a velhinha não era totalmente só nos deixou mais tranquilos. A companhia ainda que de uma criança de dez anos é sempre um conforto, e pode ser útil numa hora de aperto. As coisas estavam nesse pé quando se deu um fato estranho: certa noite eu havia tomado o ônibus até a cidade vizinha a pretexto de resolver um pequeno negócio, e, ao sentar-me notei no banco da frente a velha dos salgadinhos e pensei em falar-lhe. Contudo um rapaz logo sentou-se ao seu lado, puxou assunto e, para meu espanto, a velha voltou para ele um rosto que eu não conhecia, perguntando-lhe: “Acaso eu o conheço?” A pergunta seria natural, por certo a que eu mesmo faria a quem se aproximasse de mim com a intimidade de um conhecido a quem não visse há tempos e do qual não me lembrasse; mas não me pareceu natural na maneira como foi pronunciada, e o rosto dela, repito, não era o que eu conhecia: uma expressão dura e desdenhosa; os olhos, conquanto não os pudesse observar direito, pareceram-me frios e inquisidores, e a voz tinha seu quê de cortante que não condizia com a maneira afável de falar a que me acostumara. O rapaz não se melindrou com aquela reação: disse quem era, mencionou dois ou três membros de sua família que deviam ser conhecidos, mas apesar disso a expressão dura da outra não se desfez, e mesmo quando reconhecendo a família do moço perguntou por notícias, fê-lo com palavras breves e incisivas. Aquilo me deixou bastante surpreso, mas não cheguei a comentar o fato com os colegas de trabalho. Os dias se passaram, a velha reapareceu algumas vezes com sua carinha preta sempre alegre e seus deliciosos salgadinhos, e eu, vendo-a de novo como a havia conhecido, reconsiderarei a má impressão daquele encontro no ônibus e concluí que talvez a chegada intempestiva do rapaz a tivesse aborrecido — cheguei mesmo a achar que o rapaz fora um tanto brusco ao

se dirigir sem nenhuma deferência a uma pessoa daquela idade —, ou quem sabe algum transtorno a tivesse deixado zangada, *“ora, se todo mundo tem seus momentos de zanga!...”*, e o caso foi esquecido. Para ser lembrado alguns dias depois, quando tornei a topar com a velha, desta vez certa manhã em que eu me encaminhava para o cartório: encontrei-a na calçada, cumprimentei-a com um sorriso e perguntei se naquela tarde “teríamos salgadinhos para o lanche”. Minha pergunta ficou flutuando sem resposta nos meus ouvidos: a velha mal moveu a cabeça em minha direção, exibindo o mesmo rosto duro e inflexível daquela noite e passou por mim sem se deter, como se eu fosse um completo estranho. Detive-me e voltei-me a tempo de vê-la dobrar a esquina com seu caminhar direito e seguro, e fiquei ali uns bons minutos pensando e repensando o caso, e, quando novamente me pus a caminho do cartório, ia remoendo com meus botões que eu devia estar enganado, não era possível que aquela mulher de expressão tão dura fosse a mesma que nos vendia salgadinhos, falando-nos numa voz doce e sorrindo com uma bonomia de velha avó. E, contudo, tratava-se da mesma pessoa, não havia que duvidar! *“Essa negra velha é uma mulher perversa”* ocorreu-me então, *“finge-se de boa para nos cativar e vender seus salgadinhos, mas no fundo não passa de uma víbora, e das mais venenosas”*, e tal pensamento, convertendo-se numa certeza, não me abandonou mais. Naquela mesma tarde, quando a velha apareceu no cartório com sua cestinha de vime todos se acercaram, mas eu amarrei a cara e fiquei na minha mesa remexendo em meus papéis. Alguém me perguntou se eu não ia comer nada, e eu, mal erguendo o rosto, mas de forma a mostrar à negra que também sabia fazer cara feia, respondi com maus modos que não, acrescentei “frituras não fazem bem à saúde” e baixando a cabeça continuei meu trabalho. Quando a velha, com sua vozinha macia e seu sorriso protestou que “meus salgadinhos, moço, não tem gordura não, são feitos no óleo de milho...” eu me levantei acintosamente e saí da sala sem dar resposta. À noite, enquanto não dormia, reconsiderava minha atitude naquela tarde: *“Não terei sido injusto?”* questioneimei-me, *“talvez eu esteja enganado... é possível que... mas não... não, não é possível que! Como explicar o comportamento dessa velha?”* e ia ruminando essas reflexões, embaralhando meu pensamento por mil caminhos diferentes, ora duvidando de minhas conclusões, ora acreditando que, sim, a maldade estava latente naquela alma, *“uma alma tão negra quanto sua cara”* eu pensava, *“disfarçada com cálculo para cativar as pessoas. Ela é, sim, falsa como o demônio”* concluí mais uma vez, e como o sono não viesse, veio em seu lugar uma outra idéia que me apavorou: a menina que vivia com a velha certa-

mente sofria maus-tratos, “*meu Deus!... Oh, meu Deus!... Pobre criança!...*” Acabei convencendo-me de que esta devia ser a verdade e comecei a pensar no que fazer para salvar a criança das garras daquela mulher perversa. Na tarde seguinte, logo que velha passou pelo cartório vendendo seus salgadinhos, aleguei um pretexto previamente elaborado para sair mais cedo e cheguei à rua em tempo de avistá-la ao longe com sua cestinha de vime. Não foi muito fácil segui-la por toda sua freguesia até esgotar-se o estoque, e já começava a anoitecer quando ela se pôs a caminho de casa, arrastando os chinelos, com seus passinhos miúdos e direitos. Sempre no seu rasto, metemo-nos por um emaranhado de ruazinhas que levavam para fora da cidade em direção a um bairro pobre de periferia. Como àquela hora os moradores costumavam ficar à janela, ou nas portas de suas casas em pequenos grupos conversando, eu mantinha boa distância da minha presa e caminhava assumindo o ar inocente de quem passeia. Mas a velha não se deteve: seguiu adiante por uma estradinha de terra em cujas margens o mato, ralo de início, ia se tornando pouco a pouco mais e mais denso. Já era noite fechada quando avistei numa clareira um casebre com luz em uma das janelas, e só arrisquei chegar perto depois de a velha ter entrado. A luz que eu avistara provinha de uma lamparina, o casebre não era servido de eletricidade, e enquanto eu me inteirava da vida miserável que levavam ali a criança e seu algoz, um cão esquelético deu dois latidos e veio cheirar meus sapatos, abanando o rabo. Satisfeito pelo resultado preliminar de minha investigação, fiz meia-volta e retornei ao meu quarto. Passei a vigiar a casa quase todas as noites. Por sorte, descobri um atalho que conduzia àquele local sem ter de passar diretamente dentro do bairro pobre a que me referi, atalho que cruzava um extenso matagal e por isso facilitou-me transitar por ali sem testemunhas. Mas minhas observações iniciais não me revelaram nada de significativo: uma ou outra vez pude ouvir a velha repreendendo a sobrinha; a esta avistei algumas vezes quando saía de casa com um balde para apanhar água numa cacimba nos fundos do terreno, e, certa feita, quando por lá passei um dia de tarde, dei com ela sentada à porta, e detendo-me um momento para observá-la não me pareceu de todo maltratada, ainda que fosse algo magriça, quem sabe um pouco pálida também. Mas essa magreza e palidez, naturais em algumas crianças, começaram a dar voltas na minha cabeça até atingirem proporções alarmantes e eu estar plenamente convicto de que eram resultado de judiarias. Minhas idas e vindas, contudo, não passaram despercebidas: a negra, que graças à escuridão não conseguira apurar quem lhe espreitava a casa à noite, dera uma primeira vez com meu vulto do outro lado do caminho ao

surgir inesperadamente à janela, obrigando-me a me afastar e esconder-me no mato; desconfiada, passou (suponho eu) a espreitar pelas frestas da janela, pois mais de uma vez, enquanto eu lá estava de vigília esperando ouvir os gritos de pavor da criança submetida a alguma sessão de tortura (sessões que só existiam na minha cabeça), a janela se abria subitamente e a negra punha a cabeça para fora, levantando alto um farol de querosene para alumiar a frente do casebre. Eu nem sempre conseguia esconder-me a tempo, e mesmo que em tais circunstâncias minha identidade permanecesse preservada, agora já não podia haver dúvida para ela de que alguém a espreitava, o que levou o caso a terminar com um desastre quase fatal para mim. *“Artilosa, a maldita da negra”* ia eu espumando por dentro após o “desastre”, quando voltava para o meu quarto esfalfado e dando graças a Deus por ter-me livrado de boa, *“artilosa! Perigosa!... E a criança em seu poder?... Oh, Céus! Pobre criança!...”* O que havia acontecido? Eu lhes conto: certa noite, por volta de uma da manhã, eu atravessei com minha costureira cautela o atalho pelo meio do matagal, precavendo-me contra algum encontro inoportuno (tanto que nessa noite eu resolvera pôr-me de vigília bem mais tarde que de hábito), aproximei-me da casa e fiquei à escuta detrás das moitas antes de aventurar-me a chegar mais perto. Passados cinco minutos saí das moitas e dei um passo na estrada; olhei em volta com cuidado e dei outro passo. Foi quando ouvi um grito de “PEGA” e três ou quatro homens apareceram de várias direções munidos de paus tentando encurrular-me e cortar-me o caminho. Valeu-me, porém, o reflexo: abaixei-me rapidamente e apanhei um punhado de terra, atirando-o à cara do mais próximo e, num salto, mergulhei outra vez nas moitas. Enquanto escutava os paus batendo nas folhagens atrás de mim, desandei a correr, deixei o atalho e internei-me pelo mato, através do qual, com os perseguidores nos meus calcanhares, não tinha o cuidado de escolher o melhor caminho, o que me custou muitos cortes de espinhos pelo corpo, um pé destroncado por pisar num buraco, além do prejuízo de uma muda de roupa inteiramente destruída, o que decerto foi o pior que podia acontecer, pois tive de comprar nova muda na semana seguinte, que me custou o olho da cara, pois naquele lugar mofino tudo era caro. Não posso negar, porém, que tive sorte, pois a certa altura ouvia ao longe a voz dos meus perseguidores, que na tentativa de me alcançarem também se haviam internado no matagal e perdido a direção, de forma que mais tranquilo consegui retornar ao atalho e afastar-me dali em segurança. Em meu quarto, após um banho que me livrou da sujeira e dos espinhos, e enquanto pensava as feridas com uma pomada e punha o pé destroncado numa bacia de água quente, amaldiço-

ava a velha com quantas pragas conhecia e prometia uma vingança em regra. Passei alguns dias sem trabalhar, e quando dois colegas do cartório apareceram de visita, aleguei que fora assaltado por um grupo de cinco homens enquanto fazia um passeio pelo campo, e me machucara ao tentar fugir pelo meio do mato. “Mas isto não pode ficar assim” disse um deles, “é preciso ir à polícia registrar”. A idéia do registro não me agradou muito (teria de mentir à polícia, inventar uma história que justificasse meu passeio pelo campo a desoras, o que me parecia perigoso), e objetei: “Para quê? Não vão pegar mesmo os assaltantes!”, “Não e não” contestou o outro, “é preciso. Amanhã iremos, eu vou com você...” E assim, diante da insistência dos meus colegas, no dia seguinte fui à delegacia comunicar o assalto de que fora vítima. Não tive maiores problemas para inventar uma história convincente, aleguei que por ter deixado a família longe acostumara-me a tais passeios e nunca poderia esperar que uma coisa assim pudesse acontecer-me numa terra de gente tão pacata. Mas o policial, que interrompera momentaneamente seu trabalho para atender um telefonema, ao repor o fone no gancho disse: “A verdade é que nunca se sabe o que pode acontecer. Gente pacata? Pois ouça esta: ontem à noite foi internada no hospital da cidade uma criança vítima de bárbaro espancamento. Acabei de falar com o médico que está à sua cabeceira desde ontem: informou-me que o estado da vítima é crítico, se não morrer ficará com graves seqüelas”, “uma criança!” exclamei, quase pondo-me de pé àquela notícia, “mas que criança?”, “bem, parece-me que uma menina de nove ou dez anos... vivia com a avó, uma preta, uma megera que quase a mata de pancadas, além que queimar-lhe o corpo em vários lugares com pontas de cigarro. É tudo quanto sei por enquanto, logo mais teremos novas informações para que possamos complementar o registro.” Então eu estava certo! A negra velha era uma maldita criminoso, enfim punha as unhas de fora, e de volta para meu quarto comecei a ruminar um plano, murmurando com indignação: *“Pobre criança! Pobre criança!”* Chegando a noite estava pronto para executar o plano, e, naquela madrugada, carregando um galão de querosene, entrei pelo atalho no matagal, cheguei ao casebre e ateei fogo. Fui seguro de que não encontraria obstáculo: a velha não manteria os mesmos homens vigiando-lhe a casa por tantas noites, eu teria o caminho livre para agir, e o vira-lata já me conhecia o suficiente para nem ao menos anunciar minha chegada. Do meio das moitas assisti o casebre arder rapidamente. Esperava com grande nervosismo que não tardasse a desmoronar, acabando de vez com a maldita da negra. Mas... de repente, vi saírem apavoradas e aos gritos a velha e a neta, e logo em seguida o telhado afundou com um es-

trondo. Sai dali o mais rápido possível horrorizado por causa do meu engano e meti-me em casa para, na manhã seguinte, retornar cedo ao trabalho. Ali, todos comentavam que a velha dos salgadinhos perdera a casa e tudo mais num incêndio inexplicável na noite anterior, e que ambas, ela e a neta, por pouco saíram com vida do desastre: “Parece que a velhinha” relatava um, “foi vista hoje de manhã na rodoviária a pedir ajuda a um e a outro para reconstruir seu casebre, com a pobre criança do lado”, “sim” disse a gorda que trabalhava na mesa ao meu lado da minha, “também ouvi falar. Uma coisa terrível, se querem saber. Pobre senhora...”, “e a menina?” perguntou um terceiro, “pois olhem, a menina pelo que sei é apegada à avó que só vendo”, “é verdade” confirmou o primeiro, “afinal foi criada por ela desde recém-nascida. Dizem que a velhinha cuida da criança como filha, apesar dos poucos recursos de que dispõe...” e eu, na minha mesa, ia escutando sem nada dizer, vendo com aflição naquele dia o quanto os minutos demoravam a passar, o quanto as horas se arrastavam, tornando-se maiores e mais vagarosas...

— O fato — disse o estivador — é que por pouco não temos churrasquinho no fim dessa história. Mas foi boa! Puta merda, se não foi!

— Muito bem — gemeu o coveiro mais embriagado agora —, um pouco de carne chamuscada não faria mal... mas você acabou tendo pena da garotinha... de qualquer forma, valeu! Valeu!

— Mas é claro que ele tinha de ter pena da garotinha — corrigiu o estivador —, pois como não teria? Ele não podia escolher: se a garota e a velha saíram ilesas do incêndio, o que é que você queria que ele dissesse? Que elas tinham morrido na fogueira?

— Bem, bem, mas quem vai falar agora? — perguntou o português. — Olha que a brincadeira está ficando interessante!

— Você mesmo — eu respondi. — Eu me reservo para falar em último lugar.

— Ó raios — exclamou o português —, assim desprevenido?

— Desprevenido coisa nenhuma — eu disse, batendo com a mão aberta na mesa —, teve tempo suficiente para bolar uma história. Além do mais eu pedi primeiro para falar por último.

— Bem... sendo assim... pois, sendo assim... — e limpou a garganta, principiando a falar. — Não vos vou falar de um crime. Ora, que interesse tem um crime, pergunto-vos, um ato isolado, casual, quando se pode falar de uma série deles? Então estive cá a pensar com os meus botões: já que tenho de inventar um crime, não seria mais interessante nesta brincadeira falar de uma vida inteira de crimes? Hein?... Não vos parece tenta-

dor? Pois então! Quero falar-vos justamente disso... de minha vida. — fez uma pausa satisfeito, olhando-nos um por um enquanto recostava na cadeira e estirava as pernas gordas. Dito isso, prosseguiu: — Comecei roubando a caixa das esmolas, na igreja onde eu era coroinha, aos doze anos, até que o padre descobriu minha arte e arrastou-me até em casa pelas orelhas, entregando-me a uma mãe envergonhada e a um pai furioso que lavou-me o corpo de bordoadas. Não me emendei, e continuei furtando no meu bairro, envergonhando minha mãe e ganhando bordoadas do meu pai até fazer-me homem e quebrar-lhe meia dúzia de dentes com um soco em resposta à última surra que ele me deu. Um dia tentei tomar a força a bolsa de uma mulher numa viela escura em B..., a mulher reagiu e abriu berreiro. Antes que alguém acudisse, bati-lhe com a cabeça na parede para tontear-lhe e corri levando a bolsa. Mas não tive sorte: perseguiram-me por vários quarteirões, cercaram-me, agarraram-me, esbordoaram-me bastante e me entregaram no distrito policial. Assim fui preso pela primeira e única vez na vida. Gramei alguns quatro ou cinco anos atrás das grades, saí na condicional e terminei de cumprir a pena em liberdade. Na cadeia aprendi duas coisas: primeiro que ficar preso não é bom, segundo que para evitá-lo é preciso ser esperto e ter dinheiro. Não tinha intenção de tornar-me honesto, mas a medida da desonestidade deve ser a mesma da prudência, por isso, em vez de honesto, tornei-me prudente e tratei de ganhar dinheiro para não ser incomodado pela lei (vendo-me nesta espelunca, os senhores certamente pensam que este último projeto não vingou. Pois vingou, sabiam que vingou e que por fim acabei perdendo tudo, ou quase tudo, pois sempre sobrou alguma economia para uma hora de aperto, mas não mais que isso, talvez até um pouco menos que isso. No entretanto, vamos pela ordem, que já estou a botar o carro adiante dos bois). Saindo da cadeia voltei para casa: recebeu-me minha mãe, ainda mais coberta de vergonha, mas já não estava ali com seu porrete meu pai, que morrera de desgosto um ano após minha condenação. Morrera, segundo minha mãe, amaldiçoando-me, e parece mesmo que uma de suas últimas palavras foi declarar-se arrependido de ter-se casado, “não fosse eu casar-me, não haveria uma peste ruim a enlamear-me o nome!”, palavras que deixaram a pobre velha ainda mais amargurada, acreditando-se a única culpada de eu ter saído como saí. Minha mãe tinha algum pecúlio, e não tardei em depenar-lhe por completo para ingressar na vida prudente: com o dinheiro dela comecei a comprar e vender numa feira e a aumentar o capital. Está visto, dizia-lhe sempre que o negócio era de futuro mas os lucros só viriam a longo prazo, e ela, desejando crer que o filho não era de todo mau e que podia ter-se

emendado, não duvidava de minhas alegações; passou a viver exclusivamente de uma ínfima pensão que lhe deixara meu pai, a viver mal, diga-se de passagem, pois tinha de sustentar a ela e a mim, que não entregava em casa um único tostão para ver o dinheiro crescer o mais rapidamente possível no banco. Às vezes ouvia de minha mãe algumas alusões aos meus ganhos; com o passar do tempo, insistia em saber se eu não estava tendo já algum lucro que permitisse folgar um pouco em casa. Quando as alusões se convertiam em reclamações, no dia seguinte eu aparecia com uma lata de marmelada ou um saquinho de balas para adoçar-lhe a boca, e ela se aquietava (na verdade eu preferia levar-lhe balas, que eram duras e demoravam mais a acabar. É que minha mãe, a essa altura, estava completamente sem dentes, e entretinha-se a chupar uma bala por muito tempo antes de pensar em apanhar outra no saco. Com isso economizava o mês inteiro, até que sobrevinham novas reclamações e eu voltava a aparecer com um saquinho de balas, de preferência, ou uma lata de doce). Por fim pensei em deixar a feira e abrir uma porta de loja, que poderia ser mais rendosa que uma simples barraca. Fiz proposta ao meu sócio na barraca, e como o homem, além de completamente analfabeto, fosse um tanto tolo e tivesse absoluta confiança em mim, concordou entusiasmado no eu lhe fiz ver que o negócio era de futuro; foi então que eu pude roubar-lhe mais desavergonhadamente que até então, de modo que enquanto minha poupança engordava, a dele ia pouco a pouco se dissolvendo. Vez por outra era preciso deixá-lo ganhar algum trocadito para animar-se a persistir negociando e eu continuar a roubá-lo por mais uma temporada. Além do mais, era preciso esconder do homem meu progresso para que ele não desconfiasse, por isso só aparecia para trabalhar alternando entre duas mudas de roupa ano após ano. Costumava ficar com a mesma roupa uma semana inteira, ou duas, conforme as circunstâncias, para não dar na vista, e só então vestia a outra camisa. A coisa ficou nesse pé por cerca de quatro anos. Uma noite meu sócio apareceu em minha casa desesperado, a desfiar misérias: a mulher há muito internada num sanatório para tuberculosos (o que não era novidade para mim); a filha mais velha, “com treze anos, coitadinha”, a cuidar dos irmãos, seis, cujas idades iam dos doze aos cinco (*“e por que foi arranjar tanto filho assim? Serei eu o culpado de sua penúria?”* eu refletia enquanto ele falava); o barraco em que moravam prestes a desmoronar com as chuvas daquele verão sem que tivessem para onde ir, “corremos perigo noite e dia, meu amigo, que tristeza ver aqueles inocentinhos a dormir embaixo de um telhado cai-não-cai!”, e eu cá achando muito providencial que aquele telhado despencasse logo, assim o sujeito reclamaria tudo de uma só vez,

calava-se depois e punha-se com mais vontade a labutar e aumentar minha renda, mas não lhe disse nada e continuei escutando suas jeremiadas; por último, prosseguiu, o mais novinho caíra de cama com uma febre tremenda e ele que já gastara seu último níquel se via impossibilitado de levá-lo ao médico e comprar os remédios; portanto vinha oferecer-me sua parte no negócio, “caso o Sr. esteja em melhores condições que eu” e aqui pôs-se a discorrer com uma humildade de cão que “compreendia muito bem que as coisas estavam apertadas para todos, sei que o Sr. também tem seus compromissos, e o ganho na loja, ao contrário do que pensávamos, tem sido pouco, mas... se o Sr. puder valer-me... será uma caridade... e quem sabe um dia não podemos voltar a negociar juntos...”. Ouvi com atenção o pedido do homem que, sentado e encolhido na ponta do sofá, girava penosamente o chapéu nas mãos, como que com medo de ocupar mais espaço do que tinha direito caso se acomodasse melhor. Ouvi-o, pois, com atenção, torci o nariz e fiz-me de pensativo. “Bem...” eu disse, sem continuar, movendo a cabeça devagar, como se ainda refletisse em sua proposta (a verdade é que eu já tinha uma contraproposta na ponta da língua, mas sempre era preciso representar um pouco). Em seguida levantei-me, fui até a cozinha e voltei com um café, que servi numas canequinhas ordinárias de ágata para que ele não fizesse um juízo inconveniente a meu respeito caso eu apresentasse uma boa louça — o que, para ser exato, não existia em casa. “Bem... tua situação não está fácil...” eu disse por fim, “nada fácil” e tomei o café aos golinhos. O outro fez que sim com a cabeça, torceu ainda mais o chapéu nas mãos trêmulas e acabou derrubando a canequinha de café, que se derramou no chão aos seus pés. O infeliz pôs-se escarlate, levantou-se atabalhoadamente, voltou a sentar-se, gaguejou umas palavras incompreensíveis de desculpa e outra vez pôs-se de pé, quase chorando, enquanto continuava a segurar estupidamente o chapéu todo amassado. “Não te preocupes com isso” apressei-me em tranquilizá-lo, quase dando graças aos céus pelo incidente que o deixava ainda mais descontrolado, “acontece” reforcei, “acontece... não te precisas preocupar. Senta-te”, mas o homem estava perdido, sentou-se de cabeça baixa e ficou, como um cordeiro no matadouro, aguardando o golpe... que eu desferi aos pouquinhos: “Também por cá tenho minhas mazelas, ora, todos têm suas mazelas... trago as algibeiras arrochadas... tu sabes... minha mãe idosa e com pouca saúde... os remédios pela hora da morte...” eu ia enumerando para ressaltar as dificuldades e encarecer o favor, e a cada reticência o infeliz assentia com um movimento de cabeça. “E eu não sei?!” ele exclamou angustiado quando mencionei o custo dos remédios, “oh, meu pobre amigo,

se sei!... compreendo perfeitamente... lamento vir dar tanto trabalho ao senhor... talvez eu devesse..." e fez menção de levantar-se para ir embora, chegou a estender-me a mão ainda com o corpo meio soerguido, meio curvado, mas o contive com um gesto. "Espera, ó homem" eu disse, "espera que não se está a tirar o pai da força... vamos estudar um jeito..." e novamente pus-me a fingir que pensava num meio de ajudá-lo. "Bem..." eu disse fazendo nova reticência, franzindo ainda mais a testa, torcendo o bico, "eu vou apertar-me um pouco... mas enfim, por um amigo com quem se trabalha há tanto tempo, pessoa de consideração...", e vi as feições do homem se iluminarem. Estava ganho: em seu desespero não mediria o alcance de sua gratidão, concordaria com tudo que eu lhe propusesse sem pestanejar; então avancei a machadinha um pouco mais: "Sendo assim, fico com tua parte, mas não poderei pagar-te o que me pedes... afinal os ganhos... bem sabes a respeito dos ganhos... talvez uma pequena redução... se concordares..." Como ele já estivesse pedindo pouco, diminuir o pouco seria reduzir a quase nada; com cautela procurei mostrar-me compreensivo, "bem sei que não é o ideal, gostaria de poder pagar-te mais, até reconheço que vale um pouco mais, no entanto..." mas antes que ele pudesse argumentar, acrescentei: "Pensa bem, com um desconto fica-me mais folgado... e tu não precisarás deixar a loja: faço-te meu empregado, pago-te um salário e tu passas a cuidar do serviço para mim. Com o tempo, quem sabe... com o tempo poderei dar-te até uma pequena participação nos lucros, a título de incentivo... então é só produzir, e quanto mais produzires, mais embolsas. Que te parece?". Àquela altura a proposta parecia-lhe providencial, e percebendo isso, reforcei: "E tu ainda me saís com um emprego fixo!" Convencido pôs-se de pé, baixou a cabeça com sua humildade de cão e agradeceu-me, perguntando-me se tinha o dinheiro para dar-lhe já, ao que respondi que não tinha para agora, mas para o dia seguinte à tarde sem dúvida, "podes vir amanhã, aí pelas duas..." O homem já saía, já ia no portão quando o chamei de novo, mas antes que ele retornasse fui ao seu encontro brandindo-lhe definitivamente a lâmina contra o pescoço: "Estive cá a pensar no preço que me pediste... e talvez... enfim, tudo que me pediste não é possível, como já to disse... contudo, refletindo, posso acrescentar mais uns cinco... talvez uns oito por cento... sim, seja, uns dez por cento, por amizade, por consideração se... bem, amanhã aí pelas duas não vieres tu... ora, homem, fica-te com tua família! Não queres visitar tua mulher?... Manda-me a garota apanhar o dinheiro", "a... a... a menina?... a minha Julianinha?", "ora pois, está visto que é a tua Julianinha. Não é ela que está pelos treze anos?", "sim, que abaixo dela há

os mais pequetitos...”, “então? Qual é a dúvida? Pois se vai confiar o dinheiro, inda que em cheque nominal, aos pequetitos? Pois, pois! E se o menorzinho está atacado como disseste, é melhor que o pai esteja com ele, terá mais cuidado em assistir à sua cabeceira... Está decidido: manda-me a Julianinha, que sendo já uma mocinha pode dar uma ajuda à velha na faxina”, e foi assim que no dia seguinte tirei os tampos à Julianinha, arrastando-a para meu quarto. A menina até que não esperneou, chorou um pouquinho e acho até que gostou outro tantito. Deve ter gostado, pois afinal eu cá tenho meu jeito... E o homem passou a trabalhar para mim ganhando seu salário, de forma que eu apenas administrava o negócio sem mexer diretamente com o serviço pesado. A Julianinha voltou a minha casa outras vezes para uma “ajuda na faxina”, dava-lhe umas guloseimas de vez em quando, algum trocado para agradá-la e, vez por outra, comprava-lhe um corte de tecido para um vestido novo. Por mais precaução que tivesse, acabou apanhando barriga, e foi novamente com desespero que o pai reapareceu em minha casa: “meu amigo, meu amigo, valei-me!, que a menina está perdida!”, e eu, para não assustá-lo, declarei que a coisa não era para desesperar, “tenha calma que para tudo tem remédio” disse-lhe, dispondo-me a ouvi-lo. O infeliz explicou-me que a filha aparecera com enjôos, não podia nem sentir cheiro de comida que tinha de correr para trás da casa, e lá ficava a fazer vômitos que dava dó. “E quem é o responsável?” eu perguntei para especular se o homem iria acusar-me frontalmente, pois devia estar claro para ele que as visitas da Julianinha a minha casa não eram para ajudar a velha na faxina. “E quem haveria de ser, seu Joaquim, quem haveria de ser!” foi seu grito de aflição, e eu me calei, fechando a cara para dar a entender que o caso não era comigo mas mesmo assim pensava numa solução. “Está de quantos meses?” eu perguntei. “Já vai para três... quase três!”, “então não é para desesperar” declarei, “há remédio”, e assumindo um ar de pessoa muito instruída, disse-lhe: “conheço ali para os lados da Batoca uma clínica... enfim, é coisa segura, são médicos...”, “ah... mas isso não é de Deus... um inocentinho”, “e o que é que tu esperavas, homem? Que história é essa de Deus? Não sabes que Deus não se mete nas coisas cá da Terra?... E além do mais, que solução eu posso ter para um caso desses? Ora, contenta-te... ouve o que te digo...”, “mas essas coisas... custam dinheiro...”, “dinheiro arranja-se... arranja-se... como sabes, estou cá ainda bastante apertado... a velha anda com uns achaques... até piorou um pouco, e os remédios... enfim... mas sempre se arranja alguma coisa... enfim, não sou homem de deixar um amigo na mão! Dou-te uma parte, digamos, um terço do custo total, e a outra parte vou descon-

tando-te mensalmente no salário... então? Que pensas?" O homem não pareceu mais satisfeito que ao chegar em minha casa, mas era o único caminho que eu lhe podia mostrar, e não teve outra coisa a fazer a não ser baixar a cabeça. Baixou a cabeça, a Julianinha baixou à clínica e de lá à cova. O pai apareceu-me em casa na mesma noite com um revólver e desfechou contra a porta, sim, contra a madeira da porta, porque mal o vi com a arma corri a tempo o ferrolho. Mato-te, mato-te!, ele gritava enquanto eu fugia pelos fundos. A vizinhança, escutando os disparos, acorreu, fez-se grande alvoroço em frente de casa, veio a polícia mas o homem também já estava longe. Não saiu, porém, do meu encalço, e para uns e outros andou a dizer que matava-me, que eu podia esperar pois a coisa era certa, e a todos contava meus abusos com a falecidazinha. Vieram referir-me o caso, tive cá meus receios pois o homem podia ser um bisonho, mas também era um pai querendo vingança... Para evitar surpresas, vendi a lojinha, ajuntei os cobres e foi assim que vim para o Brasil. Eu tinha trinta e dois anos então. Minha mãe lá ficou, só e quase sem dinheiro. Não voltei a revê-la nem tive notícias, a não ser que morreu uns poucos anos depois, e eu não fui no enterro, já estava mesmo morta e não daria por minha ausência.

O português sorriu, fez uma pausa para molhar a garganta, e continuou:

— A princípio, chegando ao Rio de Janeiro, eu me desacorçoei, me senti meio peixe fora d'água, mas aos poucos fui me enfronhando do submundo e passei a explorar o jogo num cassino clandestino que levou cinco anos para ser descoberto pela polícia. Com alguma esperteza, consegui juntar uns trocados, uns bons trocados, roubando os mais tolos, mas perdi quase tudo subornando os tiras que, intransigentes, queriam fechar a casa a qualquer custo. Comprei caro minha liberdade, e quando a coisa veio oficialmente à tona eu já estava longe com uma pequena parte de tudo que conseguira acumular, o suficiente para iniciar outro negócio. Durante o tempo do cassino conseguira imiscuir-me na vida noturna, apanhei as manhas da caftinagem, e como não queira mais aventurar-me no jogo ilegal, passei a trabalhar com prostitutas. Conhecera há algum tempo um *bookmaker* no *Jockey Club* que vivia também do ofício, controlava alguns pontos e ao embriagar-se falava pelos cotovelos sobre as mulheres da vida, de seu envolvimento com elas e do quanto elas lhe rendiam. Não passava de um refinado patife e me apresentou a todas como seu amigo do peito, e foi naquele mesmo peito que uns meses mais tarde alojei quarenta centímetros de lâmina durante uma briga que eu mesmo provoquei intencionando chegar

àquele resultado, depois do que tornei-me o novo cafetão da área. A única testemunha foi uma puta que estava conosco à mesa, e como a tal se mostrasse interessada por mim, manteve-se calada. Calou-se, mas passou a chantagear-me exigindo uma parte considerável dos rendimentos. “É a lei da selva, meu portugazinho querido, quem não joga alto jamais ganha alto” ela disse com trejeitos de gata manhosa, fazendo biquinho e dando-me beijinhos nas bochechas. Eu sorria fingindo achar graça, mas ao mesmo tempo imaginando um meio de livrar-me da safada. A dita cuja era esperta, todavia, e não se deixou agarrar: pareceu ler meu pensamento, e antes de nos separarmos naquela noite alertou-me: “Tem outra coisa, meu portugazinho rechonchudo” disse fazendo o mesmo biquinho e falando do mesmo jeito meloso, “antes que pense em dar cabo de mim, dê uma olhada nisto” e tirando do bolso do vestido um envelope, acrescentou: “é só uma cópia, o original está com uma pessoa de minha confiança, que em caso de necessidade irá entregá-lo no endereço certo”, e foi embora. Sentado na cama, rasguei o envelope e vi, em xerox, duas cartas exatamente iguais (e contendo inúmeros erros de vernáculo), endereçada uma ao delegado de polícia e outra ao juiz da comarca, nas quais indicava claramente meu nome, meus antecedentes criminais (que ela descobrira sabe-se lá como!), acusando-me de ser o assassino do tal *bookmaker* e também o único interessado na morte dela, que me arrancava dinheiro por meio de chantagem. Vi-me de mãos atadas nas garras de uma mulher esperta. Aturei a puta por muito tempo até que resolvi deixar o negócio de lado e entreguei-lhe tudo. “Viste, bonequita?” eu disse quando nos separamos, “entendemo-nos bem. Que tanto medo tinhas cá do lusitano?”, e ela, sempre melosa, fazendo biquinho, contestou: “Eu sei, meu portugazinho querido, mas seguro morreu de velho. Sabe, vou sentir muito sua faltazinha. Vem de vez em quando ver sua Lulu, promete que vem?”. Prometi, mudei de cidade e nunca mais apareci. Estava perto dos quarenta anos, tinha ajuntado um rico dinheirinho, e como o negócio com mulheres da vida não me parecesse mau, resolvi manter-me nele por mais algum tempo. Investi meu dinheiro numa verdadeira casa de prostituição, pequena mas bem posta, arrumadinha, bonitinha, ao gosto do freguês: música, bebida e mulheres. Mas a casa de mulheres seria só uma fachada, havia um outro negócio mais rendoso: exportar mulheres, vendê-las a peso de ouro para fora do país, e como já conhecesse razoavelmente o ramo e tivesse contatos, não tardou a aparecer freguesia. Mercadoria não faltava: a promessa de uma vida de conforto, ou de bons empregos na Inglaterra, nos Estados Unidos, enfim, qualquer país desses, era um chamariz, atraía cada moça catita que só vendo...

Está visto que não tínhamos mais notícias das moças depois que saíam do país. Sabia-se vagamente que algumas acabavam na rua, fazendo a vida, mas entre fazer a vida aqui e lá, lá parecia-me bem melhor, o pagamento era em dólar, e com isso sentia-me até lesado pelas vagabundas, agora com o futuro garantido e sem se lembrar cá do lusitano... “Podiam mandar-me umas verdinhas de vez em quando” eu dizia para os outros, e caíamos na gargalhada. Mas tudo que é bom acaba, e isso também acabou: um dia apareceu-me um sujeito para tomar umas cervejas e divertir-se um pouco. Já bem tarde chamou-me para um canto, identificou-se como tira e falou-me francamente: sabia do caso das moças que iam para fora, não adiantava eu negar. Eu, contudo, fiz pé firme: “Minha casa pode não ser a mais honesta da cidade, policial, mas daí a acusar-me sem provas de tráfico de mulheres...”. Disse-o para ganhar tempo, pensar numa estratégia, era preciso defender-me e, principalmente, manter-me longe das grades. O polícia estava, porém, muito seguro de suas afirmações, certamente possuía algum ás na manga: “Eu sei do que estou falando” ele contrapôs soltando baforadas de um cigarro ordinário, “aliás, nós dois sabemos. Mas nem tudo precisa acabar mal” e me propôs um acordo em longas ponderações que se estenderam por horas! O puto demonstrou saber realmente de tudo, citou nomes e endereços, falou de testemunhas que a um chamado seu não hesitariam em depor contra mim, finalizou argumentando que era melhor fazer um negócio com ele do que encarar o homem do martelo. Discutimos a bom discutir o acordo que ele me propunha, salgadozinho, Deus do céu! muito salgado!, “assim tu me esfolas, ó gajo! Também não estou a cagar notas de cem!”, mas por fim nos acertamos num meio termo, e o tira foi embora prometendo voltar. Quando o vi pelas costas, respirei aliviado e não lhe dei tempo: no dia seguinte tratei de passar o ponto, encerrei rapidamente os negócios e piquei a mula. Daí por diante as coisas começaram a dar errado. Continuei insistindo por mais algum tempo no ramo da prostituição e abri outra casa de mulheres, desta vez sem outra ilegalidade que uns carregamentos de bebida sem nota fiscal, mas em pouco tempo vi-me endividado e tive de fechar o negócio. Voltei à caftinagem de rua, mas me envolvi numa briga com um concorrente e para não amanhecer furado tive de escafeder-me. Cheguei mesmo a trabalhar honestamente na feira, como no início, e em certas noites bem que me lembrava da Julianinha de tantos anos atrás. “Pobre menina” eu dizia comigo mesmo então, adormecia sem remorsos e no dia seguinte atirava-me outra vez à labuta. Não progredi, e virei vendedor ambulante, com igual fracasso. Virei caminhoneiro, mas agora era a minha vez de ter um patrão que me roubava, e para vingar-me

simulei um acidente na estrada e atirei o caminhão ribanceira abaixo. Voltei à feira, negocieei com frangos, catei sucata para vender, estava quase na miséria. O que eu havia ajuntado nos tempos das vacas gordas chegara ao fim, e para não terminar pedindo esmolas na rua acabei aqui, neste boteco onde estou há pelo menos oito anos, vendendo bebida da pior qualidade e aturando bêbados feito vocês. Estou ficando velho, cinquenta e cinco, e faz tempo que desisti de continuar correndo riscos. Para mim agora vale mais o sossego. Sei que estou sendo um grandessíssimo covarde, pois não foi por nobreza de caráter ou por ter-me convertido que abandonei o crime, mas por medo! Sim, senhores, um formidável cagaço que me apareceu com este começo de velhice: comecei a pensar nas diversas ocasiões em que estive na tábua da beirada, e me perguntei: se de um momento para outro faltar-me a tábua, como ficarei?... “Não, comigo não tem mais essa” eu ia repetindo enquanto me preparava a cada manhã para abrir o boteco, e era com uma agradável sensação de segurança que espiava a cara amarela do sol sobre esta ruazinha estreita e suja. E aqui estou, e aqui estamos todos, vivendo nossa merda de vida, mas em segurança. Enfim, meus caros amigos, aí está minha história, espero que se dêem por satisfeitos com ela e quem não gostou que conte outra melhor! —dizendo o que, emborcou mais um copo de cerveja.

— Parabéns! — trovejou, completamente bêbado, o estivador. — Falou a bom falar!...

— Além de criminoso — gaguejou o cara de fuinha —, este português é um puto dum cafajeste! Que bom filho da puta!...

— E agora — eu disse batendo com a mão espalmada na mesa para chamar atenção — toca a mim diverti-los.

— Não nos decepcione — advertiu o estivador, encarando-me. — Cada qual aqui é mais criminoso que o outro. Todos queremos ouvir algo que valha a pena.

— Julga-me incapaz de lhes fazer frente? — perguntei. Do grupo, o menos embriagado era eu, que bebera com alguma moderação até aquele momento. — Bem, vou mostrar que sou digno do bando. Mas antes, ô português, vê se traz alguma coisa mais forte, que diabos! Fica aí falando como um cão, e nos dá mijo de porca pra beber!

O português arregalou os olhos lacrimejantes (era assim que ficava quando o álcool lhe subia à cabeça), a cara inchada avermelhando-se de indignação (não sei o que mais o irritava: aludir à má qualidade de sua bebida, que em outras ocasiões ele mesmo admitia, ou chamá-lo de cão). Tremeram-lhe os bigodes e rosnou de tal forma que pensei fosse atirar-se

ao meu pescoço. Levantou-se trocando as pernas, e ao retornar à mesa trazia uma garrafa da pior aguardente que havia no mercado.

— Uma bebida digna de nós — balbuciou o coveiro.

— Talvez nos derreta por dentro — eu disse.

— Se quiseses melhor — esbravejou o português —, podes ir solicitar a senhora vossa mãe — e arrotou num arrebatamento de cólera.

— Bem, senhores, é melhor que deixem esta garrafa de ácido sulfúrico um pouco de lado, porque a história que lhes vou contar não fica nada a dever à de qualquer dos senhores.

— Estamos atentos — tentou dar a entender o cara de fuinha, mais por gestos que por palavras.

— Há seis anos eu residia em B..., bairro que todos devem conhecer: é um dos mais imundos da cidade; e minha rua, uma ruazinha estreita e poeirenta, talvez a mais medonha do bairro, com montes de lixo apodrecendo nos terrenos baldios e casinhas sombrias, monstruosamente feias (a minha não escapava a essa classificação, nenhuma casa daquela rua, daquele bairro, escapava). De lá para cá a situação melhorou o suficiente para que eu deixasse não só tal casa e tal rua, ou mesmo tal gueto, mas aquela gente miserável que carregava consigo sua insignificância como uma marca registrada. Saibam que tal miséria não é menos que uma marca registrada, e daqueles que a carregam, poucos, pouquíssimos aliás, estão habilitados a deixá-la se um dia sua sorte mudar. A verdade é que os meus caros companheiros também têm sua marca registrada, não muito diferente, pode-se dizer até mesmo irmã daquela a que me refiro; e acrescento que mesmo eu não consegui me livrar de certos cacoetes e manias típicas de tal classe de gente, embora me esforce por disfarçá-los; afinal, no mundo em que vivemos não passam de uma maldição que se carrega, um estorvo quando pretendemos subir na escala social. Disfarço bem, posso mesmo dizer que me livrei bastante dessa maldição, e que procuro afastar-me ao máximo dos que a carregam. Desde que saí daquele insuportável bairro, lá não tornei a pôr os pés, e só muito raramente voltei a encontrar quem quer que ainda habite aquelas pocilgas. Talvez me perguntem por que estou aqui, numa pocilga igual às que com tanta pressa e satisfação abandonei mal a sorte me foi favorável. Dizem que quem foi rei não perde a coroa. Admito: dificilmente também um mendigo deixa de sê-lo por completo. Disfarçado, continuo um daqueles miseráveis, e vez por outra a natureza é mais forte que a impostura, e eu me rendo. Hoje rendi-me, baixei ao nível da escória e aqui estou.

Fiz uma pausa para avaliar o efeito das minhas palavras sobre meus companheiros, mas creio que estavam muito bêbados para compreenderem a injúria que intencionalmente lhes fazia — injúria que talvez até lhes soasse como um elogio, vá saber! Tomei um trago daquela horrível aguardente, fiz uma careta e prossegui:

— Não morava ninguém comigo, lá, pois há muito tempo decidira abandonar a família e viver só. Costumava levar para casa uma ou outra mulher apanhada na rua, apenas para as farras de fim de semana, mas não tencionava casar-me, de forma que até hoje continuo sozinho. Algum tempo antes de deixar aquele lugar medonho, vivia na casa ao lado da minha uma família formada por um homem, a mulher deste e os filhos, três meninas, a mais velha com onze anos. Eram ainda relativamente jovens: ele devia andar pelos trinta anos, ela penso que ainda não passara de vinte e sete. Haviam se mudado no ano anterior, mas como de imediato não simpatizei com o marido, jamais me aproximei ou permiti qualquer aproximação, e assim viviam eles na sua casa e eu na minha, sem trocar palavra. Minha antipatia pelo homem não era gratuita: jamais vi em minha vida criatura tão medíocre: de aparência repugnante e atitudes vulgares, hábitos mesquinhos e extrema falta de caráter. A começar por sua aparência de tremendo desleixo, era um tipo miúdo e seco que dava a impressão de nunca tomar banho, e quando sorria mostrava dentes cheios de cáries. Na cara franzida, a barba habitualmente por fazer assomava, esparsa e espetada, e os olhos sifilíticos, olhando um em sentido oposto ao outro, nunca se fixavam diretamente em ninguém. Tinha a mania, quando irritado, de enfiar as mãos nos bolsos e erguer ligeiramente os ombros, e ficar andando com passinhos curtos de um lado para outro com um ar de dignidade ofendida que não condizia com seu tipo e o tornava ainda mais detestável. Metia-se sem mais nem menos na conversa alheia, e se esforçava invariavelmente em contradizer todo mundo como se fosse o dono da verdade; exprimia suas opiniões mais cretinas e não admitia réplicas, pois treplicava sempre. Aze-do, aborrecia-se se ousavam contradizer suas palavras, e nesses momentos assumia a detestável atitude de enfiar as mãos nos bolsos e erguer os ombros. Não conseguia ver nada de positivo em ninguém, em qualquer um cujo nome se mencionava em sua presença apontava um defeito, e só se satisfazia realçando esse defeito com todos os detalhes possíveis “para mostrar o quanto todos vocês estão enganados a respeito de fulano” dizia com autoridade. Não sei em que trabalhava — nem se trabalhava em alguma coisa. Passava os dias fora, e à noite era costumeiro parar nos bares próximos onde apostava nas cartas, jamais porém arriscando somas signi-

ficativas. A mulher, bastante acabada pela vida de penúria, eu costumava vê-la nos fundos do quintal lavando trouxas e mais trouxas de roupa para fora; parecia-me ser quem respondia pela manutenção da casa. O homem, ao desentender-se com a mulher, fazia escândalo: espancava-a, dizia palavrões aos berros, empurrava as crianças contra a parede e, quase sempre após um daqueles entreveros vinha para fora fumar um cigarro, e ficava por ali andando de um lado para outro com seus passinhos curtos como quem diz “estou na minha casa, e é assim que eu conduzo as coisas em família”. Em pouco tempo o homem fez com que todos na rua antipatizassem com ele e o evitassem, o que de certa forma tornava a vida da pobre mulher e das crianças ainda pior. Eu, apesar de não querer aproximação com aquela casa, punha-me às vezes a espiar detrás do postigo e penalizava-me ver as condições em que viviam. Não raro as crianças apresentavam manchas roxas pelos braços e pernas, e a mulher muitas vezes escondia com um pano as marcas de esganadura que lhe ficavam no pescoço. Um dia a contenda entre marido e mulher ultrapassou tudo a que até então estávamos acostumados: os gritos da mulher chegavam à distância de vários quarteirões, de onde curiosos vieram ver o que estava se passando; o homem também gritava e, juntamente com seus berros, ouvíamos as bordoadas que distribuía com generosidade em todas as direções, atingindo móveis, louças, paredes, sendo que uma boa parcela recaía sobre os ossos da mulher. Ninguém entendia nada do que gritavam entre si por causa do barulho e do berreiros dos pequenos; temíamos que a coisa fosse terminar num assassinato, mas nenhum de nós se envolveu. Horas mais tarde, quando a situação se tranqüilizou, lá estava o homenzinho em frente de sua casa, os passinhos miúdos de um lado para outro, as mãos enfiadas nos bolsos e os ombros levantados, fumando sem parar. A partir de então algo singular começou a acontecer: todos os vizinhos podíamos ver com frequência, sempre à noite, chegar naquela casa algum estranho, recebido com atenção pelo homem e imediatamente convidado a entrar. Eram os tipos mais diferentes, e alguns voltavam várias vezes. Nunca se demoravam: entravam, passavam-se alguns minutos, no máximo meia hora, depois saíam. A princípio suspeitou-se de que o homem estivesse envolvido com o crime. “Deve andar negociando drogas” comentava alguém em voz baixa, quando nos reuníamos para discutir a novidade. “Ou planejando algum roubo a banco” lembrava outro. “Sei lá...” diziam todos afinal, pois ninguém tinha certeza. Mas, como a assiduidade se tornasse maior, e agora os visitantes aparecessem também de dia — ainda que nesse caso com menos frequência —, não nos parecia que o sujeito pudesse participar de uma

quadrilha tão numerosa ou envolver-se em tão grande número de ações ilícitas que lhe permitisse ter tantos cúmplices. Não foi preciso nenhuma clarividência para, ao fim de certo tempo, compreendermos a verdade: o sujeito pusera a filha mais velha à venda, talvez já encaminhasse as mais novas para o mesmo fim, e como não faltassem fregueses devia estar fazendo dinheiro. Não tardou a comprar um carro e a desfilá-la sua arrogância diante dos vizinhos aturdidos que, no entanto, sentiam-se temerosos de fazer alguma coisa. “E se o denunciássemos à polícia?” sugeriu o dono do armazém certo dia, mas todos o dissuadimos da idéia, “do jeito que esse tipo é” disse alguém, “mesmo não sabendo quem o denunciou, é possível que se vingue... até num inocente, nunca se sabe...”, e todos, em cauteloso silêncio, deixaram a coisa como estava. Foi quando certo dia ocorreu-me que nenhuma importância poderia ser atribuída na ordem das coisas à existência de alguém tão vil, e não faria falta alguma caso deixasse de existir. A idéia ocorreu-me enquanto assistia o jornal da noite na TV, e assim pensando cocei o queixo demoradamente, sem arriscar-me a ir adiante em minhas reflexões, mas também sem voltar atrás. Esse pensamento persistiu nos dias seguintes, até que certa madrugada acordei sobressaltado com um pesadelo e, meio confuso de sono, dei mais um passo, involuntariamente e sem refletir muito, em minhas conjecturas: se alguém desse cabo daquele sujeito talvez não cometesse um crime: estaria, isto sim, prestando um favor àqueles que ele oprimia. Imaginando a menina de onze anos na cama a receber homens, ou a mulher com suas marcas de espancamento esfregando roupas no tanque o dia todo e por medo submetendo-se à tirania, pensei pela primeira vez em assassiná-lo. Ao acordar na manhã seguinte a idéia já fazia parte de minhas intenções como decisão tomada, e não me alarmava com aquilo. “*Não, não será um crime... um tipo desses não tem direito à vida*” eu repetia intimamente, sem nenhum sobressalto. Está claro que nesse ponto eu não podia deixar de pensar em Raskolnikov... lembram-se dele, não?

— Bem — disse o português —, decerto não passou cá pela bodega... que eu me lembre...

— E eu — gaguejou o coveiro — não enterrei nenhum parente desse tal Rask... Raskl... como é o nome?... Com um nome desses, eu não ia esquecer...

— Imbecis! — gritei, irritado diante de tamanha ignorância. — Diabos! Como podem ser tão burros!

— Ora, pois — exclama o português —, como queres que conheçamos o gajo se cá não esteve e nem é do bairro?!

— Maldição, estou falando de Raskolnikov, de... de... de Crime e Castigo! — mas aqui fiz uma pausa, e balancei a cabeça: — É inútil! Certamente não conhecem Dostoievski.

— E quem vem a ser esse tal *Dostoievs*? — perguntou o português. — Não será parente do outro? Os nomes têm lá alguma semelhança...

— Trata-se de um escritor russo, percebem? Escreveu o romance Crime e Castigo...

— Um escritor russo? — disse o estivador com cara de zombaria. — Gente como nós só lê O Dia, meu caro, e mesmo assim só o caderno de esportes e a página policial...

— Está bem... vou fazê-los compreender, seus imbecis. Em suma: Raskolnikov, personagem de Crime e Castigo, imagina um crime. A questão é: se um homem pode chegar à celebridade e realizar grandes feitos (por exemplo, feitos que possam proporcionar extraordinários benefícios à humanidade), será lícito que não se detenha diante de nenhum impedimento para realizá-los, e chegue até mesmo ao crime? Ou, por uma simples questão de escrúpulos, deverá deter-se e, como consequência, não se tornar célebre nem realizar seus grandes feitos? Raskolnikov conhecia uma velha usurária, uma mulher má, insignificante, sem nenhuma importância (como o vizinho de quem lhes falo), e pôs-se a si mesmo o problema: se ele, Raskolnikov, em tese, pudesse tornar-se grande, mas para tanto tivesse de matar a velha usurária... Napoleão, ele pensou, recuaria diante de tão medíocre empecilho, jamais tornando-se o grande homem que foi?

— Mas o que tem a ver isso com a sua história? — perguntou o cara de fuinha.

— No meu caso a questão não era a mesma que Dostoievski põe em seu romance. Eu não questionava o crime como um obstáculo diante do qual me veria num dilema... O que eu questionei foi o direito à vida. Este ponto deve ficar bem claro: em nenhum momento Raskolnikov duvidou do direito à vida, e por mais ínfima que fosse a criatura a quem decidira matar, “um piolho” ele dizia referindo-se a ela, nunca lhe negou o direito à vida. Admitiu, sim, que ele teria o direito de tirá-la, caso estivesse destinado a grandes feitos e ela surgisse como impedimento. Eis a distinção que faço com minha pergunta: terão todos **igual direito** à vida? Mas não me respondam com as religiões e as leis, pois estas não fazem distinção de ninguém quanto a isso... o que estava agora em jogo era a minha convicção. Vocês, o que pensam? Terão todos o mesmo direito à vida?... — e olhei atentamente cada um dos meus companheiros que, por sua vez, me encaravam, vacilantes. — Não respondem? Vejamos: um médico brilhante, cujas

descobertas acerca das doenças proporcionam um bem imenso a toda a humanidade; não terá tal homem mais direito à vida que certas pessoas vulgares que parecem apenas ocupar um lugar indevido no mundo?... Teria aquele homenzinho vulgar e criminoso o mesmo direito de viver que a pobre criança que explorava?... Não, não me falem em padres ou juízes, eu não creio neles, são estúpidos demais!... Eu, enfim, decidi que não! Uma tal criatura não tinha o mesmo direito à vida, não tinha **nenhum** direito à vida, por isso resolvi matá-lo. Comecei pois a pensar em como fazer a coisa: matar alguém não é fácil, e fazê-lo de modo a não deixar pistas, mais difícil ainda. Eu não podia simplesmente encontrá-lo na rua e disparar contra ele várias vezes, pois acabaria preso (está claro que os juízes não pensariam como eu, para eles eu teria cometido, de qualquer forma, um crime, ainda que o morto não passasse de um verme, o pior dos vermes, por sinal); de que maneira levaria a termo meu projeto? Pensei por vários dias numa solução, e como não me ocorresse nenhuma comecei a recear que a idéia esfriasse, que minha mão fraquejasse não por escrúpulos, mas por inércia. A idéia do crime, vejam os senhores, parecia-me tão acertada, que temia desanimar de praticá-lo. *“Não quero desistir; e o que me propus não me assusta”* eu pensava, *“mas se não encontro um meio, o que fazer?”* De súbito, e numa hora em que não cuidava do caso, descobri a maneira ideal de acabar com o homem: em sua própria casa, à noite, quando eu mesmo lá me apresentasse para deitar-me com a menina, e todo o plano assomou à minha mente num lampejo, formado, irretocável. Meu primeiro passo foi apresentar-me de casa, antes do que comentei com os vizinhos e conhecidos que passaria um mês com minha família, que vivia em C... e havia muito tempo não visitava. A desculpa era plausível e não podia levantar suspeitas. Viajei para a casa dos meus pais onde permaneci por alguns dias. Uma tarde, munido de documentos falsos que adquirira previamente com aquele mesmo fim, aluguei um automóvel e, alegando que ia passar a noite numa cidadezinha próxima onde se realizava uma quermesse, retornei a B... Claro que em casa ninguém sabia do automóvel nem dos documentos, e na estrada tomei outra precaução: parando em um local deserto, cobri as placas do carro parcialmente com lama para não ser identificado. Quando entrei em minha rua, já bem tarde naquela madrugada, todos dormiam. Como fosse inverno e fizesse frio, ao descer em frente à casa do homem com as golas do casaco levantadas e usando óculos escuros, mesmo que algum vizinho estivesse casualmente de vigília numa janela, não poderia reconhecer-me. Além disso, deixara crescer durante os últimos dias um bigodezinho muito cerrado com o qual ninguém jamais me vira. O plano era

simples e não podia falhar: ao ser conduzido ao quarto em que a garota recebia os clientes, e para evitar que ela se apavorasse e gritasse, acordando todo mundo, eu me aproximaria e fingindo-lhe um agrado com um perfume fá-la-ia desfalecer aplicando sobre seu nariz um chumaço de algodão embebido em clorofórmio (apalpei no bolso do casaco o vidrinho com o produto, enquanto repassava o plano); chamaria em seguida o pai, alegando qualquer motivo, e quando ele entrasse no quarto o esfaquearia de surpresa várias vezes, indo embora sem ninguém perceber. Bati palmas duas vezes até que o facínora veio atender-me ao portão. “Vim” disse-lhe em voz baixa e disfarçada, “porque soube que tem uma mercadoria de boa qualidade”. “Depende de que mercadoria o senhor está falando” ele respondeu sem reconhecer-me. “Uma certa... franguinha...” eu disse, e ele abriu um largo sorriso de dentes enegrecidos, “veio ao lugar certo, moço. Tenho uma boa franguinha...” e aproximando o rosto enquanto corria o ferrolho: “até eu já experimentei. Não vai se decepcionar...” e abriu o portão. “Porém...” disse ainda, detendo-se numa pausa com um risinho cheio de intenções, “pelo adiantado da hora, o senhor compreende, cobra-se mais um pouco”, “sem problema” respondi, “não vim aqui para discutir preço”, “pois se é assim... faz favor, faz favor...” e franqueou o portão, conduzindo-me até uma saleta, onde deixou-me entrando em seguida num quartinho que havia em frente. A saleta recebia luz de um cômodo no fim do corredor, ficando portanto na penumbra; não havia mais ninguém ali (a mulher e as crianças deviam estar na cama àquela hora). Seria um bom local para fazer a coisa, e com a mão no bolso apertei o cabo da faca; mas me pareceu precipitado agir logo e resolvi seguir à risca o plano inicial. No quartinho em frente, escutei o homem acordar alguém e dizer em voz apenas sussurrada mas com aspereza: “Prepare-se, moleca. Você tem freguês”, e alguns minutos depois reapareceu, entreabrindo a porta: “O senhor pode entrar” disse com uma delicadeza irritante e seu risinho de dentes podres; “já estávamos todos dormindo, até a franguinha, mas trabalho é trabalho, para bom freguês não tem hora”. Concordei com um movimento de cabeça e entrei: o quarto era minúsculo, a única iluminação provinha de um quebra-luz numa mesinha ao lado da cama, e nesta uma garota meio recostada ajeitava sobre o corpo um cobertor ordinário, os olhos assustados fixos em mim. “Se precisar de alguma coisa” disse o homem depois de sair, metendo a cabeça pela porta entreaberta, “ou quando terminar, é só chamar”, e se afastou. Confesso-lhes que em nenhum momento eu me alterei: tudo parecia-me tão natural que não me senti excitado, nem nervoso, muito pelo contrário, estava calmo e agia com segurança e determinação. *“O lugar ide-*

al” pensei, “*não podia haver melhor*”. Devagar, aproximei-me da cama procurando no bolso o vidrinho, sentei-me e sorri para a menina imaginando um meio de ganhar sua confiança e não ter de fazer com que respirasse a força o clorofórmio. De seu lado a garota, resignada como se fosse apenas cumprir mais uma vez sua obrigação, desfez-se do cobertor e exibiu-me o corpo miúdo, o sexo sem pêlos, um sorriso sem cor. Então, deixando de lado o frasco de clorofórmio, me despi e me deitei com ela, e quando deixei o quarto paguei ao homem generosamente.

Quando me calei, meus companheiros olhavam-me assombrados com o fim da minha narrativa.

— Eis, senhores, o **meu crime**: não cometer o crime planejado e succumbir ao desejo, pois a putinha da garota, apesar de tudo, era linda!

— Puta que o pariu! — assoviou o estivador.

— Caralho! — murmurou ao mesmo tempo o português, enquanto o cara de fuinha emborcava mais um copo da péssima aguardente e o coveiro arrancava, abismado, melecas do nariz.



Por volta das cinco da manhã — deviam ser cinco horas, cinco e meia, mas não estou bem certo —, tendo bebido excessivamente, talvez já tivéssemos perdido o conhecimento.

Continuávamos sentados em volta da mesa, sem forças para nos termos de pé, mas ainda insistíamos em levar à boca, vez ou outra, o copo, um tira-gosto. O português, de quinze em quinze minutos, amparando-se na mesa e no balcão, arrastava pateticamente os chinelos até a prateleira e vinha de lá com uma garrafa cheia, insistindo para que bebêssemos sempre mais, com o que concordávamos de boa vontade. Depois arriava suas volumosas nádegas na cadeira, que rangia como se fosse afundar, e, estirando os braços molemente sobre a mesa, ficava assim com aquele ar apalermado de quem já não pensa em nada.

Agora estávamos em silêncio.

Desde que eu concluía minha narrativa o assunto fora morrendo até extinguir-se de vez, exceto por algum comentário longe em longe sobre o tempo, que não dava sinais de melhora.

Foi então que, inesperadamente, proveio da sala ao lado, inteiramente às escuras e onde havia uma mesa de sinuca, uma risadinha alvar, um barulho de cadeira e de passos, e vimos aparecer à claridade das velas,

olhando-nos com ar de chacota, o sexto personagem — aquele que não sabíamos estar ali.

Seria o diabo? Afinal, não é ele quem aparece sempre de improviso para escarnecer de nossas misérias?

Nenhum de nós disse nada, e o homenzinho — porque era um homenzinho miúdo de corpo, seco de cara, dentes podres, muito sujo, o mais das vezes bêbado e ainda por cima amulatado de cabelo ruim, que já conhecíamos dali de longa data —, o homenzinho, portanto, riu novamente, continuando a olhar do mesmo jeito.

O estivador piscou, creio que fazendo um esforço enorme para entender o que se passava. O português voltou molemente a cabeça, como se esta pesasse dezenas de quilos, e encarou o coveiro com ar inexpressivo.

— Que é que há... seu urubu... sem asa? — disse o estivador com maus modos.

O coveiro, no entanto, conquanto houvesse bebido bastante, talvez estivesse ainda um tanto sóbrio, pois a súbita aparição do homenzinho pareceu assustá-lo: encarava-o apalermado, pálido, os olhos muito abertos.

— Não há nada — ele respondeu com o mesmo ar de riso. — Eu não disse que há alguma coisa, disse? — E em seguida não se conteve: olhando cada um de nós pela terceira vez com cara de deboche, soltou uma risada curta que deixou o estivador bastante irritado. (Pareceu-me nesse momento que o homenzinho não estava tão bêbado que não tivesse noção do que se passava à sua volta, do que escutara de nossa conversa, e o jeito como nos olhava era uma prova disso: com seu ar estúpido e seu risinho cretino dava mostras mais que evidentes de ter compreendido tudo, e ainda, de que tinha alguma coisa em mente.)

Súbito fechou a cara.

— Cinco criminosos — soltou, avançando dois passos e encarando-nos com o mesmo ar de deboche ao qual, no entanto, juntava-se uma atitude de desafio.

As palavras do homenzinho tiveram o poder de nos arrancar um pouco da nossa inércia, e com isso tentávamos adivinhar o que ele teria em mente.

— Cinco criminosos — tornou ele.

— Cale a boca, imbecil! — exclamou o estivador furioso, desferindo um soco na mesa com a força de que dispunha em sua embriaguez.

— Não! — ele disse com o vigor taxativo dos bêbados enfezados. — Não me calo!... Acaso estarei mentindo?... Não estão vocês aqui falando... falando de seus crimes como de uma... brincadeira...

— Foi... foi só uma... brincadeira... — gungunou o português, que a custo começou a entender alguma coisa do que se passava.

— Uma ova! — contestou o homenzinho fazendo uma careta. Tentou avançar mais um passo mas não estava muito firme nas pernas, e balançou um pouco. — Uma... ova!... Pensam que não... sei?... que cada um contou... aproveitou para contar... seu crime... como se fosse uma brincadeira...

O cara de fuinha não compreendia nada, o português movia a cabeça de um lado para o outro, tonto; o coveiro parecia ainda mais nervoso, curvou-se para mim, que observava a cena sem expectativa alguma, como se estivesse acontecendo a quilômetros de distância, e cochichou ao meu ouvido:

— É a nossa consciência nos acusando. — Mas o que significavam essas palavras? Quem ali, de fato, cometera crimes?

Ao estivador não agradavam as acusações do homenzinho que, dirigidas a todos, ele tomava como se fossem somente contra si.

— Estúpido... por que não enfia a língua no... no cu?

— Estúpido, hem?... hê-hê-hê... Não! — e o homenzinho novamente balançou, como se falar vigorosamente o desequilibrasse em seu estado de bebedeira: — Pensam que... que não compreendi tudo?... — Finalmente, com mais dois passos incertos, conseguiu chegar até onde estávamos. Apoiou-se para adiante à borda da mesa, derrubando uma garrafa e alguns copos. — Pois saibam que... — outra vez cambaleou, como uma vara ao vento — Você... — e apontou o dedo direto para mim, quase enfiando-o no meu olho ao curvar-se na minha direção — você pensou em matar... e acabou fazendo outra coisa... aquele dali quase... quase torra uma pobre velha e uma criança. Incendiário! — exclamou, torcendo a cara. Cambaleou outra vez, agarrou-se como pôde à borda da mesa para não cair. — Incendiário — repetiu frouxamente. — Cada um de vocês... este português... e esse dali, que enterra gente...

— Pois saibam — exclamou subitamente o coveiro, descontrolando-se de vez e levantando-se —, saibam... ora, pra que esconder, se todos nós... eu também... sim... aquela menina... eu arranquei mesmo o cabaço... o cabaço dela atrás daquelas moitas... pensando na defuntazinha... eu arranquei... eu queria a defuntazinha, mas não tive coragem de abrir a cova... então... então... e vocês... cada um de vocês...

Fez uma pausa, encarando-nos, mas o estivador, sem se levantar, segurou-o pela aba do casaco e o puxou de volta à cadeira:

— Cale-se, animal!... Quer por acaso alimentar a maluquice desse aí?

— Você! — exclamou o homenzinho, apontando agora para o estivador enquanto se debruçava em sua direção com tal ímpeto que por pouco não se estatela sobre a mesa. — É certo que inventou a brincadeira... só para poder falar do velho pregador que assassinou!... Porque, sim... você... Você!... matou aquele velho! — e baixando a voz, curvando-se ainda mais para o estivador: — Aqui pra nós... matou mesmo... não matou?... hi-hi-hiiiii!... — e estorceu-se num risinho agudo e prolongado.

— Estúpido! — berrou o estivador, fora de si, e ainda que não conseguisse manter-se de pé, deu um salto e atingiu com ambos os punhos fechados o peito e o rosto do outro, que caiu para trás com estardalhaço.

Com isto, alguma coisa que parecia adormecida em nós despertou.

— Morre, filho da puta! — eu gritei com zombaria.

— Que se vá com o diabo! — disse o cara de fuinha, erguendo o copo como num brinde, e emborcando a bebida de um trago, enquanto o português olhava para o lado e para baixo, tentando enxergar onde o mulato caíra.

— Eu abro uma cova pra você, desgraçado! — berrou o coveiro fora de si, os olhos esbugalhados, um filete de baba escorrendo-lhe da boca.

O estivador, por sua vez, desequilibrara-se rolando pelo chão, e no momento seguinte estava de gatinhas tentando levantar-se.

Seguiu-se uma confusão: o estivador, a custo, segurando-se nas cadeiras e na borda da mesa, conseguiu levantar-se e passou a chutar o homenzinho, que continuava estendido, mas a cada chute caía e tinha de pôr-se de pé outra vez com penosos esforços. O cara de fuinha pareceu empolgar-se, e apesar de estar mais bêbado que todos, levantou-se começando a chutá-lo também, mas, assim como o estivador, a cada chute desabava. O português e eu nos levantamos ao mesmo tempo. O português, por estar mais perto, empurrou para um lado o estivador e pisou violentamente na cara do homenzinho caído e eu, por minha vez, não deixei de dar meus pontapés no infeliz, e assim cada um de nós se revezou em maltratá-lo duramente — até mesmo o coveiro, que, cada vez mais fora de si, após golpeá-lo por todo o corpo com uma cadeira passou a dar saltos e bater palmas gritando “eu abro a cova dele! Eu abro a cova dele!”. A atitude tomada pelo estivador, irritado com as acusações que o homenzinho começara a fazer diretamente contra ele, era compreensível, mas e quanto aos outros? O coveiro impressionara-se de tal maneira com sua aparição súbita que chegara a pensar que se tratava da voz de sua — ou de nossa — consciên-

cia, acusando-nos, portanto era de esperar que não participasse daquilo; o cara de fuinha, bêbado como estava, decerto não havia compreendido uma única palavra, o português tampouco, ao passo que eu absolutamente não me importava com o que ele havia dito. Todos, no entanto, nos satisfizemos espancando-o à vontade como se fosse uma festa.

Durou isso cinco, dez minutos? Por fim, achei por bem parar.

— Parem... seus porcos!... Podemos... podemos machucá-lo... deixem!...

— Que morra! — exclamou o estivador, dando mais um chute e caindo outra vez.

— E que estoure! — repetiu o cara de fuinha, soltando um guincho.

— Vaso ruim... vaso ruim... — gaguejou o português.

— Eu abro a cova... — repetiu o coveiro já sem fôlego, à procura de uma cadeira para sentar-se.

A ação despertara-me um pouco, uns raios de lucidez cruzavam-me a mente agora, e se bem que estivesse bêbado ainda, ajoelhei-me ao lado do homenzinho.

— Tragam luz... vamos tentar... levantá-lo...

O cara de fuinha, cambeteando, aproximou uma vela.

O homenzinho não respirava. Parecia bastante maltratado, com inúmeras contusões pelo rosto, os lábios arrebentados e, abrindo-lhe a camisa, viam-se grandes manchas vermelhas em todo o corpo. Mas foi quando passei a mão sob seu pescoço que senti um líquido morno umedecer-me os dedos.

— Deus do céu! — eu disse, e tão grande foi o meu susto que num minuto, se não estava sóbrio de todo, havia pelo menos recuperado bastante do meu discernimento.

— O que foi, diabos? — berrou o português, apreensivo com meu tom de voz.

Tentando ajeitar sua cabeça em meus braços, o pescoço girou-me nas mãos, sem articulação.

— Ele... ele está morto!

— Morto?!

— Morto?!!

— Morto?!!!

— Morto?!!!!

Sim, estava morto, e bem morto. Ao cair, batera com a cabeça numa quina do balcão perdendo os sentidos, mas a morte não sobreviera propri-

amente da pancada na cabeça, e sim da posição em que havia caído: ao bater com a cabeça seu corpo entortara num ângulo muito agudo. Se socorrido imediatamente, decerto sobreviveria, mas não foi o que aconteceu: cada um de nós se incumbiu de terminar o que o estivador havia começado.

Amanhecia e só aos poucos nos dávamos conta de já não importar que outros crimes havíamos cometido em nossas vidas. O nosso crime comum estava ali, à nossa frente.

Vaidade

Agora, quase trinta anos depois dos acontecimentos que passo a descrever, creio que já posso falar deles não direi sem culpa, mas, pelo efeito do tempo, com o coração mais sossegado. Hoje sou um homem a caminho da velhice, mas se a idade madura nos concede o dom da reflexão, não nos redime de nossos erros a não ser através do sofrimento. É certo que o sofrimento traz a redenção e transforma o espírito, e somente pela dor alcançamos a cura — cura que ignoro se alcancei, ou se ainda terei de me defrontar, de tempos em tempos, com esses demônios silenciosos que às vezes me invadem as noites e riem de mim, mostrando suas caras perversas detrás das portas ou entre as névoas do sonho. Falei em culpa. De antemão quero dizer que não fujo à responsabilidade, a minha consciência acusou-me severamente à época, acusa-me agora como uma velha mãe nos repreende às vezes dizendo “lembra-se?”, sabendo que o crime — e posso, sem nenhum embaraço ou dúvida, falar em crime — foi expiado. Deixo, porém, que o leitor julgue os fatos — e julgue a mim — com a imparcialidade que lhe dá a posição de leitor, e se achar por bem absolver-me, fico-lhe grato. Se, ao contrário, condenar-me, não lhe fico menos grato, pois eu mesmo me condenei e, assim sendo, nossas opiniões convergem.

Eu tinha vinte e cinco anos quando o caso se deu. Regresso nos dias para reencontrar-me na varanda de minha casa na roça, numa tarde ensolarada de primavera — corria outubro —, conversando com um amigo que lá estava de visita, o João Donato, o Donatinho, como me habituara a tratá-lo. Éramos colegas de faculdade; um acidente — um incêndio sem vítimas que atingira duas alas do prédio — suspendera as aulas por mais ou menos três meses; alguns cursos foram remanejados para outros estabelecimentos, mas tal operação não fora possível a todos, e aquele período de férias extras, muito conveniente em tais circunstâncias, eu resolvi passar na casa dos meus pais no interior, aonde ia apenas de quando em quando, retido na cidade pelos inúmeros compromissos escolares; o Donatinho, a convite meu, fora uma semana depois conhecer o sítio e passar alguns dias no campo.

Estávamos, pois, na varanda, fumando e conversando — falávamos não sei de quê, a satisfação das férias imprevistas, um ou outro namoro, a doce monotonia da vida na roça, não lembro. Diante da varanda havia um pequeno jardim, depois uma cerquinha, um descampado e, por fim, a uns duzentos metros de distância da casa, passava a estrada que naquele mesmo ponto se bifurcava: seguindo em frente vinha dar no meu terreiro, e à esquerda penetrava na mata. Vizinhos não havia, a não ser de longe em longe, e além de nossas vozes o silêncio era interrompido apenas pelo canto dos pássaros, por algum mugido nos morros ou latidos de cães perseguindo reses num pasto longínquo.

Foi então que ela — ela — passou na estrada em frente. Víamos seu vulto aparecer, lento sob o sol, ao contornar a curva, e continuar, entrar no caminho da mata, desaparecer. Assim, a distância, não tinha idade definida. Podia ser jovem ou velha, não interessaria a ninguém. Como eu, porém, vendo-a passar me pusesse a observá-la até sumir na mata, o Donatinho perguntou com curiosidade:

— Conhece a mulher?

Voltei a mim, encarei o Donatinho, traguei o cigarro e sorri, soltando a fumaça com lentidão:

— Sim, imagine... uma conhecida... de uma família vizinha.

— Alguma namorada de adolescência? — ele disse com ar zombeteiro.

— Não, isto é... para dizer a verdade, quase isso... mais ou menos isso.

— Ah... então temos história. Vamos, conte-me.

— Oh, não vale a pena... coisa sem importância.

— Engana-se, meu caro. Aqui neste ermo tudo tem importância. Qualquer coisa que quebre a monotonia, vale. Até o mugido de uma vaca no pasto... Vamos lá, "seu" Luís, conte o namoro.

Não houve namoro. Conteí ao Donatinho a história trivial que se segue, a que acrescento alguns pormenores para melhor compreensão dos acontecimentos futuros: a moça chamava-se Lídia, era filha de uns vizinhos antigos que moravam a menos de um quilômetro no caminho da mata, tinha meia dúzia de irmãos e na infância freqüentávamos juntos o curso primário na escolinha local. Ingressáramos quase ao mesmo tempo na escola; estudamos e passamos a infância juntos. Aos domingos, para não estar só em casa, ia para a casa de Lídia, onde habitualmente se reunia a garotada das redondezas, e com a chegada da adolescência continuei, por força do hábito, indo lá. Se não houve namoro, não foi por vontade dela:

em certa época comecei a notar em Lúdia alguma inclinação por mim — inclinação que, diga-se de passagem, nunca procurei estimular, fazendo-me no mais das vezes desentendido e indiferente. O caso é que ela passou a procurar-me com mais freqüência, queria conversar comigo todo o tempo, por qualquer coisa consultava minha opinião — o que eu achava disto ou daquilo, se ela estava certa ou errada, se fizera mal ou bem agindo desta ou daquela maneira... —, e quando a rapaziada, vizinhos e amigos, se reunia para jogos e brincadeiras era sempre ao meu lado que ela vinha sentar-se, e sempre a minha parceria que procurava. Depois me olhava de um jeito diferente, como se quisesse dizer-me algo que não lhe saía da boca, e como eu também me calasse, baixava os olhos encabulada e se afastava — mas por pouco tempo, pois não demorava a dar novamente com seus olhos em mim. Depois de algum tempo percebi que essa inclinação, ao invés de diminuir diante da minha indiferença (eu, à época — com quinze, dezesseis anos —, gostava de uma menina da cidadezinha próxima, um amor platônico que eu não me animava a declarar e nunca se realizou), aumentava, tornava-se mais intensa, mais exacerbada, a ponto de deixá-la insuportável certos dias: irritadiça, zangava-se com qualquer um por qualquer motivo, explodia de repente fosse com a mãe, fosse com algum dos irmãos, e se eu estava presente seu último olhar antes de sair batendo a porta — um olhar cheio de rancor — era para mim. Eu sabia o motivo de tal comportamento, mas não podia fazer nada visto não ter qualquer interesse por ela, e quando a situação se agravou, a ponto de os próprios familiares começarem a se perguntar se Lúdia estaria em seu juízo perfeito, tomei a decisão de passar uns dois meses sem ir a sua casa. Pouco adiantou, pois quando lá reapareci — e logo que me viu — recomeçaram as insinuações, os olhares, as explosões de fúria e a preocupação da família.

Terminado o ginasial, fui o único do lugar que continuou os estudos. Aos dezoito anos alistei-me no exército, cumpri um ano de caserna e, por fim, para freqüentar a faculdade fixei-me de vez no Rio de Janeiro, em casa de uma tia velha que insistia em hospedar-me. A ligação com Lúdia e sua família reduziu-se assim a umas raras visitas quando retornava nas férias, uma vez por ano. Ficar longe dela por longos períodos foi um bom remédio: Lúdia desinteressou-se de mim, casou-se aos vinte anos, teve um filho e enviuvou aos vinte e um. Não tardou, fez-se crente.

— Então é crente — disse o Donatinho.

— Dos pés à cabeça.

— E que tal ela é? Sim, porque você contou tudo, só não disse se é bonita ou feia.

— Não é bonita — eu disse —, não... talvez não seja feia... pensando bem, é agradável de olhar... mas está um tanto desmazelada, acabou-se um pouco — e lhe contei que a vira pouco antes de fazer-se crente. Havia cortado o cabelo bem curto, o que lhe assentava muito bem no rosto delicado. Reagiu com naturalidade quando fiz um elogio, “ficou bom?” ela disse; “você está uma graça”, reforcei, e eu não mentia. Estava mesmo bonita naquela noite, uma beleza talvez frágil demais, que requeria uma atenção especial para ser notada, mas que sem dúvida existia e agradava-me constatar. — Mas depois ficou crente... desleixou-se — e passei a explicar ao meu amigo que a religião condenava a vaidade: não mais cortara nem tratara dos cabelos, descuidara das mãos, da pele, jogara no lixo o pequeno estojo de maquilagem e entregara-se a Deus.

— Enfim, virou um bofe — disse levemente o Donatinho.

— Talvez não tanto... mas, enfim, uma mulher nova...

— Ainda terá jeito?

Dei de ombros. Sorri.

— Leve-me lá.

Sobressaltei-me.

— Por que o espanto? — ele disse. — Leve-me à casa da moça. Quero conhecê-la. Quero avaliar de perto a figura.

Atendendo ao Donatinho, fomos naquela mesma noite à casa de Lídia que, viúva, voltara a residir com os pais.

Não foi um serão desagradável, e para o meu amigo teve o sabor da novidade. Encontramos a casa cheia: os filhos casados, genros, noras e netos, alguns vizinhos, algumas visitas. Havia também algazarra: grupos assistiam TV na sala, outros se reuniam na cozinha em longas conversas, crianças corriam em todas as direções, e o café era servido em canecas de louça. Foi Lídia quem nos serviu — a mim e ao Donatinho —, aproximando-se com a bandeja. Tinha os cabelos presos formando um coque, o vestido ia ao meio das canelas, e no rosto não se via o menor sinal de pintura. “Uma mulher sem vaidade” pensei, penalizado, e quando ela se afastou, inclinei-me para o meu amigo:

— Fez sua avaliação? — mas o Donatinho, enquanto bebericava o café quente, sorriu sem responder.

Saímos de lá por volta das dez horas, após ouvirmos ao dono da casa — um rústico lavrador — uma preleção sobre o estudo e uma dissertação sobre as dificuldades da vida no campo. Aquilo era comum para mim, que me considerava de casa, mas o Donatinho achou muita graça nos tipos, e fez o homem sorrir ao despedir-se, dizendo que aprendera muita

coisa sobre a vida com ele. Estou certo de que o meu amigo apenas brincava, conquanto assumisse uns ares de seriedade doutoral; o pai de Lídia, no entanto, mostrou-se encantado com aquelas palavras, e franqueou a casa:

— Quando quiser, estamos às ordens.

Fazia luar: com o céu claro e pouco estrelado, mesmo dentro da mata podíamos enxergar bem à nossa frente. Caminhávamos em silêncio. Mais de uma vez pensei em perguntar ao Donatinho o que achara de Lídia, mas como ele permanecesse calado, calei-me também e pus-me a gozar a noite.

— Pensa que se quiser ainda poderá tê-la — disse o Donatinho a certa altura.

Ouvi sem responder, mas não sem surpresa. De onde o Donatinho tirara essa idéia?

Ele continuou após uma pausa:

— Esta é a sua íntima vaidade, meu caro.

— Ora essa — eu disse —, e por que eu haveria...?

— E por que não? É sempre agradável saber que uma mulher nos ama.

— Ora, porque não me interesse por ela, está claro!

— Não é este o ponto.

— E qual é o ponto, posso saber?

— É que apesar de não interessar-se por ela, haveria de lhe ficar uma ponta de despeito se estivesse certo de que ela o recusaria agora.

— Mas que idéia!

— Mulheres como ela, crentes, membros dessas igrejas de moral rígida e conduta severa, principalmente se se casaram sem amor, passam a ter na fé todas as compensações para sua frustração sentimental. A religião torna-se um sucedâneo, insatisfatório sem dúvida, mas está-lhes tão arraigado no espírito que é quase impossível tirá-lo de lá. Já não são susceptíveis de se deixarem seduzir, o mundo não tem atrativos para elas, fecham-se em suas fortalezas e os homens são tentações que afastam de si pelo poder da excomunhão, das rezas, exceto se lhe oferecerem um casamento de acordo com sua doutrina.

— Mas isto não me diz absolutamente respeito!

O Donatinho sorriu. Chegávamos em casa.

— Tente reaproximar-se — provocou-me.

— Eu...? Tentar...?

— Sim — e ele sorria, encarava-me e sorria de um jeito diabólico.

— Não terá êxito, pode ter certeza.

Senti-me tentado. Irritava-me a segurança com que ele lançava seu desafio.

— Quer apostar? — eu disse.

Ele fez um gesto de cabeça. Entrou em casa descalçando os sapatos e procurando um par de chinelos.

— Vejamos como você se sai — respondeu por fim, massageando displicentemente os dedos dos pés.

— Então está apostado!

— No entanto — ele contrapôs, encarando-me em tom de advertência —, você deve respeitar duas condições.

— Quais?

— Não fale em casamento — o Donatinho estirou as pernas. — O casamento — explicou, indo procurar um café na garrafa térmica — está de acordo com sua doutrina, ela o aceitaria mais facilmente.

— Está... está bem... sem falar em casamento! Que mais?

Agora ele se servia sem pressa, sorrindo. Para instigar-me a expectativa, permaneceu calado até sentar-se outra vez e saborear o café.

— Devemos estipular um prazo — disse então. — Por exemplo, até o reinício das aulas. São quase três meses para ganhar ou perder.

— É o suficiente! O que apostaremos?

— Qualquer coisa... Olha, sou apreciador de vinhos...

— Uma garrafa de vinho?

— Um bom vinho.

— Feito!

Daí a alguns dias o Donatinho, não suportando por mais tempo o excessivo sossego da roça, voltou para a cidade. Antes de embarcar lembrou-me a aposta. Disse-lhe que não se preocupasse, e acrescentei que na hipótese de não vencer, podia esperar que eu saberia escolher um vinho ao seu gosto.

Tudo isso era dito em tom de brincadeira, com a inconseqüência típica da mocidade, e antes de o ônibus se afastar o Donatinho pôs ainda a cabeça fora da janela:

— Só um namoro já basta, mas estou certo de que você tentará mais. De qualquer forma, a moça ainda tem atrativos.

O ônibus arrancava. Da calçada, respondi a um aceno do meu amigo e depois retomei o caminho de casa.



Nos fundos da casa de Lídia havia uma bica. A água vinha de uma nascente através de um cano, caía num tanque de cimento usado para lavar roupa, escorria para um córrego que iniciava embaixo do tanque e ia perder-se no meio dos lírios e das taboas, num brejo a cerca de cinquenta metros onde, à tardinha, os sapos começavam a bater seu infalível martelo.

Foi junto a essa bica que, naquela mesma tarde, encontrei Lídia.

Ocupava-se em lavar uma grande quantidade de roupa, que ia acumulando numa bacia para depois levar ao varal; tinha um pano enrolado na cabeça e a roupa (uma blusa e uma saia muito surradas), úmida, grudava-se em seu corpo, revelando-lhe discretamente as formas.

Eu me aproximei cumprimentando-a com intimidade, senti-me num tronco que havia ali e começamos a conversar sobre vários assuntos; ela, que à minha chegada se retraía um pouco, logo ficou à vontade e falou sem nenhum acanhamento.

Durante o tempo que estivemos ali, qualquer coisa era tema de conversa: o martelar dos sapos, os afazeres domésticos (disse-me, por exemplo, que não gostava de passar roupa, “o único serviço de dentro de casa que não tolero”), os lírios que perfumavam as tardes e cujo aroma chegava até nós; falou-me do filho, agora com quatro anos, um bonito e saudável garoto de cabelos cor de palha e olhos azuis; perguntou-me sobre meus estudos (eu lhe falei de museologia e história da arte e expliquei que pretendia trabalhar com museus, “mas eu só me formo daqui a três anos” acrescentei), e seu comentário (“é, o estudo é muito importante. A gente aqui, que não teve oportunidade de estudar, tem é de dar duro!”) levou-me a indagar-lhe o que ela fazia (“planto hortaliças, umas moitinhas de vagem, pimentão, sempre rende uns trocados”) e a mencionar o falecido.

Lídia de imediato mudou de atitude. Calou-se, baixou a cabeça e interrompendo o que fazia ficou um momento quieta. Depois, com um movimento rápido arrancou o pano da cabeça e deixou que os cabelos muito longos se desprendessem e caíssem pelas costas. Olhou-me de relance mas eu, percebendo que tocara num tema que não lhe agradava, desviei a tempo os olhos e mudei rapidamente de assunto. Sem mais, Lídia terminou de enxaguar a última peça e atirou-a à bacia. Aproveitei para oferecer ajuda, ela aceitou sem constrangimento e eu agarrei a bacia levando-a até o varal.

Afastei-me dois ou três passos e fiquei observando-a estender a roupa. “É bem bonita ainda” pensei, “apesar de mal tratada”. Não sei se tal impressão era verdadeira ou resultado de meu espírito predisposto a uma conquista, mas naquele momento achei-a de fato bonita, e como a noite não tardasse e eu a visse quase uma sombra no lusco-fusco, movendo-se

com agilidade enquanto ia pendurando as peças uma a uma, a roupa molhada colada ao corpo e os longos cabelos soltos, Lúdia pareceu-me particularmente bela, “uma ninfa, uma fada da tarde, uma criatura quase irre-al”.

Estivéramos conversando por cerca de uma hora e, ao fim, retornamos juntos a casa.

Já na cozinha Lúdia, incansável, começou a preparar o jantar. Logo chegaram algumas visitas — é assim no interior, as visitas, em geral comadres das vizinhanças acompanhadas de suas filhas, chegam a qualquer hora, mesmo à noite e nos dias de semana —, e com a casa cheia não houve mais oportunidade de estarmos a sós. “Amanhã” eu pensei vendo as visitas se abancarem na cozinha, ouvindo-as sobre a trivialidade de seu dia a dia, “amanhã haverá tempo...”.

Nos dias seguintes voltei a procurar Lúdia várias vezes, ora indo à sua casa, ora provocando um encontro, fosse na volta da igreja aonde ia duas ou três vezes na semana, fosse no regresso de algum passeio. Nesses encontros eu me mantinha cauteloso, avaliando as chances que teria. Não pretendia mais que um breve namoro, já que fosse como fosse não me passava pela cabeça assumir qualquer compromisso com ela; mas não desejava ser rechaçado, e preferiria abandonar o projeto — esquecer o malicioso desafio do Donatinho — a investir sem nenhuma perspectiva de sucesso. Eu e Lúdia falávamos de assuntos os mais variados, e em momento algum eu me decidia a “ir adiante”. Lúdia falava sempre no filho, nunca no marido, e eu, ainda curioso quanto a essa questão, protelava a pergunta recendo constrangê-la. Notei, porém, que ela não procurava disfarçar o contentamento ao me ver, e quando deixei de ir à sua casa por uma semana inteira, ela própria arranhou um pretexto para procurar minha mãe e, desta forma — pelo menos pareceu-me assim —, ter oportunidade de estar comigo e saber de meu desaparecimento.

Nesse dia Lúdia conversava com minha mãe na sala quando cheguei de fora. Vinha esbaforido de calor e me atirei numa poltrona reclamando da poeira e do cansaço.

— Nada a se fazer na cidade — eu disse —, tudo parado, tudo morto! E ainda por cima este calor!

Minha mãe se retirou para coar um café e Lúdia censurou-me o meu sumiço naquela semana. “Tive algumas coisas a fazer” menti, pois não fizera nada, e ela se calou por um minuto. Eu havia reclinado a cabeça para trás na poltrona e respirava profundamente, o corpo relaxado, as pernas atiradas para o meio da sala, mas de repente me aprumei, olhei Lúdia que,

assustada, desviou os olhos, baixou a cabeça e ficou contemplando as mãos. “Observava-me” pensei, “observava-me talvez com muita atenção... por que será?” Mas Lúdia reassumiu sua posição, fez um comentário qualquer a respeito daquele dia na cidade.

— De fato, em dias como o de hoje a cidade parece desabitada.

— Por que será? — perguntei sem esperar resposta, pois, como crescera ali, conhecia muito bem os hábitos da gente do lugar. Logo acrescentei: — Você não tem ido lá fora?

— Muito serviço... às vezes fica difícil...

— Gostaria de convidá-la — saiu-me da boca inesperadamente, e nos olhamos com alguma surpresa. Lúdia não respondeu de imediato, e quando o fez, baixara a voz timidamente:

— Convidar-me a ir à cidade?

— Sim... por que não?... A passeio — disse um tanto desconcertado.

— No domingo irei à igreja...

— Mas poderá sair depois?

— Estarei livre à tarde.

Nesse momento minha mãe entrou com uma bandeja. Serviu-nos um café feito à sua maneira, forte e doce, com bolinhos de fubá. Comi com grande satisfação: acabara de vislumbrar minha vitória na aposta com o Donatinho.



Estávamos sentados à margem do lago naquela tarde de domingo.

Barcos cruzavam o lago, crianças corriam de um lado para outro no gramado, adolescentes sentavam-se sob a cobertura iniciando seus rituais amorosos e velhas senhoras passeavam sob a vigilância distraída de seus veneráveis esposos de cabelos brancos, conduzindo cachorrinhos pela coleira.

A companhia de Lúdia seria agradável se não me deixasse pouco à vontade a figura um tanto estranha que ela fazia, comparada aos demais, e também se não houvesse ali algumas jovens de reais atrativos que passavam por nós olhando-nos com ar de riso. O ar de riso certamente se devia ao traje de Lúdia, impróprio para um dia de verão: cores graves, mangas compridas, os pés metidos num par de sapatos fechados e pouco confortáveis. “O que se faz para ganhar uma aposta!” lamentei intimamente ao

desviar os olhos de uma morena seminua que vinha marginando o lago, passou rente a nós e seguiu, distanciando-se gramado afora.

Lídia, eu penso, não percebeu meu constrangimento: esforçando-me por parecer natural, levantei-me e sugeri que caminhássemos.

— Começa a fazer calor — disse, e a arrastei para um barzinho retirado onde estaríamos menos à vista de todos. Tomamos refrigerantes com batatas fritas e conversamos banalidades. Do fundo escuro do barzinho eu espiava o sol lá fora, as pessoas entrando e saindo, o alvoroço dos veranistas, e beliscava com pouco ânimo uma batata frita. “O que é que eu estou fazendo aqui!”

— Lídia — eu disse então, decidido —, perdoe-me, mas... eu gostaria de lhe perguntar... bem, perguntar-lhe sobre seu marido.

Lídia não respondeu logo. Pousou o copo de refrigerante na mesa e ficou olhando para fora como se refletisse no que iria dizer, ou até mesmo se deveria atender à minha curiosidade e falar num assunto que normalmente evitava. Esperei com certa ansiedade — que não demonstrava para não deixá-la embaraçada —, até que ela pareceu voltar a si. Levou o copo aos lábios, bebeu com calma, e encarou-me.

— Casei-me aos vinte anos contra minha vontade — disse.

— Contra sua vontade? Não amava seu noivo?

— Não o amava, embora o respeitasse. Casei-me por influência dos meus pais, das moças da mesma idade que via casadas antes de mim... casei-me por casar...

— Por que não esperou aparecer um homem a quem pudesse amar?

— Havia um homem a quem eu amava... mas estava distante, e não prestaria atenção a uma moça do mato como eu... não adiantaria esperar por ele.

Neste ponto quem ficou embaraçado fui eu. A quem ela se referia com isso de um homem a quem amava a distância a não ser a mim? Para disfarçar, dirigi-me para o balcão e pedi mais alguns salgadinhos, “são ótimos os salgadinhos daqui” disse, e volvei-me mais uma vez para o balcão, pedindo pressa.

O constrangimento passara quando retomei a conversa.

— Casar-se sem amor é um erro. Pelo menos ele a amava?

Lídia sorriu. Balançou a cabeça lentamente, espetou com o palito uma batatinha.

— Não a amava?! — eu perguntei, debruçando-me na mesa e inclinando ligeiramente o corpo em sua direção.

— Talvez só quisesse uma mulher, talvez ignorasse o que fosse o amor...

— Mas... por quê?

E o que veio em seguida espantou-me de fato: Lídia contou-me que logo na primeira semana do casamento o homem a espancou com violência, e sem motivo algum. “Ele chegou da roça com fome, mas o almoço estava um pouco atrasado...” ela disse. Quando a viu caída embaixo da mesa, ordenou que se levantasse e terminasse de preparar a comida, e ela, apesar de quase não agüentar-se de pé, obedeceu. As surras sucederam-se, tornaram-se hábito, e a família não interferia por medo, “todos tinham medo dele por causa de sua violência, das ameaças que fazia”. Ao deitar-se com ela portava-se como um animal. Não havia gestos de carinho, “não podia mais haver carinho entre nós, apenas ódio”, espojava-se como um porco e depois rolava para um canto da cama e começava a roncar. Morreu pouco antes de completarem um ano de casados, e só lhe deixara de bom o filho, que eu já conhecia.

Ao terminar o relato, os olhos de Lídia brilhavam intensamente, o rosto demonstrando excitação e descontrole. Mas logo em seguida recuperou a calma, baixou os olhos para o copo, desviou-os para fora.

— Hoje tento não pensar nele com ódio. A Palavra do Senhor diz que devemos amar e perdoar.

Fez uma pausa.

— Mas às vezes é tão difícil...

Foi então que avancei as mãos sobre a mesa e segurei as mãos dela, apertando-as com ternura.

— Sim, é difícil — sorri-lhe —, mas esqueça-se, esqueça-se dele — eu disse —, é o bastante. Não vale a pena odiá-lo mais.

Permanecemos no bar algum tempo ainda, depois saímos. Já anoitecia quando regressamos. Antes de entrarmos em casa, ela segurou-me pelo braço:

— Luís, posso pedir-lhe uma coisa?

— Mas sim, claro!...

— Não comente com ninguém, com ninguém mesmo, sobre o que lhe contei...

— Não comentar...?

— Eu prefiro assim.

Prometi calar-me e entramos em casa. Para evitar suspeitas, Lídia falou com naturalidade a todos acerca do passeio no lago, referiu o bar onde estivéramos e sugeriu às irmãs irem lá num domingo qualquer. Pare-

cia contente, “um passeio muito agradável” dizia, e mais tarde, quando me despedi, Lúdia apertou-me a mão calorosamente. “As coisas estão adiantadas” eu me dizia enquanto caminhava para casa, as mãos nos bolsos, assoviando uma canção das paradas de sucesso, “o Donatinho nem vai acreditar. Haverá de pensar que estou mentindo para ganhar a aposta”.

A partir de então Lúdia passou a ir à minha casa com regularidade: batia palmas à porta da cozinha e ficava conversando com minha mãe até eu aparecer. Eu, para evitar suspeitas em casa, participava da conversa com ar de indiferença, mas enquanto minha mãe ia de um lado para outro cuidando dos seus afazeres, eu e Lúdia trocávamos olhares intensos. Transcorreram duas semanas durante as quais eu pensava na melhor maneira de conduzir as coisas quando, uma tarde, Lúdia apareceu em casa como de costume, e minha mãe comentou que no dia seguinte iria fazer não sei que visita e só chegaria à noite. Nessa tarde eu estava na sala com a atenção presa nos livros, repassando alguns pontos da matéria, e assim continuei: minha mãe, sem o saber, fizera sua deixa; agora restava esperar por Lúdia no dia seguinte. “Não devo falar com ela hoje” refleti, “se não me vir, amanhã estará mais ansiosa para me procurar”, e sem revelar minha presença retirei-me para o quarto, tranquei-me e continuei estudando.

No dia seguinte, mal minha mãe saiu, Lúdia apareceu.



— Converter-me?

— Sim... entregar seu coração ao Senhor Jesus, pois só ele pode salvá-lo.

“Salvar-me de quê?” quase lhe perguntei. Fiquei pensativo espiando o campo, um cavalo que subia a encosta, a relva.

Um bem-te-vi cantou num tronco próximo, levantei os olhos, evitei o olhar persistente de Lúdia investigando-me.

— Não sou feito para a vida religiosa — disse por fim, sentando-me na beira do caminho.

— Não deve se fazer de surdo quando ouvir a voz do Senhor — ela replicou.

— Eu não ouvi a voz do Senhor.

— Está ouvindo agora.

— Não. Estou ouvindo a sua voz.

— Não é a minha voz, mas a do Senhor pela minha boca.

— Como é que você sabe?

— Eu O sinto dentro de mim.

Pensei em responder com uma pilhéria grosseira, diante daquilo de “senti-lo” dentro de si, mas vi que poderia magoá-la. Sorri, disfarçando meu desdém por aquelas idéias, enquanto ela continuava a olhar-me de forma incômoda.

— Você pensa isso tudo, acredita com tanta convicção que Deus está dentro de você falando, que acaba escutando coisas.

— Você fala como um incrédulo. É importante ter instrução, Luís, mas desde que isso não traga a descrença no Senhor.

— Não é uma questão de ter ou não ter instrução — repliquei com impaciência. — É que cada um tem um jeito diferente de ver as coisas.

— O Senhor dá a todos os mesmos olhos. Todos podem ver do mesmo jeito, quando se tratar das coisas do Alto.

Não fiz que sim nem que não. Lídia não era tola, apesar de seu fanatismo e de seu pouco tempo de escola, e seus argumentos, se bem que ingênuos por vezes, incomodavam. Não sei se evitava responder de forma que a magoasse, ou se de maneira pedante que ela não poderia compreender, mas o caso é que eu não conseguia rebater adequadamente o que ela dizia. Pusera na cabeça converter-me, e não perdia nenhuma oportunidade de falar-me de sua igreja, de seus costumes, da vida religiosa e das “delícias que advinham da fé e da crença no Senhor”.

— Será que as coisas do Alto obrigam você a andar feito uma velha? — eu disse aborrecido, num rompante, levantando-me e encarando-a, já me arrependendo por ver em seus olhos certo desapontamento, mas ao mesmo tempo fingindo-me indiferente a isto para impor-me.

— Eu ando conforme a doutrina...

— Doutrina uma ova! Você anda feito uma velha — reforcei com rudeza e, aproximando-me dela, tomei-lhe o rosto entre as mãos, beijei-a nos lábios e amenizei: — Você é tão bonita!... Precisa vestir estas roupas antiquadas, descuidar dos cabelos, não usar um pouco de maquiagem para realçar sua beleza?... Olhe para suas unhas!... Precisa envelhecer antes do tempo?

Olhamo-nos intensamente por alguns momentos, seus olhos encheram-se de lágrimas, mas ela não chorou. As lágrimas não chegaram a correr, secaram. Lídia afastou-se um passo, baixando o rosto.

— A vaidade é pecado, você sabe.

— O fanatismo também.

— Não é fanatismo — ela exclamou, voltando-se para mim com aflição —, é que o Senhor exige de nós...

— Sempre o Senhor exigindo alguma coisa!

— ...Sim! Ele exige de nós a humildade, a fé... você não compreende!... Somos o barro na mão do oleiro, que fará de nós um vaso novo!... Com o sacrifício da carne purificamos o espírito!...

— O sacrifício da carne! — exclamei cada vez mais irritado. — Lídia! Como isso é antigo, como está ultrapassado! Você está falando como uma beata velha da Idade Média! Estamos em 1973!

— O Senhor disse “o céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão”. Que importa se estamos em 1973? As palavras d’Ele não passam, não mudam!

Exasperado segurei-a outra vez, pelos ombros, puxei-a para mim e a beijei com raiva, muitas vezes, na boca, no rosto, nos cabelos, no pescoço, e enquanto beijava ia-lhe instigando os sentidos:

— Esqueça-se de tudo agora, e responda-me... responda-me, Lídia... ama-me? Diga se me ama!... É só o que quero ouvir de você!... Diga...

Lídia deixou-se beijar, reclinou a cabeça em meu peito e abraçou-me com força. Em pouco, percebi que chorava.

— O que foi?

— Eu o amo, você sabe... mas não posso...

— Por que não?

— É preciso evitar a tentação.

— Ora, não fale em tentação, não há tentação alguma!

— Sinto o Inimigo à minha volta...

— Como é que é?

— Eu sinto sua presença maligna! — ela disse, aflita. — O anjo do Senhor também está aqui... mas se mantém à parte, deixa-o tentar-me para provar minha fé... Não, Luís, não posso ceder à tentação!

— Mas que...?

— Luís, Luís! — ela segurou-me pela roupa. — Escuta o que digo!... O Inimigo está à nossa volta, e ele me fala por meio da tua boca!

— Ah, essa não! — exclamei enraivecido. — Que história é esta agora de inimigo que fala pela minha boca? Você...

— Sim, escuta-me... o Inimigo pode tomar todas as formas, falar mesmo pelas bocas inocentes! É o que diz...

— ...não é nenhuma criança...

— ...a doutrina!

- ...mas uma mulher feita, dona de si mesma...
 - Não sou uma adúltera!
 - ...e também não é casada! Que adultério é esse?
 - Sem a bênção da igreja é adultério!
 - Você não é casada! Não estará traindo a ninguém! Não deve satisfações da sua vida a quem quer que seja!
 - Ao Senhor! Ao Senhor! Devemos tudo a Ele! Compreenda a doutrina, pelo amor de Deus!
 - Pelo amor de Deus, compreenda você que nosso sentimento, se você crê nEle, é dEle que provém! É o Senhor quem no-lo dá! Então! Se é dEle...
 - Pode ser uma tentação do Inimigo!
 - De novo o Inimigo!
 - O diabo! Ele é o Inimigo!
 - O diabo não tenta ninguém pelo amor, mas pelo ódio... por exemplo, esse ódio que você sente por seu marido morto... esse ódio, sim, é do diabo, não o amor que sentimos um pelo outro!
 - O ódio! O que você sabe desse ódio?
 - Ora, sei de tudo, acaso você não me contou tudo?
 - Então não me acuse, nem me julgue.
 - Não a estou acusando nem julgando, mas fazendo-a ver que é esse ódio que não vem de Deus, enquanto o amor... o nosso amor...
- Respirei fundo, esgotado pela tensão que de repente se formara entre nós. Está claro que falando de amor eu apelava para um recurso extremo, e minha exasperação provinha não do desejo frustrado que acaso tivesse por ela, mas do estado de nervos que me punha a simples intenção de Lídia em converter-me e toda aquela história velha sobre o pecado e o diabo.
- O nosso amor é sagrado! — completei.

Mas como chegáramos aquilo?

Na manhã em que Lídia fora procurar-me aproveitando-se da ausência de minha mãe, conversamos inicialmente sem nenhuma intenção explícita — pois intenção havia, de ambas as partes, mas ainda mantinha-se recolhida. Aos poucos, contudo, fomo-nos pondo mais à vontade. Lídia preparou para nós um almoço rápido com a mão que tinha para um delicioso tempero da roça, almoço que saboreamos já quase como namorados. Em seguida lavou a louça, deixou a cozinha arrumada e fomo-nos sentar na varanda. Não tardou que tivesse suas mãos entre as minhas, não tardou

que lhe acariciasse o rosto e os cabelos — ainda que ela se retraísse um pouco, sem, contudo, protestar abertamente. Não avançamos muito naquele dia: deixamo-nos com uma promessa suspensa em nossas intenções, e nos dias subseqüentes fui sempre a sua casa onde, evitando a presença dos demais, nos retirávamos para a chácara, ou íamos dar uma volta no caminho da mata, procurando estar o mais possível a sós. O namoro teve início com algum alvoroço da parte dela, que se mostrava desejosa mas retraída. Temia que vissem, temia ser repreendida em casa e na igreja; falava da rígida disciplina a que se submetia não estou bem certo se por gosto ou como uma fuga de sua vida sem sentido. Percebeu meu desejo, mas não se entregava para não ir de encontro às normas da fé, e começou a fazer-me ver a importância de dedicar-se alguém a Deus e, segundo as leis das Escrituras, ter uma família. Em suma, compreendi claramente o que ela tinha em vista: levar-me gradualmente à conversão e ao casamento. Tais palavras de início não foram sequer pronunciadas; parecia que lhe queimavam a língua, mas ela as calava com determinação. Por fim foi mais explícita, perguntando-me se eu não gostaria de ir à igreja com ela no domingo seguinte para conhecer, e pela primeira vez ousou falar em casamento, ainda que não fosse o nosso: no domingo seria celebrado um casamento e ela fazia questão de que eu assistisse à cerimônia, que afirmou ser muito bonita. Fiz-lhe a vontade, elogiei o ritual, a pregação (o pastor era um homem versado nas Escrituras e falava com muita fluência e convicção), disse que a noiva estava bastante bela (embora não fosse exatamente verdade), mas não deixei transparecer nenhuma inclinação a converter-me ou a casar-me. Em nossos encontros posteriores Lúcia evitou ambos os assuntos os quais, contudo, eu sentia entre nós como um pêndulo. Ela não se mostrava satisfeita, evitava olhar-me diretamente, às vezes punha-se quieta e mal respondia se eu lhe falava, o que aos poucos foi criando uma tensão insustentável entre nós.

Foi assim que, durante um dos nossos costumeiros passeios no caminho da mata, ela foi aos poucos se soltando: aludiu primeiro e com alguma cautela à minha conversão, e a partir daí a tensão refreada nos levou e extremos de irritação e aborrecimento para mim — e de angústia e sofrimento para ela.

Após minha última — e, reconheço, teatral — tirada, parei defronte de Lúcia e vi, em seus olhos aflitos, o quanto se sentia perdida. Entre a certeza de sua fé e o desejo de seu coração, sentia-se inerte, temia decidir-se: ou pelo amor, que a afastaria das coisas sagradas e tão fundamentais agora para ela, ou pela fé, que a faria perder de vez a chance — única — de al-

cançar o amor de sua adolescência (não é com vaidade que reconheço agora o quanto Lídia amava-me naquele momento, o quanto viera amando-me toda a vida).

Foi a partir daí que comecei a quebrar-lhe a resistência.

Mas eu havia perdido muito tempo, as aulas teriam início em breve e eu precisava preparar-me para viajar já na semana seguinte. “E a aposta?” perguntei-me certo dia. “Será que vou perder a aposta? Ora... o Donatinho que vá para o diabo... Lídia, coitada... Lídia não merece...”, e penso que não teria dúvidas em desistir da aposta se, naquele mesmo dia não me chegasse uma carta do Donatinho, que em poucas palavras punha-me a par da situação na universidade:

“As aulas ainda demoram seis semanas para começar devido a um atraso na restauração da ala norte do prédio. Somente alguns cursos terão início na próxima segunda-feira, assim você tem um tempo extra para tentar ganhar a aposta. Sortudo, hem? Até o próximo mês, seu safado!”
Donatinho”

Disse que acabaria por desistir da aposta, e talvez seja verdade. Não que Lídia não me atraísse, mas eu absolutamente não a amava e já começava a parecer-me leviano fazê-la acreditar numa mentira que não tardaria a descobrir-se. Essa novidade, porém, renovou meu interesse pela aposta, e decidi ir em frente.

Em nossos encontros seguintes — que se davam quase diariamente, eu indo a sua casa, ou ela vindo à minha —, consegui despertar nela a vaidade perdida. Certa feita, em frente a um espelho, chamei-lhe atenção para seu rosto bonito e de contorno delicado; disse-lhe que lhe ficaria muito bem o cabelo cortado à altura dos ombros, “ou um pouco mais curtos, que fica ainda melhor”, e também algum carmim nas faces não iria mal. Ela replicava que eu a punha a perder, “ficaria uma bruxa desse jeito” ela protestou rindo, mas eu lhe afiancei que não, que lhe cairia muito bem e que, afinal, iria agradar-me muito.

— Lembro-me de que você uma vez cortou os cabelos bem curtos, e como ficou bonita, Lídia! — eu disse, para reforçar.

Ela objetava que tudo aquilo era vaidade, eu contrapunha que sua beleza lhe fora dada por Deus, “e não está certo descuidar de um presente d’Ele” eu dizia, “não pode agradá-lo ver suas dádivas desprezadas”, e continuava por aí afora buscando enredá-la convencê-la. Lídia já não ofe-

recia a mesma resistência de antes, fraquejava e eu o percebia claramente: para surpresa e reprovação de todos em sua casa não tardou a cortar os cabelos um pouco abaixo dos ombros, mas dois dias depois veio ver-me com eles ainda mais curtos, “não me agradou daquele jeito” explicou, “mandei repicar mais. Ficou melhor, não acha?”, e eu concordei. Com o passar dos dias as novidades foram aparecendo: o carmim de suas faces, o batom realçando os lábios carnudos, um pouco de sombra nas pálpebras para destacar os olhos grandes e bonitos, os vestidos acima dos joelhos que passou a usar mesmo para ir à igreja, as unhas pintadas, se bem que com um esmalte discreto, de cor clara.

Nada disto podia contar com a aprovação de uma comunidade religiosa que se guiava por princípios doutrinários severos. Nosso namoro era agora do conhecimento de todos, relevado por sua família mas reprovado por seu pastor, e este quando percebeu que novos e — a seu ver — tortuosos caminhos Lídia estava escolhendo, não hesitou em suspendê-la imediatamente do cargo e atividades que exercia, chamando-a à parte e repreendendo-a duramente. Não sendo ouvido, decidiu-se por excluí-la como membro da igreja, o que ela me relatou um dia depois aparentemente sem nenhum pesar.

Lídia não hesitava mais, e agora se entregava a mim sem nenhum visível remorso, feito uma égua fogosa, enquanto eu procurava cumprir com minha parte naquela história fazendo-a sentir o prazer que não tivera com o marido que a espancava, e qualquer lugar ermo era próprio para gozarmos o “pecado da carne” como nos convinha. Voltava a falar-me vez ou outra de sua exclusão da igreja e da reprovação que sofria agora de todos, mesmo em sua casa, embora inicialmente não mostrasse nenhum arrependimento. Eu, consolando-a, dizia-lhe — numa linguagem que com ela havia aprendido — que “Deus sabe de todas as coisas, e se fizera com que nos encontrássemos, era porque tinha um plano para nós”.

A situação se complicou alguns dias antes do prazo final para minha viagem. Numa tarde, entráramos na mata e fomos para um local muito propício aos nossos encontros e que se tornara o nosso “pequeno ninho”, como eu costumava dizer para fazê-la feliz, fingindo um carinho que começava a cansar-me. Ali ficamos algumas horas e, por fim, deitados sobre a relva, Lídia, aconchegando-se a mim, levou a conversa a um ponto que me deixou alarmado:

— Sim, Deus sabe de todas as coisas — e eu tive a impressão de que ela retomava um de nossos diálogos sobre culpa e remissão —, e se nos juntou, é porque tem seus planos formados.

Permaneci calado, pois a última coisa que eu tinha em mente era retornar a tais discussões.

— Sabe o que eu penso? — ela disse.

— Como posso saber, minha querida?

— Que eu pequei, mas foi pela vontade dEle — e silenciou esperando que eu dissesse algo. Como eu não respondesse, continuou: — Pequei, porque Ele tinha um plano para você, que era trazê-lo para o seio de seu rebanho através de mim. Sinto que sua conversão não demora... e que será um vaso de bênçãos nas mãos dEle... e eu serei redimida com isso. Oh, Senhor — neste momento parecia falar diretamente a Deus —, que alegria servi-IO!

Depois de um minuto, aconchegou-se mais a mim, e completou:

— Ele tem planos para nós desde que éramos crianças quando, tocando meu coração, fez com que eu o amasse. Mas tudo tem sua hora, e eu tive de esperar pelo tempo do Senhor para ser feliz.

Eu ouvia Lídia estarrecido, mas não procurava contestar sua idéia. Seria inútil. Hoje compreendo que pensar assim era a maneira encontrada por Lídia para justificar os pecados — a seu ver hediondos — que cometera e que, a princípio sufocados por sua ânsia de gozo, começavam a atormentá-la.

O espírito de Lídia encontrava, finalmente, seu inferno.

Dois dias antes de eu viajar nos encontramos pela última vez. Disse-lhe que só estaria de volta ao terminar os estudos (faltavam ainda três anos), a não ser que viesse ocasionalmente para uma visita rápida a casa, retornando à universidade logo a seguir. Lídia não pareceu abalada ao ouvir-me.

— Então não nos vemos mais — disse, baixando os olhos para o chão.

— Talvez seja melhor... de qualquer forma estaremos distantes... e, enfim, não há mesmo futuro...

E apesar do mal-estar em deixá-la assim, naquele dia limitamo-nos apenas a conversar pouco e rapidamente; eu retornei para casa um pouco arrependido de tudo, um tanto satisfeito por ter ganho a aposta e, não pensando mais no assunto, dormi tranqüilo. No dia seguinte preparei minhas malas, fui ao arraial fazer umas compras indispensáveis e cheguei em casa já de noite. A perspectiva de voltar à universidade deixava-me ansioso: reencontraria o Donatinho e tomaríamos um bom vinho juntos, aproveitando para divertir-me às suas custas; iria rever os colegas e as namoradas da cidade, folgaríamos, e eu retomaria meu ritmo habitual de vida.

Era já bem tarde naquela noite quando acordei com umas pancadas leves na janela do meu quarto. Abri os olhos um pouco confuso, esperei um momento: as pancadas se repetiram e eu, mesmo estranhando, levantei-me para ver do que se tratava e abri a janela. O que vi deixou-me atônito: ali estava Lúdia, não a Lúdia que eu conhecia, mas uma outra, muito estranha, descomposta, o rosto pálido e as feições transtornadas de alguém atormentado por uma grande culpa; tinha os olhos vermelhos e inchados — por certo havia chorado muito —, e os cabelos... santo Deus, quando me lembro!... Lúdia picara seus cabelos grosseiramente com uma tesoura ou uma navalha, de forma que a cabeça em alguns pontos chegava a estar raspada e noutros as mechas se amontoavam desordenadamente, cortadas em vários comprimentos diferentes, e tão exaltada estaria quando fizera aquilo que chegara a machucar-se, e em alguns lugares podiam ver-se ferimentos dos quais minava um líqüido sanguíneo.

— Lúdia! — eu exclamei. — O que você faz aqui? O que lhe aconteceu?

— Estávamos errados, Luís, estávamos errados... e agora o Senhor vai punir-me.

— Mas Lúdia... céus!... Do que você está falando?

— Do pecado, Luís, o terrível pecado... mas a culpa cabe somente a mim... eu sou a mulher... eu sou a culpada... Também no Éden a mulher foi culpada e por isso o homem caiu... só vim para lhe avisar... o Senhor já está brandindo sua espada de justiça contra mim... mas eu pedi a Ele que desta vez punisse apenas a mulher... que afastasse de você Sua santa e justa ira... Adeus, Luís, eu o amo muito, saiba que não o culpo de nada... eu sou a mulher: como no Jardim, a culpa foi minha... Adeus!

— Lúdia... espere... eu vou levá-la para casa... Lúdia!...

Mas ela desapareceu na noite, e quando saí ao terreiro não a vi mais. Voltei para a cama e, muito perturbado, não consegui pegar no sono outra vez.

Foi com ansiedade e aflição que vi amanhecer. E com susto que ouvi chamarem à nossa porta.



— Foi aqui — o pai de Lúdia, muito abatido e velho, indicou-me uma enorme mangueira que crescia no caminho da chácara —, foi neste galho, Luís — mas não continuou. Cobriu os olhos com as mãos, seu cor-

po estremeceu ligeiramente. Eu, imobilizado, olhava ora para o galho da mangueira onde se viam ainda os sinais da corda, ora para o velho que procurava cobrir suas lágrimas como se tivesse vergonha delas.

— Mas por que...? — eu gaguejei.

O velho deu de ombros.

— Ela gostava de você — disse depois de um minuto. — Gostava de você desde menina...

— Sim... eu desconfiava... mas, enfim...

“Enfim, enfim! Ora essa! Que estou a dizer aqui feito um estúpido, um miserável estúpido, meu Deus?! A culpa foi minha, afinal de contas, toda minha! Fui eu que a matei!”

— Se não tivesse ficado viúva... se ainda tivesse o marido para lhe dar um apoio, você sabe... ficaria recatada, ficaria na igreja... — gaguejou o velho, fungando.

— Mas não por isso, seu João, não por isso! De que vale um marido que espanca a mulher?

O velho olhou para mim sem compreender, e nos contemplamos assim, perplexos, por um longo minuto.

— Ele era tão ruim para ela, seu João...

— Mas quem lhe disse que...? Não, Luís... eu lhe asseguro...

— Mas o marido não a espancava, seu João? Ela mesma me relatou certos fatos... Um homem desses não merece uma mulher como sua filha... não merece mulher nenhuma!...

— Mas, Luís, o que foi que Lídia andou lhe dizendo?... Não, ele nunca encostou a mão nela... nunca vi esposo tão carinhoso, tratava-a feito uma princesa...

— Então o marido não a espancava?

— O Otávio bater nela?... Nunca, nunca, eu sou pai, não acobertaria tal coisa! O Otávio jamais levantou sequer a voz para ela... sempre com mimos, com agrados... ah, Luís, se ele fosse vivo...

Eu não compreendia. Então Lídia mentira para mim acerca do marido, mas com que fim? Por que odiava tanto lembrar-se dele, a ponto de ultimamente exaltar-se se eu apenas lhe tocasse no nome?

— Ah, Luís — o velho repetia —, se ela ainda tivesse o marido, ficava recatada... e minha filha ainda estaria conosco.

Retornamos a casa e entramos na sala, onde a família velava.

Na funerária haviam arranjado bem o corpo de modo a encobrir os cabelos dilacerados e as marcas da corda no pescoço. Mas o rosto de Lídia sugeria os tormentos por que passara nas últimas horas antes de pendurar-

se no galho da mangueira. Em suas feições estava claro, pelo menos para mim, que conhecia os seus escrúpulos, o horror ao pecado do qual não se julgava digna de perdão, o remorso que lhe transtornava o espírito já desequilibrado e próximo da loucura.

Sonho Demente

Desde muito pequeno eu ouvira falar da grande bailarina como de um mito.

Falavam dela homens graves acomodando suas rotundidades excessivas em macias poltronas forradas de couro, em salas de teto muito alto e iluminadas por abajures vermelhos, e enquanto conferenciavam — sem se importar com o menino encolhido ali pelos cantos, olhos compridos e interrogadores — acendiam seus cachimbos e mais graves se punham, como se discutissem algum difícil problema de Álgebra.

A grande bailarina era uma idealização, um sonho inalcançável, uma alcançável loucura.

Ao redor de seu nome reluziam mil faróis, e aqueles que o escutavam, ou que avistavam o brilho de suas lantejoulas, restavam entorpecidos num êxtase de desvario...

Desde muito pequeno desejei conhecer a grande bailarina.

E cresci, metido em roupas conforme a moda, cercado de gente que passava por mim e se perdia ao longo das avenidas, quebrando a cabeça em noites de insônia com os problemas dos livros que eu acabaria por esquecer, arrastando-me ao peso de uma época. Cresci com os anos que em fila indiana, cada vez mais tristes, me acenavam de longe como a dizer “o que resta é pouco, ou nada”.

Vivi sonhando com a grande bailarina.

Certa vez encontrei um homem muito velho a pedir esmolas embaixo duma marquise numa noite de inverno. O homem estendeu-me a mão e eu, ao deixar cair nela uma moeda, perguntei (sem saber ao certo por quê, talvez apenas por perguntar):

— O senhor já ouviu falar da grande bailarina?

Ele me olhou com um sorriso fugidio de agradecimento, e depois de meditar por alguns instantes, respondeu:

— A grande bailarina — (voz a denotar saudade e desilusão) —, ah, como era sublime!...

— Então o senhor a conhece?

Suspirou, guardando a moeda no bolso.

— Sim, eu a vi uma vez... eu era um rapazinho quando me apaixonei por ela. Que noite aquela, meu amigo, que noite aquela!... Nunca esqueci!

— Oh, eu queria tanto conhecê-la... o senhor não imagina o quanto eu sonho com isso! Fale-me um pouco mais dela, fale tudo que souber...

Uma rajada fria obrigou-me a embrulhar-me mais em meu capote e o velho recolheu-se para o desvão de uma escada, o vento assoviando nos fios da iluminação pública e arrastando papéis e folhas secas pela rua.

— Falar dela... — sorriu, com um movimento breve e lento de cabeça. — Não há como falar dela. Com que palavras?

Numa noite perambulava pelas ruas levando no pensamento o mito, o sonho, o desvario da grande bailarina, sobre quem ouvira pela primeira vez na mais remota meninice; mais de trinta anos haviam-se passado e ainda persistia em meus devaneios a esperança de encontrá-la...

Voltava tarde para casa quando decidi abandonar o caminho de costume e internei-me na teia da cidade, deixei-me envolver por suas muralhas de aço, perdendo-me em seu labirinto de sombras. Súbito avistei uma porta com luzes piscando acima do frontão, e me dei conta de estar diante de um desses teatros pequenos de subúrbio nos quais costumam-se encenar peças ruins por companhias medíocres — um lugar que eu, fiel aos grandes clássicos, não costumava freqüentar. No entanto me aproximei para examinar os cartazes, e foi com uma surpresa que me deixou pregado na calçada que li aquelas poucas palavras em letras grandes e vermelhas:

HOJE, SOMENTE HOJE
A GRANDE BAILARINA
OPORTUNIDADE ÚNICA
NÃO PERCAM!

Comprei um ingresso ainda duvidando de que fosse verdade, pois “como é que ela, o incomparável mito, pode apresentar-se num lugar sórdido como esse?”.

Ainda na dúvida avancei por um corredor escuro, e tateando — pois as luzes da platéia já estavam apagadas — entrei na sala de espetáculos. Ali, a multidão parecia suspensa em seu silêncio e imobilidade, atenta à música que provinha de uma pequena orquestra ao fundo e ao que acontecia no palco.

No palco, ao som da orquestra, evoluindo em movimentos precisos uma mulher de idade imponderável dançava.

Encontrei um lugar vazio e me sentei.

A grande bailarina dançava só, e a platéia, imobilizada, a acompanhava com os olhos fixos.

No palco ela girava sobre si mesma, sorria, distendia os braços, as pernas, o corpo — de ninfa, de deusa — colorido pela luz cambiante dos refletores. Mas o rosto tão pálido, os olhos tão fundos, exprimiam tão somente turbulência, porém uma turbulência revestida contraditoriamente de quietude: e ela continuava a rodopiar, leve, pássaro ou pluma, enquanto nos fazia perder a noção do tempo...

...e a ela dançou — horas, dias, meses, anos a fio, e ali permanecemos todos, perdidos de nós mesmos, contemplando-a.

Mal percebi que o espetáculo chegava ao fim: a música silenciando, a grande bailarina foi pouco a pouco tornando mais lentos e sutis seus movimentos até que o palco restou tomado por névoa e sombras e ela desapareceu.

Todas as luzes se acenderam.

Não houve aplausos, não era necessário pois a perplexidade e o silêncio em que persistiu por algum tempo o público melhor expressavam seu estado de espírito.

Foi quando olhei para um homem ao meu lado e vi que era muito velho e tinha uma barba comprida e branca. Seus olhos ainda fixos no palco lacrimejavam e suas mãos, cruzadas no colo, tremiam. Corri o olhar por toda a assistência e o que percebi com espanto é que eram todos muito, muito velhos: homens e mulheres nonagenários e encarquilhados levantavam-se agora para sair; atravancavam os corredores com seu passo inseguro e seus gestos trêmulos, arrastando-se para a saída enchiam o ar com a tosse catarrosa da velhice.

o palco ainda e para sempre silencioso e vazio
parecia-me contudo vê-la ainda nele leve e magnífica em seu vôo

Baixei a cabeça e olhei minhas mãos envelhecidas; toquei a pele do meu rosto e a senti enrugada e flácida; percebi meus cabelos longos e brancos, e em mim também branqueava uma barba espessa de muitos anos...

Sáímos para a rua como uma procissão de mortos.

Sáímos para a noite chuvosa e a cidade em ruínas onde — paisagem de horror —, meio aos escombros ardiam, aqui e ali, incêndios ocasionais.

Vagamos noite afora num mundo devastado perseguindo a visão, o mito — a figura irreal da mulher que parecia dançar no espaço velada pela névoa ao som da sinfonia dos ventos — até cairmos entorpecidos de cansaço.

A visão por fim e depois de um tempo incontável se diluiu.

Eu que tanto perseguira aquele sonho, por ele enfim destruído, eu e todos os outros buscávamos revivê-lo na memória para nosso conforto e esperança, mas compreendíamos aterrorizados a impossibilidade de tal loucura.

Destino

Por que meios pode um homem adivinhar o destino do outro, mesmo sem o conhecer, a ponto de lançá-lo no papel e mostrá-lo ao mundo em formato de livro? Ainda que eu seja um tanto cético... que falar em adivinhações cheira-me a misticismo, histórias que os tolos e os crédulos convertem em religião... porém não consigo explicar de outra forma o que um certo sujeito, um autor novato na praça — de muito talento, diga-se de passagem —; o que, portanto, esse tal autor novato fez: ele adivinhou.

A esse tipo, afirmo: nunca o vi mais gordo, a não ser de alguns *flashes* na TV — em um desses programas maçantes de auditório que, na falta de coisa melhor, enchem todos os horários —, e ele sem dúvida nem suspeita da minha existência. No entanto ele publicou um livro, e nesse livro contou uma história que é a história da minha vida, de certo momento da minha vida, pelo menos, com seus acidentes e percalços mais significativos. Se não for adivinhação, será coincidência? Ora, se me parece inconcebível algo como adivinhar as coisas, coincidência assim parece-me ainda menos provável...

Enfim, que o leitor faça seu julgamento.

A começar pelo nome, pelo meu triste nome, quero dizer: Roberval, pois isso de nomes... bem, é minha opinião que os nomes fazem as pessoas. Pode ser que não, que eu esteja errado, aliás eu não sei muita coisa, não tive tempo de aprender, andei toda a vida muito ocupado com assuntos sérios, é bom que se diga, pois um homem deve ocupar-se de coisas sérias... não, não digo que aprender não seja uma coisa séria, mas tive de fazer minha escolha, e fiz — sou um homem de escolhas, sempre fiz escolhas na vida e todas com segurança, sem arrependimentos, como esta que fiz agora, drástica escolha e da qual não me arrependo... mas, esperem aí, não vamos nos adiantar, não se pode pôr os carros à frente dos bois... Eu dizia... o que mesmo eu dizia? Ah, sim, acerca dos nomes... claro! Posso estar errado, também sou desses que admitem errar de vez em quando... posso estar errado e os nomes no fim das contas não dizerem nada sobre as pessoas; assim, um homem chamado Roberval será diferente de mim em tudo, não apenas nas suas escolhas, mas até mesmo naquilo que não pôde

escolher, pois é verdade que eu também não escolhi certas coisas... admito até que minhas escolhas são feitas entre aquilo que se me apresenta, e nem sempre posso eu mesmo apresentar-me opções, caminhos, restando-me apenas tomar um entre aqueles que tenho pela frente. De resto, parece-me que deve ser assim com qualquer um: cada pessoa escolhe aquilo que está diante de seu nariz, pois do contrário, como poderia saber o que escolher? Bem, mas tudo isso deve ser vão, não merece uma atenção maior... desculpem meu jeito tortuoso de falar... como disse, sou um homem sem instrução, pois não tive tempo... enfim, fiz escolhas... se me exprimo dessa forma, é que só o sei fazer assim, mas espero que me compreendam... além do que não deve ser difícil entender alguém como eu... desde, claro, que eu não me perca e consiga pôr os pensamentos em ordem. Outro Roberval, portanto, não seria como eu, e agora vejo que estava mesmo errado, nomes não têm nada a ver com pessoas, e no presente caso a única observação que faço é que, como o sujeito da história, eu também me chamo Roberval e absolutamente não gosto do meu nome, por isso imaginei que alguém que tenha um nome como o meu não pode ser um grande sujeito.

Mas outras coincidências aconteceram, por exemplo, Celito, um amigo e vizinho do sexto andar, e minha mulher — quase exatamente como o tal autor botou no livro: ali também há um Celito, conquanto a história não diga em que andar ele mora, e tanto o Roberval da história quanto eu somos casados, sendo que na história não aparece o nome da esposa — Solange — que eu cito aqui para desde logo dar nomes aos bois, como diz o ditado. Além disso, o Celito da história tem dois filhos, e o meu vizinho também, e até as idades são parecidas, oito e onze anos.

Essa sucessão de acontecimentos coincidentes pode parecer engraçada; torna-se incômoda quando ocorre conosco, e apavorante quando tende a continuar, isto é, quando novos acontecimentos venham, sucessivamente, corroborar a história de nossa vida escrita por um desconhecido.

Mas como foi, há de perguntar o leitor, que eu dei com essas coincidências, enfim, como foi que descobri — aterrorizado — que minha vida se encaminhava para a tragédia?

Do que lhes vou relatar, surge uma questão sobre a qual vale a pena quebrar um pouco a cabeça: uma pessoa já nasce com seu destino escrito, ou não? Já ouvir dizer — dizem-no os mais esclarecidos, os capazes de idéias profundas, não eu, que apenas colhi de oitiva, casualmente, tais discussões, que no entanto despertaram minha curiosidade, tanto que cheguei, à minha maneira limitada, a refletir sobre elas —; já ouvi, eu ia dizendo, que conforme alguns — foi desse jeito que entendi, espero estar correto —

o destino de um ser humano, não estando inteiramente escrito, existe assim mesmo já mais ou menos traçado na forma de caminhos (e conseqüências) alternativos. Tais caminhos podem ou não ser seguidos, dependendo exclusivamente de certas escolhas que se faz ao longo da vida, boas ou más de acordo com nosso discernimento, e que as conseqüências serão também de acordo com essas escolhas. Matutei um bocado sobre esse problema, não falei com ninguém, apenas ruminei cá comigo mesmo se haveria de ser assim. Cheguei a uma conclusão: deve ser assim, com uma diferença, qual seja, não há nada escrito no destino de uma pessoa, cada uma faz sua própria vida de acordo com as circunstâncias a que está sujeito e o que muda são justamente as circunstâncias (talvez esta seja uma outra maneira, pelo menos aproximada, de exprimir aquilo que escutei casualmente, mas não estou bem certo). Não fosse assim, fosse como querem, que tudo depende de nossas escolhas, como explicar que tendo eu, um homem mediano, de poucas posses, sem grandes ambições, que fez de seu trabalho sua vida, escolhendo sempre o mais plausível e sem contrariar o próximo — pois penso que não se deve contrariar o próximo, é preciso respeitar o próximo, amar o próximo como está na Bíblia... Enfim, como é que alguém como eu, sempre firme em suas decisões e com a conduta moral de um bom católico...? Sim, porque estou certo de sempre ter feito as escolhas adequadas, como disse antes sou um homem de escolhas, fi-las sem medo de errar e por isso não me arrependo, pois... se é verdade que não errei... bem, é claro que errei às vezes, todos erram... pecadinhos... todos cometem lá seus pecadinhos... Ora, no fim das contas o que quero dizer é que certas coisas que me aconteceram...

Não sou um homem de leituras, sou prático, e homens práticos não lêem livros: trabalham, cumprem com suas obrigações, vão à missa aos domingos, o que não é pouco. Nas horas de folga até lêem o jornal... eu leio algum jornal, para estar informado, sempre é útil saber a quantas anda o mundo, e pelo que vejo não vai muito bem. Mas homens práticos não pensam se o mundo vai bem ou mal, isto é, não se preocupam com isso, ou não se preocupam de forma que interfira no cumprimento de seus deveres, e é como procedo.

Não sou um homem de leituras, mas há coisa de um mês atrás, estando casualmente no centro da cidade, desabou um temporal tão violento no fim da tarde, que fiquei impossibilitado de chegar ao ponto do ônibus devido às ruas alagadas e tive de abrigar-me numa livraria à espera de uma estiagem. Se escolhi a livraria foi por ser a porta aberta mais próxima, e confesso que não me preocupei em olhar os livros, a não ser casual-

mente. Mas num desses relances casuais me deparei com o livro em questão, e se o apanhei, fi-lo apenas por curiosidade: a capa, curiosa, mostrava umas figurinhas estranhas que perdi tempo em examinar. Na orelha da contra-capla a foto do autor fez-me lembrar vagamente de já tê-lo visto na TV...

Estiou de repente, devolvi o livro à prateleira e saí à rua. Caminhei uma ou duas quadras até perceber que esquecera meu chapéu, momento em que voltou a chover. O comércio a essa altura já fechava e tive de correr de volta à livraria, que também já baixava as portas, não só para recuperar o chapéu como também para abrigar-me. O dono da casa olhou-me com cara de poucos amigos, deixou a porta meio descida e foi para o fundo do estabelecimento. Aborreci-me com tal descortesia. Então não pode um cidadão de bem apanhar o chapéu que esquecera e abrigar-se da chuva? (Abro este parêntesis para explicar que o chapéu, encharcado, eu o deixara num cantinho, no chão, de forma que não causou dano a nenhum dos livros, por isso não havia motivo para a zanga do livreiro.) Não quis dar o braço a torcer: para que o homem não pensasse que eu entrara ali apenas para não me molhar, resolvi comprar um livro, qualquer livro, e corri os olhos pelas capas... Dei com aquele que examinara há pouco, e o apanhei. Se o escolhi foi apenas porque pouco antes tinha-me chamado atenção, não sabia de que assunto tratava nem me detive a examinar outros livros. Paguei, meti o chapéu na cabeça, o livro no bolso do casaco, e saí sob a chuva.

Havia escurecido rapidamente, e ainda corri por baixo das marquises um bom pedaço até dar com um botequim aberto. Entrei, pedi um café, apanhei o copo e fui para a porta, onde fiquei parado por alguns minutos — bebericando, espiando o tempo cada vez pior. Devolvi o copo no balcão, voltei para a porta... e me lembrei do livro. Apanhei-o, recostei-me à parede e passei as folhas sem grande interesse... até dar com um título, “Incêndio”, que também não me despertaria a atenção se, ao passar as páginas não visse um nome familiar, Celito, e no fim do texto outro nome familiar, Roberval...

Retornei ao referido título, ao primeiro parágrafo, comecei a ler...

Em resumo, o Roberval da história — pois se tratava de uma história — descobre casualmente que seu amigo Celito lhe roubara cem mil dólares e ainda por cima “fazia porcarias” com sua esposa Solange quando ele ia para o trabalho; supõe — não tem certeza, mas a suposição não é descabida — que durante a “safadeza” um deles teria acionado com o pé o

botão *rec* da secretária eletrônica, e mais tarde, quando ele foi ouvir os recados ouviu, na verdade, o que os outros faziam na sua ausência. Daí, tomou uma decisão: acabar com ambos — mas de que maneira? Trancando-os de surpresa no banheiro, ateando fogo em seguida ao apartamento e correndo pelos fundos para fora, a tempo de ver o incêndio propagar-se rapidamente por todo o prédio.

A coincidência dos nomes pareceu-me apenas engraçada, mas não cheguei a pensar, no momento em que li, que aquela seria minha própria história a cumprir-se em breve, e nos menores detalhes.

Eu não poderia perceber logo a semelhança dos casos — o meu e o do Roberval da história — por alguns motivos óbvios: primeiro porque tal semelhança seria de todo improvável; segundo, porque eu nunca tive cem mil dólares que me pudessem ser roubados; terceiro, porque a Solange, ora, a Solange era uma mulher de quem eu jamais poderia desconfiar, além do que, coitada!, que atrativos teria — descarnada, meio amarela, os cabelos mal apanhados na nuca e presos com um cadarço de sapato, pra não falar da roupa ordinária que usa em casa, que não só não lhe cai bem como também lhe cai muito mal —, que atrativos teria, portanto, a Solange para acordar a lascívia num tipo sóbrio e sério como o Celito, que desde o falecimento da mulher um ano antes num acidente de carro lutava com dificuldade para manter os filhos, e que além disso tinha seu tanto de ridículo, meio calvo e sempre com um terno escuro coçado e um guarda-chuva?... A coincidência dos nomes pareceu-me apenas coincidência, bem como o fato de morar alguns andares acima de mim e ter dois filhos ainda meninos. Ao chegar em casa aquela noite, tarde e cansado, nem me lembro do que fiz com o livrinho. O caso é que não pensei mais nele, fui dormir e no dia seguinte acordei cedo para estar antes das sete no centro da cidade.

Somente cerca de dez dias depois deu-se a coisa: cheguei em casa no começo da tarde, o que não era habitual (naquele dia o chefe da repartição comemorava seu aniversário e resolvera dar folga aos funcionários), e não encontrei Solange. Ocorreu-me então ouvir os recados na secretária, e o que acabei escutando... bem, não é muito difícil adivinhar o que acabei escutando. A princípio não entendi direito, e não associei o que ouvia àquilo que lera no livro: aquela série de gemidos obscenos, nos quais reconhecia — sem acreditar, principalmente, sem entender — as vozes do Celito e da Solange; parecia-me algo tão absurdo que continuei ouvindo, fascinado, perplexo, até que aos poucos a luz foi entrando em meu entendimento. Aquilo fora gravado naquela manhã! E uma frase do Celito, entre as poucas coisas inteligíveis que pude colher, deu-me conta ainda de que, se não

em cem mil dólares, pelo menos nos meus poucos ganhos ambos, e vilmente, me roubavam! Dizia ele: “Que tal almoçarmos fora? Podemos pagar a conta com o dinheiro que o teu marido deixou. Quanto ele te deu ontem?” Depois disso a fita chegava ao fim. Estarrecido, lembrei-me do livro e vasculhei a casa atrás dele. Fui encontrá-lo no fundo de uma gaveta misturado a um maço de papéis velhos, e folheei-o nervosamente... Agitado demais para compreender qualquer coisa que lia, cheguei ao fim da história (o conto intitulado “Incêndio”) tão confuso quanto no começo: tive de meter a cabeça embaixo d’água fria para me acalmar, e reler procurando entender bem cada frase.

Tudo fora descrito ali, quase exatamente! Seria então aquele o meu destino — o meu terrível destino? Pois o Roberval da história, após incendiar o prédio, vê os filhos do Celito presos no terraço e resolve salvá-los (no livro, a escada dos bombeiros não alcançava o terraço). Ao chegar em cima, contudo, constata que as crianças — não se sabe como — já estavam na rua, a salvo. O pior da história é que tanto a puta da mulher quanto o canalha do Celito conseguem escapar — pela escada de incêndio — e chegar à rua também são e salvos, enquanto o pobre Roberval se vê perdido no terraço, no meio do fogo.

Estremeci. Era meu destino morrer daquela forma — estava escrito no livro, estava escrito antes mesmo de eu existir, não havia escapatória. No meu nervosismo, não sei como tive cabeça de apagar a fita da secretária antes de sair para a rua. Uma ou duas horas mais tarde, após ter tomado um ônibus sem destino certo, dei comigo mesmo, um pouco mais calmo, sentado numa pracinha onde crianças brincavam entre canteiros de flor.

Acalmando-me pouco a pouco, comecei a organizar os pensamentos e, como tinha levado o livro comigo, li mais uma vez a história do Roberval. Foi quando me lembrei da conversa, ouvida há tempos, acerca do destino. Será que fora mesmo escrito aquilo para mim, ou eu teria como escolher? Ocorreu-me que eu poderia mudar o final da história se, por exemplo, chegando em casa desse um tiro na cara da Solange e outro no Celito, e então percebi que, uma vez que o caso se apresentava a mim dessa forma, havia alternativas, não era forçoso deixar-me simplesmente levar pelos acontecimentos. Claro que se descarregasse o revólver nos dois a coisa tomaria outro rumo, mas eu acabaria preso e meu fim seria, de qualquer forma, péssimo. Incendiar o apartamento, como o Roberval da história fez, parecia-me de bom alvitre, pois nosso prédio era um tanto velho e para inflamar-se seria de improviso... apreensivo, senti que mesmo que eu pudesse escolher, uma força me arrastava na direção da tragédia: quanto

mais eu pensava, mais me parecia viável e simples acabar com ambos por meio de um incêndio — e me dei conta de que devia tomar muito cuidado com os passos a seguir de então por diante.

O que fiz nos dias seguintes foi elaborar um plano e calcular com precisão cada detalhe, para que nada saísse errado. Eu optara pelo incêndio, como o Roberval da história, que a partir de então deveria ser alterada de forma que as conseqüências para o Roberval verdadeiro fossem diferentes.

O plano se baseava num ponto essencial para mim: Solange devia morrer, mas Celito não, e tão simples se desenhcou na minha cabeça, que eu tive de repassá-lo várias vezes para convencer-me de sua eficácia!

Ora, permitir que ambos vivessem era fácil, bastava deixar as coisas por conta do que já estava escrito, e mesmo contrariar a profecia, matando a ambos, oferecia poucos problemas. Mas fazer com que um escapasse e ou outro não já me parecia mais difícil, e confesso que passei a noite pensando em como agir. Reli o história com atenção, certo de que ela me forneceria uma pista, e não me enganei: o Roberval da história, após trancar a mulher e o amante no banheiro e atear fogo ao apartamento, sai tranqüilamente e vai assistir “de camarote” ao espetáculo, até ver as crianças acudadas pelo fogo no terraço e resolver salvá-las; a fuga dos dois amantes se dá no momento em que o Roberval da história sobe rumo ao terraço pela escada de incêndio e percebe que duas pessoas passam por ele descendo, sem as reconhecer; momentos depois é o próprio Roberval quem se vê encurralado pelo fogo e verifica que as crianças haviam escapado. Chamou-me atenção o fato de a escada de incêndio do meu prédio não ir até o terraço: terminava um andar abaixo, razão pela qual não seria possível, na realidade, chegar lá através dela para salvar as crianças, e como na história não ficava claro como estas escapavam, era necessário sabê-lo imediatamente: o terraço não era usado há muito tempo e acabara virando depósito de trastes; amontoavam-se ali ferragens de beliches, quadros de bicicletas, camas e sofás semi-destruídos, caixas com uma enorme quantidade de garrafas vazias, e uma variedade de outras sucatas que não serviam para nada. Verifiquei, porém, que entre o lixo havia pedaços de cordas e fios, e deduzi que as crianças usariam esses fios e cordas para descer até a escada, de onde facilmente chegariam à rua. Lembrei-me de que no livro a escada dos bombeiros não alcançava o terraço: seria possível, apesar de o meu prédio não ser assim tão alto? Bem, como tudo até então parecia coincidir, concluí que os bombeiros, uma vez que eu começava a interferir na história (e minha interferência, suponho, deveria influir em outros pontos

que eu não previa), ou não seriam chamados, ou chegariam tarde demais, ou mesmo teriam uma escada muito curta...

Devia considerar também que, tão logo o incêndio se alastrasse tomando o quarto e o quinto andar, outros moradores, sem conseguir descer ou fugir pela escada de incêndio, certamente correriam em direção do terraço, atrapalhando minhas intenções. De início isto me pareceu um obstáculo, mas como a história não falava de mais ninguém no terraço (lá estavam apenas as crianças e, depois, o próprio Roberval), esse risco não existia: ou não haveria outras pessoas no prédio àquela hora (o que não seria despropositado, já que se tratava de um prédio com um reduzido número de apartamentos, alguns até mesmo desocupados, e a maioria dos moradores estaria trabalhando àquela hora), ou então se safariam sem optar pelo terraço.

Sim, no fim das contas o plano parecia perfeito: tudo verificado de antemão, as chances de dar errado eram desprezíveis. O que estava escrito podia ser mudado, disse eu tinha certeza, cabia-me apenas interferir corretamente nos acontecimentos.

Na véspera de pôr em ação o meu plano deitei-me cedo, dormi tranqüilo, levantei-me na manhã seguinte antes da sete, como de hábito, e saí para o trabalho. Voltei duas horas mais tarde, subi ao meu apartamento e fui dar com os despidorados no banheiro, no maior descaramento, fazendo as piores sem-vergonhices entre gritinhos, gemidos histéricos e palavrões (coisa, aliás, que já se me tornara familiar: lembro que o Roberval da história, após escutar a gravação acidental na secretária eletrônica, manda pôr uma pequena câmera escondida no quarto, e o Roberval da realidade, isto é, eu, faz o mesmo: nos dias seguintes assisti a diversas sessões de cinema pornô da pior qualidade, não apenas por faltar enredo nas fitas, mas também porque os atores eram péssimos!). Tranquei o banheiro por fora (sabendo que eles conseguiriam escapar, pois assim dizia a história), espalhei calmamente a gasolina nos móveis, na roupa de cama, nas cortinas e, da porta, tendo na mão uma valise com alguns objetos que utilizaria em seguida, risquei um fósforo. No corredor, despejei um último galão de gasolina na direção da escada que descia, diga-se de passagem uma antiga escada de madeira, para que, ao fugirem, os dois fossem obrigados a subir — um dia antes tivera o cuidado de derramar Super-Bonder na fechadura da saída de incêndio do quarto e do quinto andar para obrigá-los a subir até o sexto; essa providência era necessária, como veremos, pois eu tinha de estar a pelo menos dois andares de distância do foco principal do incêndio, para ter tempo de sair em segurança; lembrem-se de que eu estava

mudando a história, já não deixaria o prédio em chamas para assistir da rua o espetáculo, mas permaneceria nele ainda um bom tempo: corri então para o sexto andar, onde quebrei todas as lâmpadas do corredor, escondi-me no escuro e esperei.

O fogo tomou conta de todo o quarto andar rapidamente, e a fumaça logo chegou em cima. Como na história os filhos do Celito correriam para o terraço, não duvidei um momento de que eles pressentiriam o incêndio, e com efeito vi quando ambos, abrindo a porta de seu apartamento, saíram assustados pelo corredor às escuras. Seu primeiro ímpeto foi descer, mas grossos rolos de fumaça vinham de baixo, então subiram. Continuei esperando, e não tardou que os dois sem-vergonhas aparecessem, como previsto, apavorados e meio sufocados com a fumaça, tentando abrir a saída de incêndio. Confirmando a história, não havia mais ninguém nos corredores, e então, tranqüilamente, aproximei-me dos dois, tomando a providência de cobrir o rosto com um pano (já que voltaria a me encontrar na rua com o Celito e não pretendia que ele me acusasse), atirei contra Solange à queima-roupa duas vezes e logo desapareci outra vez na escuridão. Solange estava morta, mas Celito viveria.

Estou certo de que o leitor vem se perguntando por que eu fazia tanto empenho em deixar com vida o filho-da-puta que comia minha mulher. Pergunte-se, leitor, em vez disso, como pode um simples burguês cumprir de seus deveres e freqüentador da missa tomar a decisão que eu tomei, e levá-la até o fim, sem titubear.

Disse acima que, ao investigar preliminarmente o terraço, encontrei o entulhado de velharias. Não disse, porém, tudo. Não disse, por exemplo, ter recolhido todos os pedaços de corda e de fios que havia entre a sucata, de forma que ao chegar ali as crianças não teriam como descer até a escada de incêndio. Que elas permanecessem no terraço fazia parte do plano, e assim, quando ali cheguei os filhos do Celito não haviam conseguido salvar-se: apavorados, acenavam para a rua, onde os bombeiros já manejavam a Magirus. Bati a porta de aço e passei o ferrolho. Com o barulho as crianças voltaram-se e, vendo-me, correram para mim, agarrando-se à minha cintura. Ajoelhei-me entre ambas abraçando-as, e as beijei com carinho; abri a valise e retirei um pequeno frasco com clorofórmio...

Momentos depois eu descia tranqüilamente até a rua, utilizando a corda que também trazia na valise, sem ser notado, pois escolhera como via de escape os fundos do prédio, que davam para um terreno baldio, sujo e cheio de mato.

Ultimamente tenho cruzado na rua com o Celito, que passa por mim às vezes sem encarar-me; noutras ocasiões, porém, atira-me do fundo de seu ódio impotente um olhar de pavor: ele sabe, apesar do meu rosto coberto por um pano, que fui eu quem desfechou os dois disparos fatais contra Solange e decerto sabe também, ou pelo menos desconfia, que fui eu ainda quem, após narcotizá-las, algemou as crianças pelas pernas nos ferros de encanamento que havia no terraço, como aliás foram encontradas depois, fritinhas como um bife na grelha.

Numa noite como aquela não haveria ninguém na rua, não estivesse ali nosso personagem a caminhar impacientemente de um lado para outro, a espiar a janela daquele prédio cinzento e triste, adivinhando alguma luz detrás das persianas e imaginando sabe lá Deus o quê. O fato é que chegou ao fim da rua e retornou, evitando cuidadosamente as zonas iluminadas (diga-se de passagem mal iluminadas, pois as lâmpadas, além de fracas e amarelas, estavam em sua maioria queimadas). Encolhia-se sob as marquises para evitar que o vissem — precaução desnecessária, já que não havia mais ninguém por perto —, apertava os braços cruzados sobre o peito numa inútil tentativa de amenizar o frio, mas uma rajada cortante forçava-o a levantar a gola do capote e dessa maneira proteger-se um pouco melhor.